UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
Instituto de Ciências Humanas
Programa de Pós-Graduação em História
Curso de Mestrado

Dissertação

A fé sub júdice:

germanidade e fé luterana no extremo sul do Brasil

Bruno Einhardt Bierhals

Pelotas, 2022

Bruno Einhardt Bierhals

A fé sub judice:

germanidade e fé luterana no extremo sul do Brasil

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História do Instituto de Ciências Humanas, da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em História.

Orientador: Prof. Dr. Edgar Avila Gandra

Pelotas, 2022

Universidade Federal de Pelotas / Sistema de Bibliotecas
Catalogação na Publicação

B586f Bierhals, Bruno Einhardt

A fé sub Judice : germanidade e fé luterana no Extremo Sul do Brasil / Bruno Einhardt Bierhals ; Edgar Avila Gandra, orientador. — Pelotas, 2022.

140 f. : il.

Dissertação (Mestrado) — Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, 2022.

1. Imigração alemã. 2. Identidade. 3. Segunda Guerra Mundial. 4. Rio Grande do Sul. 5. Luteranismo. I. Gandra, Edgar Avila, orient. II. Título.

CDD : 325.343098165

Elaborada por Simone Godinho Maisonave CRB: 10/1733

Bruno Einhardt Bierhals

A fé sub judice: germanidade e fé luterana no extremo sul do Brasil

Dissertação aprovada, como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em História, pelo Programa de Pós-Graduação em História, Instituto de Ciências Humanas, da Universidade Federal de Pelotas.

Data da defesa: 25 de maio de 2022

Banca examinadora:

_____

Prof. Dr. Edgar Avila Gandra (Orientador)
Doutor em História pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul

_____

Prof. Dr. Marcos Antônio Witt
Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul

_____

Prof. Dr. Paulo César Possamai
Doutor em História Social pela Universidade de São Paulo

_____

Prof. Dr. Charles Pereira Pennaforte
Doutor em Relações Internacionais pela Universidade Nacional de La Plata

Agradecimentos

Aos meus pais, agradeço pela dedicação e pelo incentivo. Por proporcionarem a mim e a meu irmão a oportunidade de construirmos conhecimento e buscarmos qualificação profissional. Já dizia Martin Lutero em uma prédica em 1930: “Pais, mandem seus filhos para a escola”. Certamente cumpriram com sabedoria seu papel de educadores, somos frutos de seus empenhos.

Agradeço a meu irmão Maurício, meus demais familiares e amigos, que estão sempre prontos a ajudar no que for preciso. É muito bom poder dividir este momento com vocês, pois cada um teve papel essencial na minha trajetória acadêmica.

A minha querida noiva Quédina, minha melhor amiga, carinhosa, incentivadora, e sobretudo, compreensiva. Agradeço por toda a ajuda, pelo encorajamento e conselhos que me deste, pela disposição de ouvir minhas queixas e reclamações, pela calma e pela paciência que me ensinaste. Obrigado pelos momentos de descontração, de risos e brincadeiras. Por tudo que és pra mim, sou muito feliz, te amo.

Ao caro professor Edgar Avila Gandra, orientador, mas sobretudo, grande amigo. Me alegro pela amizade que construímos já de longa data. Te agradeço por aceitar este desafio junto comigo, pelo conhecimento e por todo apoio prestado.

A UFPel, através de seus servidores e colaboradores, ao Colegiado do PPGH e a todas as professoras e professores que tive durante minha pós-graduação.

Por fim, a Deus, castelo forte e bom, a quem só tenho a agradecer. Pelas bênçãos derramadas, por todas as alegrias da vida. Graças dou pelo futuro que estamos construindo, e por tudo que já passou. Por ter tantas coisas a agradecer, sempre graças hei de dar!

Resumo

BIERHALS, Bruno Einhardt. **A fé sub judice**: germanidade e fé luterana no extremo sul do Brasil. Orientador: Edgar Avila Gandra. 2022. 140 p. Dissertação (Mestrado em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2022.

Este trabalho discorre sobre as tensões e os conflitos sociais, políticos e religiosos que envolveram a análise da implantação da reorientação teológica proposta pela IECLB - Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, a partir do Concílio Sinodal de 1946, imediatamente após a Segunda Guerra Mundial. Analisando suas reverberações nos contextos urbano e rural de Pelotas/RS, discute-se a questão da germanidade e das mudanças sociopolíticas a partir das memórias reavivadas de atores que vivenciaram este processo.

Palavras-chave: Imigração Alemã. Identidade. Segunda Guerra Mundial. Rio Grande do Sul. Luteranismo.

Abstract

BIERHALS, Bruno Einhardt. **The faith sub judice**: germanness and lutheran faith in the extreme south of Brazil. Advisor: Edgar Avila Gandra. 2022. 140 p. Dissertation (Masters in Sociology) – Institute of Human Sciences, Federal University of Pelotas, Pelotas, 2022.

This work discusses the social, political and religious tensions and conflicts that involved the theme of the proposed research, namely: to develop an analysis about the implementation of the theological reorientation proposed by the IECLB - Evangelical Church of the Lutheran Confession in Brazil, from the Sinodal Council 1946, immediately after the Second World War. Analyzing its reverberations in the urban and rural contexts of Pelotas/RS, we discuss the issue of Germanness and socio-political changes from the revived memories of actors who experienced this process.

Keywords: German Immigration. Identity. Second World War. Rio Grande do Sul. Lutheranism.

Lista de Figuras

Figura 1	Lápide com possível suástica nazista, Arroio do Padre/RS	13
Figura 2	Placa no Clube Caixeiral, Pelotas/RS	15
Figura 3	Comunidade Evangélica de Arroio do Padre II	30
Figura 4	Comunidade Evangélica Advento	31
Figura 5	Comunidade Evangélica São João	33
Figura 6	Comunidade Evangélica Martim Lutero	35
Figura 7	Sepultura de Gisela Stellbrink	37
Figura 8	Karl e Hildegard Stellbrink em Arroio do Padre II	41
Figura 9	Passaporte de Karl Friedrich Stellbrink e sua família, emitido em 1929, quando retornou à Alemanha	50
Figura 10	Adele Dieckmeyer, sogra de Karl Friedrich Stellbrink, com Gisela Stellbrink (a primeira Gisela, de 1923) no colo	51
Figura 11	Família Stellbrink no jardim da casa paroquial com Ewald, Gisela (a segunda Gisela, de 1925), Hildegard, Karl Friedrich, Waltraut, Gerhard e Hugo	51
Figura 12	Reverendo Alfredo Simon	109

Lista de Siglas

CIA	Central Intelligence Agency
CETAP	Centro de Treinamento Agro Pecuário
EST	Escola Superior de Teologia
FATEV	Faculdade de Teologia Evangélica
FLT	Faculdade Luterana de Teologia
IECLB	Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil
IELB	Igreja Evangélica Luterana do Brasil
IPT	Instituto Pré-Teológico
MEC	Ministério de Educação e Cultura
ME	Movimento Encontrão
NSDAP	Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães
PPL	Pastoral Popular Luterana
RS	Rio Grande do Sul
UNISINOS	Universidade do Vale do Rio dos Sinos
USA	United States of America

Sumário

1 Introdução 8

2 Igreja alemã no Brasil: uma análise histórico/antropológica de justificação cultural 21

2.1 Aspectos históricos: tradições culturais necessárias para a manutenção 22

2.1.1 As quatro paróquias luteranas pelotenses 31

2.2 Karl Friedrich Stellbrink: uma cruz, uma suástica, uma análise de caso 39

2.3 Perigos e consequências de uma aproximação entre Evangelho e germanidade 55

3 Refletir e recomeçar: o processo de abertura cultural da IECLB em Pelotas, Rio Grande do Sul 66

3.1 Federação Sinodal e IECLB: a tentativa de uma igreja legitimamente brasileira 69

3.1.1 Os paradigmas da língua alemã 80

3.1.2 O Manifesto de Curitiba 86

3.2 As igrejas luteranas pelotenses após a Segunda Guerra Mundial 90

3.3 Movimento Encontrão 97

3.4 Manutenção e reformulação: descompassos entre os pastores e as comunidades luteranas pelotenses 104

3.5 Alfredo Simon: pastor e educador 111

4 Resquícios de fé luterana: novos rumos e perspectivas futuras 118

4.1 Conselhos: anseios de quem viveu, para com aqueles que continuarão 122

5 Considerações finais 127

Referências 132

1 Introdução

A presente pesquisa busca ressignificar um contexto histórico complexo na história brasileira recente, a saber: a tentativa de abrasileiramento do Sínodo Rio-Grandense que, em 1949, passou a integrar juntamente com outros três sínodos, a Federação Sinodal. A federação referida assumiu o nome de Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB) pouco tempo depois. Neste cenário, por meio de uma pesquisa direcionada a uma comunidade teuta específica, existente na cidade de Pelotas, Rio Grande do Sul, buscaremos desvelar esse processo, que é uma marca na comunidade em questão.

Nesse contexto, edificamos nosso trabalho tendo como perspectiva este momento singular que se caracterizou pela ruptura entre a Igreja Luterana e o ser alemão/identificação com a germanidade, proposta apresentada pela primeira vez no Concílio Sinodal de 1946, e expandida posteriormente por meio de outras ações, como, por exemplo, a feitura do Manifesto de Curitiba, de 1970. Há nesse aspecto um campo de estudo da história política, que resultará em um enfrentamento tanto físico como simbólico na cidade em apreço. Há também um esforço para sintetizar o universo conceitual que utilizaremos ao longo deste trabalho. Por vezes, a temática desta pesquisa aproxima-se da trajetória de vida do autor, o que influenciou significativamente a reflexão utilizada na feitura desta pesquisa, visto que, por vezes, ambas se incorporam e se mesclam.

Como inspiração, visto que as fontes constantemente se referem a Martim Lutero, inicia-se demonstrando alguns elementos acerca deste personagem histórico, que permitem expor o pano de fundo da questão analisada. Ou seja, as fontes orais percebem na própria trajetória de Lutero uma simbologia fundante para o contexto da comunidade na cidade de Pelotas/RS. Há 500 anos, era comum que a peste ou alguma doença corriqueira da época ceifasse a vida de bebês, crianças e jovens, ou seja, ninguém considerava realmente aquele indivíduo, até que ele atingisse uma certa idade. Martim Lutero[1] perdeu sua filha Madalena com apenas 13 anos de idade,

[1] Martinho Lutero, em alemão Martin Luther (Eisleben, 10 de novembro de 1483 - Eisleben, 18 de fevereiro de 1546) foi um monge agostiniano e professor de teologia germânico que tornou-se uma das figuras centrais da Reforma Protestante. Levantou-se veementemente contra diversos dogmas do catolicismo romano, contestando sobretudo a doutrina de que o perdão de Deus poderia ser adquirido pelo comércio das indulgências. Essa discordância inicial resultou na publicação de suas 95 Teses, em 1517.

e isso impactou-o extremamente. Depois disso, encontramos em suas cartas um pai que chora. Desde então, a relação de Lutero com seus filhos e suas concepções sobre a juventude e a infância mudou completamente, de modo que um sentimento mais humano passou a ser parâmetro, não só para ele, mas para uma grande parte da humanidade. Lutero enfatizava a importância da educação, o que o levou a dizer em uma de suas prédicas, no ano de 1530: “Mandem seus filhos para a escola, [...] os pais que não mandam seus filhos à escola, estão condenados ao inferno” (LUTERO, 1995, p. 432).

Segundo os depoentes, esta determinação defendida com tanto afinco por Lutero à sua época, acabou, em parte, refletindo-se enquanto um dogma educacional aqui no Brasil, onde imigrantes vindos da Pomerânia[2] e de outras regiões da Prússia[3] construíam suas Igrejas e, geralmente anexas a elas, também suas escolas. Um dos aspectos que merece ser enfatizado é que, no longo prazo, o Sul passou a integrar o conjunto das regiões onde se encontravam os maiores índices de alfabetização do Brasil, sendo que, um dos elementos foi a iniciativa educacional das Igrejas. Cabe enfatizar que, a região de imigração alemã no Sul do Rio Grande do Sul foi uma das mais alfabetizadas, e isso não se deve primariamente a pastores, mas à iniciativa de imigrantes que seguiram a orientação de Lutero, de que em cada localidade deveria haver escola para meninas e meninos.

Convém desde o início apresentar ao leitor a vinculação do autor com o tema. Ao escrever este trabalho, disponho-me a fazer algumas relações pessoais com a

[2] Pomerânia (em alemão, Pommern; em pomerano, Pommerland), situada no norte da Polônia e da Alemanha, na costa sul do mar Báltico, entre as duas margens dos rios Vístula e Odra, atingindo, a oeste, o rio Recknitz. Seus habitantes eram oriundos de tribos germânicas que no século V se fixaram nessa região. A pobreza era algo comum a essas pessoas. A Guerra dos Trinta Anos teve consequências nefastas para os pomeranos, pois cerca de 30% da população morreu. No processo da Unificação Alemã, a região era forte objeto de disputas territoriais. A derrota alemã na Segunda Guerra Mundial e a anexação da região pela Polônia desconstruíram o pouco que ainda sobrava dessa população, que foi expulsa e se refugiou em outras regiões da Alemanha. Seu dialeto desapareceu da Europa, sendo o Brasil o único país onde ainda se fala regularmente o pomerano (BUCHHOLZ, 1999).

[3] Prússia é uma região histórica que se estende desde a baía de Gdańsk, no final da Curlândia, até a Masúria, no interior do que é atualmente território polaco. Do século XIII em diante, a área tornou-se posse de reinos germânicos que impuseram costumes próprios e transformaram a Prússia em uma potência militar. A Prússia tornou-se poderosa, dominando boa parte do centro do continente europeu no século XIX. O seu auge ocorreu em 1871, quando o ministro-presidente prussiano Otto von Bismarck liderou a unificação dos Estados de origem germânica para criar um novo país, o Império Alemão. Essa organização começaria a ruir com a derrota alemã na Primeira Guerra, em 1918 (CLARCK, 2006).

temática, desta forma, conto também um pouco da minha história[4]. Nascido em 1998, já às margens do século XXI, em uma distância temporal significativa do contexto supranomeado, eu, teuto-descendente do extremo-sul do país, fui educado em um bairro, uma escola e uma igreja em que a predominância ainda é de origem alemã. Desta forma, desde muito cedo, influenciado por familiares e incentivado por meus pais a conhecer e preservar elementos dessa cultura – o que demonstra a presença destes valores religiosos e educacionais de forma robusta aqui no Sul do país –, iniciei minha caminhada educacional atrelada aos propósitos luteranos, tanto no âmbito escolar, quanto no âmbito religioso.

Até determinada idade, minha rotina resumia-se a ir à escola, brincar e, aos fins de semana, acompanhar meus pais em alguma atividade da igreja ou do clube[5], que até hoje frequentamos. À medida que comecei a participar, além da escola, também do culto infantil da minha comunidade, foi que a narrativa das histórias bíblicas passou a ser admirada por mim. Sendo eu apenas uma criança naquele momento, ficava admirado com os louváveis feitos daqueles homens e mulheres, e com a riqueza dos detalhes que as professoras se empenhavam em trazer, mas, sequer imaginava que a religião que herdei de meus avós e de meus pais representava e significava muito mais do que isso. Inclusive, hoje o devir histórico me leva, como historiador, a revisitar e ressignificar minha própria trajetória.

Uma lembrança emblemática, dentro desta ligação com a temática, é o fato de que com 12 anos entrei para o Ensino Confirmatório, período que para os luteranos é equivalente à catequese para os católicos, quando os jovens estudam a Bíblia como um todo, a história da Igreja desde seu princípio, até a sua chegada no Brasil em 1824, as principais doutrinas do luteranismo, os sacramentos e assim por diante. Neste momento, percebi a riqueza e o peso histórico do âmbito religioso, sobretudo, da vertente luterana, no qual me encontrava inserido. Também, nesse momento, diversas indagações, lacunas e, sobretudo, a reflexão sobre as contradições dos processos da Igreja ficaram como marca para uma análise posterior, que busco agora, dentro do rigor acadêmico, suprir e contribuir por meio desta análise. Interessante ressaltar que

[4] Em razão do encadeamento entre a história pessoal do autor e dos resultados da pesquisa – assim como de reflexões resultantes destes – alguns trechos serão apresentados em primeira pessoa do singular.

[5] A Sociedade Recreativa XV de Julho foi fundada em 1951. O tradicional clube do bairro Três Vendas foi fundado para congregar os descendentes de imigrantes alemães moradores da localidade e promover a integração da cultura alemã e pomerana com toda região de Pelotas.

este trabalho, a partir do rigor teórico que busquei na sua condução, fez-me ressignificar em parte minha própria história.

Anos depois, com a graduação em História já em curso, fui convidado a fazer parte do corpo docente que organiza e ministra o Ensino Confirmatório da comunidade Martim Lutero, inserindo-me cada vez mais no apanágio historiográfico do catolicismo e do protestantismo, já que a gênese de uma se encontra na existência da outra. Interessante ver que a relação da história do catolicismo e do protestantismo são uma das chaves de leitura deste trabalho, e é nesse aspecto relacional que navegamos, em meio à história dos teutos-descendentes do Sul do Brasil. Essas reflexões que começaram a ser objeto de análise historiográfica a partir das pesquisas realizadas durante o desenvolvimento de meu Trabalho de Conclusão de Curso, a saber: "Afetividades divididas: teuto-brasileiros durante a Segunda Guerra Mundial, perspectivas de identidade"[6], que abordou as particularidades teuto-pelotenses durante o período em apreço, apresentaram uma situação complexa, uma identificação estigmatizada pela sociedade teuto-pelotense que vinculava a Igreja luterana e o "ser alemão". Nesta pesquisa, o diálogo com as fontes lançou luzes para o tema que agora desenvolvo na dissertação, tendo em vista que o aspecto religioso era constante nas falas e entrevistas como um todo. Em termos de resultado, foram propostos dois fatores significativos para que os teuto-descendentes reformulassem sua identidade. A perseguição direcionada aos teutos durante o Estado Novo, agudizada em agosto de 1942, em decorrência dos desdobramentos da Segunda Guerra Mundial, tornou-se motivo de agregação, responsável por promover uma unidade dentro do grupo étnico. Ainda mais além, a Igreja, especialmente a Luterana, que se manteve relativamente preservada frente às perseguições empreendidas, configurou-se como um local seguro para que os teuto-descendentes pudessem promover debates e discussões sobre questões de interesse político e social, pertinentes para a reorganização do grupo. Em outras palavras, a Igreja tornou-se um refúgio, uma via possível naquele cenário, pois, possivelmente enquanto instituição religiosa, sagrada, resistiu ao seu total embargo.

[6] BIERHALS, Bruno Einhardt. **Afetividades divididas:** teuto-brasileiros durante a Segunda Guerra Mundial, perspectivas de identidade. Orientador: Edgar Ávila Gandra. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

Em um olhar direcionado à Pelotas/RS, por meio diálogo com as fontes consultadas para a realização de pesquisas anteriores, observa-se que as comunidades luteranas da cidade, nos primeiros anos do século XX, foram pastoreadas por ministros alemães, com formação superior em teologia na Alemanha. Já na década de 1930, alguns brasileiros já haviam adentrado nesse mercado de trabalho, contudo, os ministros ordenados oriundos da Alemanha ainda representavam a maioria. É nesse momento, também, que a relação com o Estado Alemão é agudizada com a emergência do nacional-socialismo, pois o mesmo buscava ter o controle de todos os aspectos da vida cotidiana. Certamente que, por ser palco de atuação de pastores de origem alemã, a questão do germanismo tenha se engrandecido de forma singular nas comunidades pelotenses, apresentando particularidades e desdobramentos próprios, dentro de um contexto ainda maior.

Corroborando, o historiador e teólogo Martin Norberto Dreher, em sua tese *"Kirche und Deutschtum in der Entwicklung der Evangelischen Kirche Lutherischen Belenntnisses in Brasilien"* (Igreja e germanidade: estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil)[7], publicada em português no ano de 1984, reforça a ideia de que nos primeiros 45 anos do século XX houvera uma estreita relação entre as igrejas brasileira e alemã, em um esforço comum pela preservação nacional. Contudo, Dreher vai além e indica que, após a ascensão nazista, a Igreja Luterana da Alemanha foi impregnada pela ideologia nacional-socialista. Por conseguinte, inúmeros líderes pastorais sul-brasileiros manifestaram seu apoio à ideologia nazifascista, sendo essa uma das facetas deste estudo, compondo este rico mosaico com o qual me propus a trabalhar até aqui.

Que a influência nacional-socialista também se fez presente no Brasil e nas comunidades luteranas fica evidente na bibliografia já existente, contudo, essa afirmação carece de ressalvas. Na realidade, no ano de 1933, primeiro ano do Partido Nazista no poder, diversos jovens pastores estiveram filiados ao NSDAP e os mais "afoitos" vestiram a camisa marrom. Em meados de 1934, porém, a significativa

[7] Observa-se que a obra de Martin N. Dreher, publicada em 1984, compõe o grupo de trabalhos chamados "clássicos" sobre a temática da germanidade. Contudo, outros importantes autores também se dedicaram a tal temática de 1984 em diante, entre eles: Isabel Cristina Arendt, Imgart Grützmann, Roberto Radünz, João Klug, Patrícia Bosenbecker, entre outros. Estes importantes autores não serão abordados neste trabalho por uma opção nossa de recorte de estudo, tendo em vista que, abriria um campo muito fecundo, ao qual não seria possível contemplar de forma profícua e necessária, dentro desta dissertação. No entanto, achamos importante fazer o registro para deixar claro como o campo de estudo é mais amplo.

maioria se retirou do partido e os que não o fizeram foram despachados para a Alemanha. Após a desfiliação, porém, muitos foram encarcerados em campos de concentração pela polícia do Estado Novo. Alfredo Simon, importante figura pastoral da região de Pelotas/RS é exemplo disso.

Destaca-se de pronto que o trabalho de Dreher foi um dos elementos que me levou a debruçar-me sobre esta temática de estudo, pois germanidade e nacional-socialismo eram considerados sinônimos para a polícia varguista. Desta forma, direcionamos nosso olhar para um local específico, e buscamos analisar os desdobramentos da aplicação da reforma teológica supracitada. Dreher traz aos leitores de sua obra as perspectivas e a tomada da decisão por parte do concílio, no entanto, não amplia o debate sobre a sua aplicação. É neste ponto que se inicia nossa pesquisa, a qual busca refletir acerca das mudanças dentro do processo de abrasileiramento.

Um outro momento interessante da pesquisa que ora realizo deu-se quando tive contato com uma possível suástica grifada em um túmulo aqui no sul do Rio Grande do Sul. Esse fato desencadeou uma série de perguntas, dentre elas: seria ela um símbolo nazista ou algo vinculado a essa ideologia? Seria o pastor um elemento nazista? Em que ponto se atrelou o nacional-socialismo à questão da doutrina luterana aqui no Brasil, em especial, em Pelotas/RS?

Figura 1 – Lápide com possível suástica nazista em Arroio do Padre/RS
Fonte: registro realizado pelo autor em 23 de agosto de 2019.

Este túmulo encontra-se no cemitério da comunidade de Arroio do Padre II, em Arroio do Padre/RS. Na ocasião, com a perda da filha recém-nascida, o pastor Karl Friedrich Stellbrink (nascido na Alemanha, mas designado para ministrar no Brasil) supostamente haveria solicitado à marmoraria que a suástica fosse incluída na lápide encomendada[8]. O jazigo é preservado pela comunidade pelo seu simbolismo e pela mística que envolve suas motivações. A biografia de Karl Friedrich Stellbrink e o túmulo serão abordados de forma mais aprofundada em um dos subtítulos desta dissertação. O simbolismo dessa sepultura será abordado no subitem 1.2. Aliás, em vários momentos, como ficará evidente aos leitores, houve desdobramentos que buscamos seguir para tornar mais rico nosso texto, e mostrar a abrangência e a importância da temática em apreço.

[8] Informação concedida por Arnildo Bonow durante entrevista realizada em 22/08/2019, Arroio do Padre/RS.

A foto torna necessário enfatizar que, durante os 12 anos em que Hitler esteve no poder da Alemanha, o Sínodo Rio-Grandense conviveu com a influência nacional-socialista representada por um pastorado que compreendeu dois terços dos seus ministros ordenados, o que deve ser também analisado dentro dos limites conceituais acima enunciados. Dessa forma, esse grupo então maioritário compartilhava seu anseio por uma Igreja Luterana brasileira subordinada ao Estado Alemão. A resistência a esta investida ideológica que galgava a diretoria do Sínodo foi de responsabilidade do presidente sinodal Hermann Dohms[9], obtendo seu primeiro sucesso no Concílio Sinodal de 1946.

Após inúmeras conversas informais e leituras, deparei-me com este fato contraditório, até então desconhecido, e que no nosso entender, possivelmente pode ter acarretado mudanças profundas na instituição e na vida daqueles que dela comungavam. Isso deve-se à estreita relação (que será aprofunda no decorrer da pesquisa, dentro das possibilidades do diálogo com fontes) entre Igreja luterana dos teuto-descendentes e germanidade, agudizada com a ascensão do nacional-socialismo. No Concílio Sinodal, realizado pela IECLB no ano de 1946, aprova-se uma proposta de rompimento que foi responsável por iniciar um movimento de superação do paradigma de uma Igreja alemã no exterior, fundamentada na relação entre Evangelho e germanidade, onde era necessário manter não só a língua alemã, mas também os laços espirituais com a Igreja da Alemanha, e cultivar conscientemente o protestantismo de tipo alemão. Historiando com Dreher:

> Determinados pela experiência de guerra, com diferentes expectativas para o futuro, os quatros Sínodos iniciaram uma nova era. Esta é determinada por uma reorientação teológica da Igreja, na qual abandona seu antigo conceito de missão da Igreja, que muitas vezes levara há uma perigosa relação de Evangelho e germanidade (DREHER, 1984, p. 245).

Esse aspecto reverberou de forma muito intensa na temática que estudamos, a comunidade teuto-brasileira luterana em Pelotas/RS.

---

[9] Hermann Gottlieb Dohms (Sapiranga, 3 de novembro de 1887 – São Leopoldo, 4 de dezembro de 1956) foi um pastor luterano, teólogo e professor brasileiro.

Nesta pesquisa, também pretendemos analisar a aceitação ou não da reforma que acima expomos. Dessa forma, é neste determinado momento que uma nova chave de leitura nos é apresentada, pois entende-se que essa decisão foi tomada em consenso entre os dirigentes da Igreja Luterana, e que agora deveria ser aplicada no contexto de cada comunidade, seja ela em algum centro urbano ou na mais longínqua colônia de teuto-descendentes do Rio Grande do Sul. Sua aplicação não foi diferente no caso específico de Pelotas/RS, visto que um percentual de 10% de sua população estava vinculado aos teuto-descendentes (FACHEL, 2002), e neste contexto, essa parcela da população não pode ser desconsiderada.

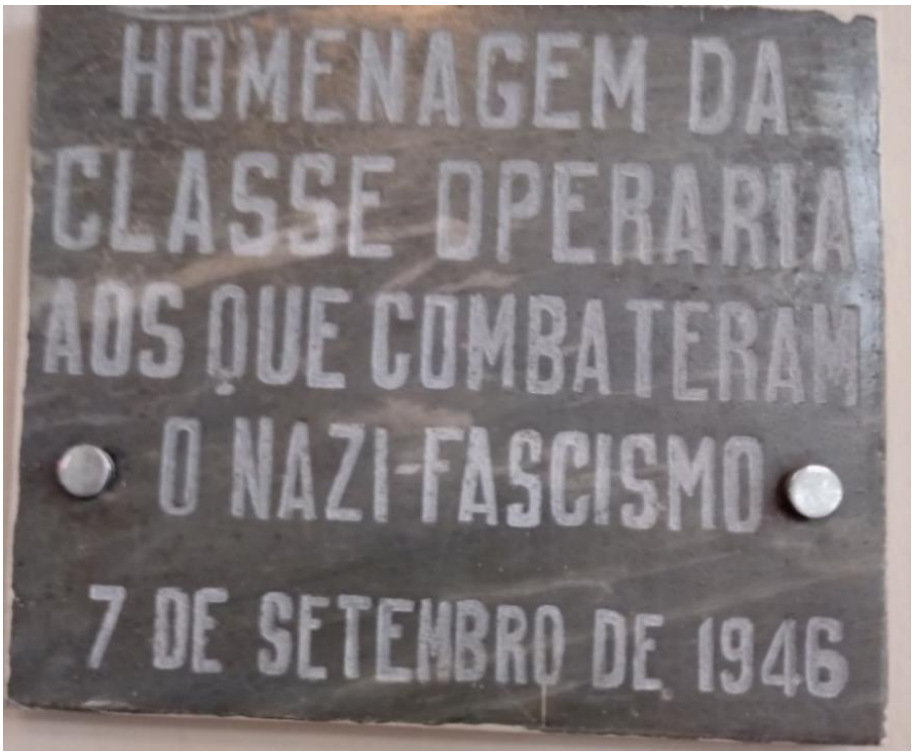

Figura 2 – Placa no Clube Caixeiral, Pelotas/RS
Fonte: registro realizado pelo autor em 18 de agosto de 2019.

A fotografia acima evidencia que o campo religioso foi apenas uma das zonas de conflito envolvendo os brasileiros e a germanidade, aprofundada durante a ascensão nacional-socialista. A fotografia acima, localizada em um dos salões do Clube Caixeiral em Pelotas/RS, demonstra a gratidão da classe trabalhadora pelo empenho daqueles que de alguma forma contribuíram para a freada ideológica nessa cidade. É digno de nota, que existe um grande leque de caminhos os quais podemos percorrer, ou melhor, pontos de partida para que possamos compreender a atuação nacional-socialista e a germanidade como um todo aqui no Brasil, como o prisma da

religião abordado nesta dissertação, ou então, da classe operária, como o exemplo da fotografia indica. Muitas outras imagens poderiam ser usadas para ilustrar o raciocínio acima sugerido, mas as duas já revelam a existência significativa da ideologia, e sobretudo, a existência de um posicionamento contrário, responsável por evitar alguma consequência mais alarmante no extremo-sul do Brasil.

A reforma teológica consubstancia-se como um divisor de águas na trajetória da instituição, visto ter se tornado possível, por meio de sua ocorrência, acessar esse cenário pouco conhecido, inclusive por membros da própria comunidade teuto-brasileira residentes em Pelotas/RS, consequência de uma manutenção cultural muito rica aqui e um conflito armado ocorrido no outro lado do Atlântico. Interessante destacar que as relações supracitadas entre germanidade, religião e educação foram articuladas à luz desse debate, gerando rearranjos interpretativos sobre as comunidades que participaram do processo, o que gerou algumas questões. Houve uma abertura para a integração de pessoas de outras etnias nas comunidades luteranas? A reforma realmente possibilitou um retorno à confessionalidade luterana apregoada pelos reformistas? Houve resistência quanto à recepção de novos pastores vindos da Alemanha após a reforma? O currículo escolar das escolas filiadas às comunidades luteranas manteve-se o mesmo após a reforma? Esses são aspectos interessantes sobre os quais iremos nos debruçar durante a pesquisa.

Portanto, entendo ser possível, por meio do diálogo com as fontes – sejam elas manuscritas ou orais –, compreender mudanças em diferentes formas, e ressignificar um perfil institucional, ao abranger os aspectos de resistência, as adaptações e os filtros construídos pelo pastorado, e também pelas comunidades luteranas, sobretudo, na região de Pelotas/RS.

Frente às possibilidades aqui manifestadas, buscaremos percorrer um caminho metodológico composto por três grandes eixos. O primeiro abordará a Igreja luterana pelotense pré-guerra (1900-1945), buscando em aspectos históricos as origens do seu conservadorismo. Neste primeiro eixo, há um traçado em linhas gerais, do jogo de forças e relações práticas entre igreja e germanidade. Como deu-se a relação entre as Igrejas Luteranas brasileira e alemã? Como os pastores incentivaram o culto à cultura? Como a transfiguração de cultura e religião pode ser interpretada nesse contexto? Talvez proteger a comunidade germânica, proteger a fé, sejam algumas das reflexões pretendias. Um dos elementos que permite uma reflexão mais aprofundada

é refletir sobre a trajetória histórica de Karl Friedrich Stellbrink por meio de uma análise de caso.

O segundo eixo faz menção à implementação da reforma. Quais foram as resistências? Quais as estratégias usadas para pôr a reforma em vigor? Qual a aceitabilidade? Quais os benefícios e malefícios que dela surgiram? Até que ponto foi profunda esta mudança, visto que de certa forma, se ressignifica a ideia da raça por meio do viés religioso? São questionamentos que surgem com o propósito de elucidar em que nível essa aplicação foi feita. Este eixo compreende os embates em torno de uma identidade construída, que relacionava germanidade e religião, diluída na comunidade em apreço. A partir da ótica da memória, pretende-se responder ao seguinte questionamento: como fica o imaginário[10] do teuto-brasileiro no pós-guerra ao saber que ele próprio não era considerado pela Alemanha, que também não foi totalmente assimilado pelo Estado brasileiro, e que após a reforma teológica de 1946, a própria Igreja Luterana, que durante a Segunda Guerra Mundial se configurou como um refúgio seguro para a "germanidade"[11], agora se recusava a manter este vínculo. Ou seja, como essa reorganização religiosa que se configurou como tentativa de transformação do imaginário influenciou a realidade do grupo teuto que foi diretamente atingido pelas consequências da Segunda Guerra Mundial.

No terceiro e último eixo, apresentamos reflexões quanto ao cenário atual da Igreja. O que a é IECLB é hoje? No que creem? Quais são suas balizas atualmente? As crises, os dilemas, as preocupações e as superações são analisadas neste item. Esta análise leva em consideração que, a partir da condição atual das Igrejas Luteranas, ainda é possível perceber os resquícios da relação direta entre Evangelho e germanidade, em comunidades que vivenciam este credo. Este capítulo, como se observará, dialogará muito com o tempo presente.

Importante destacar que a opção de compartimentação deste trabalho em três capítulos, interligados pelos desafios de manutenção da fé, da cultura germânica e da

[10] Para a formulação desta problemática de pesquisa, levamos em consideração a definição que considera o imaginário como um dos elementos formadores (não o único) dessa amalgama cultural e identitária, como evidencia Carvalho: "O imaginário social é constituído e se expressa por ideologias e utopias, sem dúvida, mas também por símbolos, alegorias, rituais e mitos. Símbolos e mitos podem, por seu caráter difuso, por sua leitura menos codificada, tornar-se elementos poderosos de projeção de interesses, aspirações e medos coletivos. Na medida em que tenham êxito em atingir o imaginário, podem também lasmar visões de mundo e modelar condutas" (CARVALHO, 1990, p. 10).

[11] O uso de aspas objetiva sinalizar que a germanidade ali referida trata-se de uma ramificação da germanidade original, reformulada de forma singular pelos teuto-descendentes do Sul do Brasil, à medida que as consequências da imigração, da unificação alemã, do Estado Novo de Vargas, da Segunda Guerra Mundial e da reforma teológica se sucederam (BIERHALS, 2019).

convivência com a comunidade pelotense em geral recai, sobretudo, em como essa relação foi vivenciada pela própria comunidade de diferentes formas ao longo do século XX e XXI, como ficará evidente ao longo da narrativa deste estudo. Assim, na trajetória de exposição deste trabalho, o leitor poderá ver que, germanidade, comunidade, linguagem e fé se interligam, de forma que impacta a própria sobrevivência e ampliação dessa vertente religiosa.

Quanto às fontes, incluem-se nesta pesquisa os acervos das seguintes paróquias: Arroio do Padre II, Três Vendas, São João e Morro Redondo. Além desses arquivos documentais, também foram consultados os arquivos do Sínodo Sul-Rio-Grandense em Pelotas/RS e o Arquivo Histórico da IECLB em São Leopoldo. Este trabalho conta também com o uso de entrevistas realizadas com pastores ligados à IECLB, que atuaram em Pelotas/RS e região nas décadas de 1960, 1970, 1980 e 1990. Estes ministros, em sua grande maioria já aposentados, contribuíram com suas experiências pessoais de atuação nas comunidades em meio a esse processo de abertura cultural, além de colocarem à disposição desta pesquisa seus conhecimentos sobre a história da imigração e da própria IECLB. Em respeito à solicitação dos depoentes, usaremos um código de identificação, ao invés de seus nomes. No entanto, pelo rigor acadêmico, temos em guarda as entrevistas digitalizadas, bem como a autorização dos referidos entrevistados.

Por vezes, poderá parecer que estamos tomando os relatos dos depoentes como verdade, que concordamos inteiramente com suas falas. Logicamente, esta não é nossa intenção, pois temos presente as contradições de trabalhar com memórias reavivadas. No entanto, em alguns momentos, a ausência de fontes que contraponham os argumentos citados não nos permite divergir do que foi relatado.

Em tempo, cabe ressaltar que, para melhor situar o leitor, como poderá ser observado ao longo deste trabalho, são necessárias interrupções em meio às reflexões, para que se possa contextualizar acerca do cenário que está sendo analisado no momento. O leitor observará alguns saltos temporais, revisitando momentos ou aspectos que são significativos para a reflexão em construção.

A importância deste estudo que engloba História Regional, História Política e História da Igreja torna-se significativa, pois buscará compreender, no dia a dia das comunidades pelotenses, como se deu na prática essa reorientação que foi responsável por superar o paradigma de uma Igreja alemã no exterior, fundamentada na relação entre Evangelho e germanidade, uma vez que, em determinada escala, tal

mudança possa haver interferido (in)diretamente na identidade do grupo teuto-brasileiro. Pretendemos, ao longo dos capítulos desta dissertação, construir, ao menos em parte, a trajetória narrativa apontada nesta introdução.

2 Igreja alemã no Brasil: uma análise histórico/antropológica de justificação cultural

Neste primeiro capítulo, intitulado “Igreja Alemã no Brasil: uma análise histórico/antropológica de justificação cultural”, serão discutidos fatores históricos e antropológicos que estão no cerne das mudanças sociais ocorridas dentro do que hoje conhecemos como IECLB. Não se pode esquecer que a tradição teuto-descendente é herdeira da tradição europeia da qual é oriunda, e dentro destas tradições encontra-se também a religião. Estes aspectos são constituidores dos elementos desta perspectiva entre germanidade e religião, que são quase inquestionáveis pela comunidade até 1946.

É preciso, antes de tudo, perceber com clareza o processo de formação do meio onde a Igreja Luterana primitiva fixou suas raízes. A partir de tradições culturais, simbólicas e também aspectos de legítima necessidade, podemos lançar luzes as suas reverberações no processo de imigração alemã no Brasil, que conduziram a um momento de inevitável ruptura, como já mencionado na introdução desta dissertação.

Para um apanhado histórico, é possível apontar autores já bastante debatidos na historiografia, como Giralda Seyferth, René Ernani Gertz, Werner Buchholz, Jean Roche, Haike Roselane Kleber da Silva e Helmar Reinhardt Rölke, que trabalham com o olhar direcionado ao desenvolvimento e aos desdobramentos da imigração alemã no Rio Grande do Sul. Destacam-se também as obras de Martinho Lutero, Rogério Schünemann, Lauri Emílio Wirth, Hans-Jürgen Prien, Martin Norberto Dreher, José Plínio Guimarães Fachel e Edilberto Luiz Hammes, sendo estes trabalhos sobre a trajetória de Igreja Luterana no Brasil e da imigração na região de Pelotas/RS, possibilitando uma singular perspectiva do cenário político-social regional, em meio as zonas de conflito existentes. Como a Segunda Guerra Mundial também tem protagonismo nesta pesquisa, autores como Martin Gilbert, Daniel Aarão e Max Hastings também foram contemplados nesta seleção.

Além dos aspectos que se fizeram necessários para a perspectiva de construção de um grupo que se entende particularmente vinculado etnicamente por meio da religião aqui no extremo sul do Brasil, expomos também conceitos teóricos que irão dialogar durante a feitura deste estudo, a fim de contribuir para uma pesquisa válida e rigorosa, proporcionando uma contribuição para a temática em análise. Nesta

perspectiva, colaboram Benedict Anderson, Hugh Seton-Watson e Tom Nairn discutindo o nacionalismo. Jacques Le Goff, Michael Pollak e David Lowenthal trabalham a memória. Por meio de Edward Palmer Thomson pudemos fazer um levantamento teórico das significações e simbolismos encarnados no costume. Pierre Bourdieu contribuí em suas análises quanto ao poder simbólico. Simona Cerutti, Luís Augusto Ebling Farinatti, Carlo Ginzburg; Carlo Poni, Giovanni Levi, Henrique Espada Lima Filho e Jacques Revel abordam a experiência da microanálise, também utilizada na presente pesquisa.

No item 1.1, intitulado “Aspectos históricos: tradições culturais necessárias para a manutenção”, apresentam-se aspectos que favoreceram o conservadorismo e o predisposição ao isolamento (ou não) das comunidades teuto-brasileiras. No item 1.2, “Os quatro esteios do luteranismo pelotense”, um balanço sobre a personalidade das quatro comunidades mais antigas da região de Pelotas/RS, antes do início da abertura cultural em 1946. O item 1.3, denominado “Karl Friedrich Stellbrink: uma cruz, uma suástica, uma análise de caso”, observamos o funcionamento prático da mescla entre Evangelho e germanidade, através da biografia do referido pastor. Como encerramento do capítulo, o item 1.3, “Perigos e consequências de uma aproximação entre Evangelho e germanidade”, compreende uma análise das decorrências e sequelas existentes na IECLB, resultantes dos dilemas vividos no dia a dia das comunidades pertencentes ao Sínodo Rio-Grandense antes da abertura cultural.

2.1 Aspectos históricos: tradições culturais necessárias para a manutenção

Neste subtítulo, esperamos que o leitor consiga conhecer e reconhecer aspectos que pertencem às tradições e aos costumes do povo teuto-descendente pelotense. Para isso, regressemos primeiramente aos tempos da Reforma Protestante.

Segundo as fontes consultadas, “Lutero não elaborou uma teologia específica da missão. Toda sua teologia é missionária. Pois o próprio Evangelho é missionário” (FISCHER, 2001). Ainda usando Lutero como referência, vemos que existem alguns princípios para qualquer atividade missionária. Os missionários precisam conhecer o povo ou as pessoas às quais se dirigem, a começar pela língua. O conhecimento da cultura também é importante para qualquer evangelização, especialmente quanto à

religião. Os dogmas religiosos a partir de Lutero ressaltam muito a perspectiva da liberdade cristã, onde não se pode prejudicar ou tirar a liberdade das pessoas as quais se dirige. Impor a outro povo a cultura de quem faz a missão seria, para o teólogo, um erro catastrófico no processo. Dito isto, a missão nunca deve ser promovida por meio de violência política ou militar. No devir histórico, várias vezes se quebrou esta regra, como aconteceu em alguns casos da América Latina.

Seria equivocado afirmar que a teologia luterana pretendia missão nos moldes em que a entendemos hoje. Mas a missão em Lutero, reforçada por seus ministros, não deve ser confundida com catequese, embora pareça, dependendo do ponto de vista. Conforme afirma P1, “a Igreja Evangélica nunca teve espírito missionário, Lutero fala em missão, mas ele se pergunta: missionar quem? Eventualmente algum turco ou algum bárbaro que queria se converter. Missão em Lutero praticamente não existe[12]”. De forma breve, Lutero propõe campos de atuação missionária:

> Quais são os campos de missão que Lutero vislumbrou? [...] Primeiro, os turcos. Eles eram muçulmanos. [...] Em 1529, quando Lutero tinha 46 anos de idade, chegaram a sitiar Viena, a atual capital da Áustria. Foram rechaçados, mas representavam uma ameaça constante. Para os europeus, os turcos não eram apenas inimigos militares e políticos. Eram considerados também inimigos da fé cristã. Antes da época da Reforma, os europeus entenderam que os turcos deveriam ser atacados em campanhas militares, chamadas de cruzadas, uma espécie de guerras santas. Também neste ponto Lutero foi um reformador. Rompeu com a ideia de guerra santa contra os turcos. Admitiu que os europeus se defendessem militarmente contra a agressão dos turcos. Mas esses, em vez de serem combatidos e vencidos militarmente, deveriam ser convencidos espiritualmente; deveriam ser evangelizados. Para Lutero, "uma maneira cristã de combater os turcos e aumentar e proteger a cristandade" era "pregar-lhes o Evangelho". O outro campo missionário ao alcance da Reforma luterana na Alemanha eram os judeus que viviam entre os cristãos. No início da Reforma, Lutero viu os judeus com certa simpatia. Em 1523, publicou um escrito cujo título poderia ser traduzido com "Jesus Cristo, um judeu nato" (ou: "Jesus Cristo nasceu judeu"). Entendeu que judaísmo e cristianismo têm uma raiz comum. Escreveu: "[...] os judeus são consanguíneos de Cristo, nós (cristãos) somos (apenas) cunhados e estranhos, eles são amigos consanguíneos, primos e irmãos do nosso Senhor". Lutero esperava pela conversão dos judeus ao cristianismo através da missão. Mas sua esperança não se cumpriu. Lutero temia a contramissão dos judeus. Então publicou escritos muito violentos contra os judeus, escritos cheios de críticas, agressões, difamações e propostas de medidas duras, inclusive a expulsão. Para ele, os judeus deixaram de ser campo missionário[13].

Em tese, são estas as aspirações missionárias da obra de Lutero. No entanto, contrastando com a realidade histórica, em vários momentos perderam-se as palavras

[12] Entrevista concedida em São Lourenço do Sul/RS, em 4 de setembro de 2021.
[13] Entrevista concedida em São Lourenço do Sul/RS, em 4 de setembro de 2021.

de ânimo e deixaram-se de lado as iniciativas de inclusão. Há uma pesada carga histórica que preenche as lacunas desta pergunta.

Lendo atentamente sua obra, percebe-se que o reformador Lutero nunca pensou em ruptura, mas sim em ressignificação. Lutero ataca pontos muito sensíveis da tradição católica[14]. Falando um pouco da reforma, houve um momento, em que devido às circunstâncias, não houve como voltar atrás na cisão. Isto implica em consequências que exigiram de Lutero, segundo seus biógrafos, decisões rápidas. A primeira reporta à necessidade de eleger representantes desta nova vertente cristã. Essa reflexão é feita por P1, da seguinte maneira:

> Lutero não teve bispos, Lutero não tinha autoridades eclesiásticas, por isso ele usou os príncipes, os senhores feudais, para assumirem o papel dos bispos, então ele laicizou a Igreja. Ele não a sacralizou, precisou de gente hierárquica e não encontrou no clero, então encontrou no poder temporal. Aí se formam as Igrejas territoriais, cada príncipe tem o comando na sua área geográfica, isso persistiu durante séculos na Alemanha, recém há poucos anos eles conseguiram ao menos no papel formar a Igreja Evangélica Alemã. Antes existia apenas uma federação de Igrejas territoriais[15].

Diante desta situação, cabe dizer que as primeiras contestações ao catolicismo têm sua origem na Idade Média e afloram, sobretudo, de ambientes onde vigora o feudalismo. O mesmo acontece com o luteranismo. Le Goff (2007) afirma que a Idade Média foi uma época que não foi de trevas nem imune ao progresso; ao contrário, foi uma época fértil de invenções vitais e importantes. Historiando com Franco Júnior, vemos que:

> [...] o período entre os séculos IV e XVI é tradicionalmente conhecido por Idade das Trevas, Idade da Fé ou, com mais frequência, Idade Média. Todos eles rótulos pejorativos, que escondem a importância daquela época na qual surgiram os traços essenciais da civilização ocidental. Nesta, mesmo países surgidos depois daquela fase histórica – caso do Brasil – têm muito mais de medieval do que à primeira vista possa parecer. Olhar para a Idade Média é estabelecer contato com coisas que nos são ao mesmo tempo familiares e estranhas, é resgatar uma infância longínqua que tendemos a negar, mas da qual somos produto. De fato, para o homem do Ocidente atual compreender em profundidade a Idade Média é um exercício imprescindível de autoconhecimento [...] (FRANCO JUNIOR, 2004, capa).

Entretanto, levemos em consideração a pré-disposição ao conflito armado existente ao final da Idade Média, seja ele por qualquer motivação. Esta realidade sugere que, para a sobrevivência, se faz necessário manter unidade. Isto se aplica

[14] Cf. quanto ao todo: https://www.luteranos.com.br/lutero/95_teses.html.
[15] Entrevista concedida em São Lourenço do Sul/RS, em 4 de setembro de 2021.

também aos protestantes, visto que ali se encerem. De acordo com P1, “como existia a grande necessidade de se protegerem e se defenderem, a Igreja Evangélica se fechou muito, ela necessitava sobreviver. Então vem a contrarreforma[16], e mais uma vez eles precisaram se proteger”.

É importante ressaltarmos aqui, que esse contexto acaba atingindo de uma forma longínqua nosso objeto de estudo, a partir da conversão dos pomeranos no continente europeu. Quanto aos teuto-descendentes pelotenses e suas origens, é digno de nota que se diferem dos demais teuto-descendentes do Rio Grande do Sul, pois são de origem pomerana. Por isso observemos mais um pouco a Europa, sobretudo no período entre 1517 e 1824.

A Pomerânia[17] situa-se no norte da Polônia e da Alemanha, na costa sul do mar Báltico, entre as duas margens dos rios Vístula e Odra, atingindo, a oeste, o rio Recknitz. Os pomeranos eram oriundos de tribos germânicas que, no século V, fixaram-se nesta região. A pobreza era algo comum a essas pessoas. A Guerra dos Trinta Anos teve consequências nefastas para os pomeranos, pois cerca de 30% da população morreu. No processo da Unificação Alemã, a região era forte objeto de disputas territoriais. A derrota alemã na Segunda Guerra Mundial e a anexação da região pela Polônia desconstruíram o pouco que ainda sobrava desta população. Seus habitantes foram expulsos e se refugiaram em outras regiões da Alemanha, e o seu dialeto desapareceu da Europa, sendo o Brasil o único país onde ainda se fala regularmente o pomerano. Nesta cronologia, consideremos agora os aspectos presentes entre os teuto-pelotenses que remontam ao seu passado europeu.

A Pomerânia sempre teve vocação ao trabalho agrícola, e isto pode ser observado também entre os teuto-pelotenses de origem pomerana.

> Com a prática do *Bauernlegen*, o confisco e ocupação puro e simples das pequenas propriedades por latifundiários, a Pomerânia adota também o sistema feudal. O sistema é relativamente simples de ser entendido. Com as invasões de inimigos, os mais abastados organizam seus meios de defesa particulares, uma vez que em poucos casos havia um poder central para defendê-los. Pessoas abastadas organizam soldados particulares e por vezes até constroem verdadeiras fortalezas. Os colonos mais pobres, os operários rurais e os diaristas, no entanto, são incapazes de se protegerem sozinhos. Em casos de ameaças externas, buscam apoio e proteção junto aos ricos proprietários de terras ou junto aos castelos (RÖLKE, 1996, p. 20).

[16] Cf. quanto ao todo: Cunha (2002).
[17] Cf. quanto aos aspectos geográficos e históricos: Rölke (1996, p. 1-40).

Com este cenário, há cada vez mais pequenos agricultores sem-terra, cada vez mais trabalhadores migrantes e empregados diários. Contudo, apesar das circunstâncias, há também neste modo de vida, espaço para a religiosidade. Havia em Pelotas, no início do século XX, um percentual de 10% da população vinculada aos teuto-descendentes, quase que em sua totalidade, de origem pomerana. 90% desses, habitantes da zona rural da cidade, portanto, agricultores.

Outro aspecto relevante, brevemente abordado acima, é que devido à necessidade os pomeranos fecharam-se contra seus inimigos dentro das fortalezas feudais. P1 conta que:

> Quando fui a Europa estive na Romênia. Lá existe uma região chamada Transilvânia, que foi ocupada pelos alemães por volta de 1700. A língua falada lá era o alemão, o romeno e o húngaro, era bilíngue. Eles insistiam muito: nós somos uma Igreja alemã. Eles eram muito fechados. Eles tinham Igrejas fortalezas, herança do tempo onde haviam invasões bárbaras e eles podiam refugiar-se nelas. Havia até muralhas[18].

No Brasil, esta possível pré-disposição ao isolamento, compartilhada pela memória reavivada dos teutos, também permanece durante pelo menos 120 anos. Roche (1969, p. 704) caracteriza a colônia alemã como “um estabelecimento rural isolado [...], onde os imigrantes levavam uma rude vida pioneira, onde o único contato com o exterior era de ordem econômica”. Nesta reconstrução histórica, é preciso deixar claro, previamente, que todo o processo de imigração alemã foi conturbado e conflituoso, apresentando particularidades complexas. Nas palavras de Roche:

> [...] grupos vizinhos asseguravam os serviços que nem o Estado, nem a sociedade rio-grandense podiam fornecer-lhes (cultos, assistência, escolas). A administração fazia-se por intermédio do diretor da colônia; o colono; que pouco contato tinha com os funcionários brasileiros, não possuía nenhum com os homens públicos. Estes lhe dedicavam menos atenção, tanto mais que continuavam a considerá-lo como um estrangeiro, mesmo se, por força de decreto imperial, se naturalizara, e a ter sua condição por inferior, pois que ela ou ligava, em princípio, há uma terra dada e uma profissão determinada (ROCHE, 1969, p. 705).

Um dado importante que deve ser analisado é a memória compartilhada que os teuto-descendentes na cidade de Pelotas exteriorizam sobre o seu isolamento, que é presente em quase todos os entrevistados. Este dado é importante na perspectiva de germanidade, mas não será aprofundado nesta pesquisa. No entanto, existem alguns estudos que questionam a memória do isolamento, e apresentam uma rede

[18] Entrevista concedida em São Lourenço do Sul/RS, em 4 de setembro de 2021.

contatos que contradiz a perspectiva de memória compartilhada pelos teutos referente ao seu isolamento e amplia a rede relações dos teutos com a sociedade brasileira como um todo. Conforme Witt:

> [...] pode-se descortinar outra imigração que foge aos velhos e estanques conceitos estabelecidos pela historiografia clássica da imigração alemã e pelos germanófilos. E qual seria essa outra imigração? A que rompe com a tese do isolamento tanto entre as Colônias quanto entre os colonos alemães e seus descendentes com os nacionais; a que redireciona o holofote do "civilizado", "ordeiro" e "trabalhador" para o agricultor ou artesão que sabe o que quer, que se articula com os pares ou com os "estranhos" para buscar o que julga de direito; a que impulsiona e mantém colonos alemães e seus descendentes na disputa política e/ou por cargos públicos; a que percebe conluios, arranjos e fraudes no que se relaciona à prática política; e a que estimula a semelhança entre os colonos abastados com seus vizinhos nacionais através da compra e manutenção de escravos (WITT, 2008, p. 102).

A citação acima permite uma releitura crítica sobre o debate do isolamento, e além disso, possibilita ver como o campo em debate pode ser um rico mosaico de pesquisa.

As fontes relatam que fatores internos e externos propiciaram a imigração de diferentes nacionalidades e etnias para o Brasil. Em suma, os problemas socioeconômicos que a Europa vivenciou no século XIX foram suficientes para permitir que as vastas terras do Brasil fossem vistas como uma possibilidade de novas oportunidades. Para P1:

> No século XIX, esse pensamento (de fechamento) se rompe e eles então saem para o mundo, porque lá (Pomerânia) não conseguiriam dar um futuro para as novas gerações. As guerras napoleônicas devastaram a Europa e a única solução foi sair. Vindo para o Brasil, eles encontram aqui hostilidade, para sobreviver eles têm que se fechar, têm que construir muros e proteção, além do mais, a sua existência não era permitida, tanto é que a data mais importante para os luteranos é o 15 de novembro, a Proclamação da República, ou se tivesse vingado, a República Rio-Grandense 50 anos antes. Na Revolução Farroupilha houve participação de imigrantes alemães, porque ali eles enxergavam esperança, mas essa só foi conquistada em 1889. Em algumas Igrejas é possível encontrar o brasão da República[19].

É preciso dizer, para evitar análises precipitadas, que o desprezo ou a indiferença para com os imigrantes alemães não se limitam à esfera política e seus representantes governamentais[20]. No século XIX e no início do século XX, os

[19] Entrevista concedida em São Lourenço do Sul/RS, em 4 de setembro de 2021.
[20] O interesse dos colonos alemães pela república não deve ser relacionado diretamente as mudanças políticas desse novo sistema de governo. Na ideia da república, o que realmente atrai os teutos é a possibilidade de liberdade religiosa, algo que, na monarquia, estava fora de cogitação.

brasileiros não tinham interesse em integrar os teuto-brasileiros em suas comunidades, ignorando sua identidade cultural e direitos civis. Parece que os colonos deviam estar presos à terra, o que pode ter sido uma ideia comum na época. Ressaltamos que na própria Europa também haviam tensões étnicas que colocavam, em vários momentos, a comunidade pomerana fora da germanidade. Aliás, nosso objeto de estudo adotou sua identificação mais germanizada em terras sul-brasileiras.

Roche (1969) define que o colono se apresentava como solicitante, pois sentia-se em situação de inferioridade em relação à antiga população rio-grandense, da qual não podiam esperar integração. Seyferth (1994, p. 15) diz que “os imigrantes, simbolicamente, romperam os laços com o território alemão no ato da renúncia da cidadania de origem, assumindo a colônia como uma nova pátria”. Entretanto, a cidadania, por si mesma, não anula o ideal de pertencimento ao povo alemão. Historiando, Roche dialoga e exemplifica esta situação por meio da educação:

> Não tendo conseguido, no devido tempo, em número suficiente, as escolas que, com insistência, haviam pedido ao governo, criaram-nas com seus próprios recursos. Elas não podiam ensinar-lhes outra coisa além daquilo que eles haviam trazido em seu próprio patrimônio (ROCHE, 1969, p. 709).

Mas como o processo migratório acabou por romper algumas das fronteiras étnico-raciais demarcadas por esse passado de exclusão, vivido pelos ancestrais pomeranos ainda na Europa? Este hábito de revisitar o passado já existia ou foi algo incentivado naquele momento? Vemos que um breve retorno às origens alemãs/pomeranas, daqueles que cultivavam e compartilhavam entre si o sentimento de pertença à Alemanha, é suficiente para observamos que é difícil encontrar algum aspecto que seja digno de orgulho. Alguns questionamentos que parecem pertinentes neste momento: será que esse passado desfrutado de forma nostálgica pode ser levado a sério? Será que o desejo de reviver esse passado só é possível porque tem-se a certeza de que ele está fora do alcance dessas pessoas? A primeira geração de pomeranos que veio ao Brasil sabia que o simbolismo do passado trazido à tona não foi assim na realidade, mas os seus filhos e netos já olhavam para o passado com saudosismo.

Voltemos a pensar novamente no colono pomerano europeu. A experiência de conviver com conflitos territoriais é uma constante na vida deste povo. Essa rude experiência ensinou-lhes que melhor é estar no anonimato do que conviver com a possibilidade de perder o resto da terra e pertences que ainda possuem. Aliás, estar

satisfeito com pouco já tinha sido uma característica apreendida na luta pela procura de espaço[21]. A história dos pomeranos foi uma constante necessidade de se adaptar a novas realidades, a novos fatos políticos. Isso também ocorre em Pelotas/RS até os dias atuais. Com isso, a vida dos pomeranos lá e aqui se desenvolveu de maneira silenciosa, atrás de outros, sempre em segundo plano. Sobre a imigração em Pelotas/RS:

> O fundamental é demonstrar que o isolamento étnico já estava com suas raízes lançadas desde o início da imigração. Não foi uma novidade provocada pelas Guerras Mundiais, nem em nível nacional, nem regional ou local. As violências de 1942 foram manifestações de conflitos de interesse que já estavam latentes desde o século XIX e que, na região de Pelotas, foram radicais (FACHEL, 2002, p. 192).

Por ser objeto e não sujeito de sua história, o pomerano foi levado a ser cuidadoso e desconfiado, para aceitar novos paradigmas.

> O pomerano produziu certas características, a lealdade e a maneira meio rude e grossa de ser. A lealdade de tudo o que a história exigiu deste povo: obstinação para sobreviver em situações quase sempre adversas. A maneira rude e grossa de ser, com certeza tem a sua raiz no passado deste povo. De forma plena, o povo pomerano nunca conseguiu fazer a sua própria história. Outros a fizeram por ele, manipulando-o como objeto. Essa constatação explica uma outra característica do pomerano: o seu tradicionalismo, que beira ao conservadorismo, a sua dificuldade em assumir propostas novas (RÖLKE, 1996, p. 89).

Por isso a Pomerânia nunca produziu heróis ou grandes feitos históricos, no entendimento de historiadores. Deveríamos nos perguntar se não é heroísmo terem sobrevivido nessa história tão acidentada?

> Quanta riqueza nas festas deste povo! Quantas riquezas nos seus costumes e no seu folclore! Quanta simbologia! Ainda é momento de resgatar estas riquezas em todas as áreas da vida! O profundo respeito que sinto agora me leva, como teólogo, a refletir se a Igreja aqui não repetiu e repete em muitos momentos o mesmo que sempre já foi feito com este povo. Ou seja, trazendo de fora conceitos, teologias, estruturas, que não o deixa fazer uma caminhada mais perto daquilo que lhe é próprio? (RÖLKE, 1996, p. 89).

Abrindo espaço para uma reflexão conceitual, a obra “Costumes em comum: estudos sobre a cultura popular tradicional”, de Edward Palmer Thomson, apresenta um levantamento teórico das significações e simbolismos encarnados no costume, parte cultural do cotidiano dos trabalhadores ingleses do século XVIII e parte do XIX. O contexto analisado por Thompson é totalmente diferente daquele que é objeto de

[21] Cf. quanto à índole do pomerano: Rölke (1996, p. 88-90).

análise desta pesquisa, mas dessa gama de reflexões, mesmo que por caminhos distintos, algumas das considerações encaixam-se na nossa temática.

Assim como Thompson evidenciou naquele contexto, contemplamos que os usos e costumes também eram particularmente fortes nas comunidades alemãs do Brasil, sobretudo, em Pelotas/RS. A manutenção da língua alemã e do dialeto pomerano, as músicas, as festas, as comidas típicas, uma religiosidade muito densa, repassada às crianças nos primeiros anos de vida e todo um calendário organizado em torno das festividades eclesiásticas são evidências importantes de uma manutenção do passado e de uma perspectiva sobre os anseios para o futuro. Isto é claramente observado em Pelotas/RS e região.

Historiando com Thompson (1998, p. 14), "o termo costume foi empregado para denotar boa parte do que hoje está implicado no termo cultura. O costume era a segunda natureza do homem". De fato, não importa e não leva a lugar algum discutir a qual cultura pertenciam os teuto-descendentes desde o início da imigração até agora, mas relevante é a afirmação de que pertenciam às duas, e ao mesmo tempo, à nenhuma. Eles desenraizaram-se e enraizaram-se de outras formas. Por mais paradoxal que possa parecer essa situação, ser conservador está no DNA dos pomeranos, porque eles sempre foram muito reprimidos, e eles nunca puderam se expor, nunca puderam mostrar a face, sempre tiveram que dar variados jeitos para sobreviver. Até as vésperas da Segunda Guerra Mundial, os teuto-pelotenses, assim com os demais imigrantes alemães, viviam em uma espécie de limbo, autossuficiente, mas reduzido à insignificância. Thompson é cirúrgico ao dizer que:

> Para que a sociedade seja feliz e o povo tranquilo nas circunstâncias mais adversas, é necessário que grande parte deles seja ignorante e pobre. O conhecimento não só amplia, como multiplica nossos desejos [...]. Portanto, o bem-estar e a felicidade de todo Estado ou Reino requerem que o conhecimento dos trabalhadores pobres fique confinado dentro dos limites de suas ocupações e jamais se estenda (em relação às coisas visíveis) além daquilo que se relaciona com sua missão. Quanto mais um pastor, um aparador ou qualquer outro camponês souber sobre o mundo e sobre o que lhe é alheio ao seu trabalho e emprego, menos capaz será de suportar as fadigas e as dificuldades de sua vida com alegria e contentamento (THOMPSON, 1998, p. 15).

Se desde o princípio a comunidade alemã precisou desenvolver-se por meio de suas próprias forças, de modo que até mesmo a educação ficou sob responsabilidade da Igreja Luterana oriunda da imigração, a que outro aspecto poderia recorrer senão a sua pesada carga de costumes? Remonta também ao início

da imigração, o início de uma consciência “alemã” entre imigrantes pomeranos. Esse atributo é algo criado no Brasil, e surge a partir da necessidade de diferenciação. Ainda não ficou claro de qual lado surgiu essa referência: se foram os próprios imigrantes que se autodeterminaram alemães ou se foram os luso-brasileiros que aderiram a esse pré-conceito. O que deve ficar claro aqui, é que não se trata de herança europeia.

Conforme Thompson (1998, p. 19), “a lei pode estabelecer os limites tolerados pelos governantes; porém, na Inglaterra do século XVIII, ela não penetra nos lares rurais, não aparece nas preces das viúvas, não decora as paredes com ícones, nem dá forma à perspectiva de vida de cada um”. Se substituirmos “Inglaterra do século XVIII” por “na comunidade alemã/pomerana de Pelotas/RS entre 1937 e 1945”, teremos a forma autêntica da realidade do grupo.

2.1.1 As quatro paróquias luteranas pelotenses

As principais referências luteranas na região de Pelotas/RS no período estudado são: Comunidade Evangélica São João, Comunidade Evangélica Martim Lutero, Comunidade Evangélica Advento e Comunidade Evangélica de Arroio do Padre II.

Estas comunidades são as mais antigas da região de Pelotas/RS, e a feitura da análise que compõe o capítulo 3 é construída a partir do prisma da memória, através de relatos de pastores que atuaram nessas quatro comunidades.

É digno de nota que, as informações contidas neste item foram levantadas pelo próprio autor por meio de pesquisa documental nos arquivos das respectivas comunidades. Apresenta-se adiante, portanto, um panorama dessas comunidades na primeira metade do século XX, a começar pela mais antiga, e assim sucessivamente.

A **Comunidade Evangélica de Arroio do Padre II** localiza-se na Avenida 25 de Julho, nº 221, na cidade de Arroio do Padre/RS.

Figura 3 – Comunidade Evangélica de Arroio do Padre II
Fonte: Acervo particular de Edel Bonow Einhardt.

A região de Pelotas/RS, onde hoje se encontra a Comunidade Evangélica de Arroio do Padre II, foi povoada por um grupo de imigrantes pomeranos e alemães, que ali se estabeleceram, adquirindo o seu pedaço de terra, em glebas de aproximadamente 35 a 45 hectares.

Como este grupo de imigrantes era muito religioso, uma das primeiras providências, além da construção de suas casas, da limpeza e plantio das lavouras para sua subsistência, foi a criação da Comunidade Evangélica no ano de 1882. Inicialmente os cultos eram realizados em um prédio provisório e ministrados pelo membro mais instruído do grupo, que era também professor na escola criada, pois a educação era outro fator de grande relevância para essa pequena comunidade.

A filiação ao Sínodo Rio-Grandense se deu no ano de 1901. No ano seguinte, Paulo Sudhaus, o primeiro pastor enviado à comunidade pelo sínodo, chegou à localidade.

A Comunidade adquire, então, uma fração de terras de 114.000 m², e em 1906, inicia-se a construção da Igreja, mas ainda sem a torre. Apenas em 1914 foi anexado o transepto. Em 1926 foram angariados entre os membros fundos suficientes para importarem de Berlim, por meio da Relojoaria Júlio Gross, uma vestimenta ornamental para o púlpito e o altar (paramentos) e um tapete para a Igreja. Em 1947 foi instalada a iluminação elétrica por meio de acumuladores (baterias). Em 1951, foi construída a

torre da Igreja, com 25 metros de altura, contendo dois sinos também importados da Alemanha.

Quanto ao cemitério da Comunidade, não há registro do primeiro sepultamento, acredita-se, no entanto, que deve ter sido próximo à chegada dos imigrantes na localidade, que estavam debilitados pela longa viagem em navios e sem recursos médicos aos quais recorrer.

Há um fato interessante sobre o cemitério, encontrado nos arquivos da comunidade. O registro relata a história de um cão chamado Peterle (Pedrinho), que era amigo inseparável do Pastor Alfred Keim. Embora tivesse ajudado muitos membros no surto de tifo, surto que levou muitas pessoas a óbito, o pastor também foi acometido pela doença e faleceu com menos de trinta anos de idade e foi sepultado no cemitério da comunidade. Em 1907, no dia de seu sepultamento, Peterle ficou deitado aos pés do túmulo e observou de perto seu sepultamento. Dois dias depois, Peterle foi levado a São Lourenço do Sul, distante 35 km de Arroio do Padre. Conta o registro que Peterle retornou sozinho à Comunidade de Arroio do Padre II, escavou no túmulo e ali foi encontrado morto dias depois.

A **Comunidade Evangélica Advento** está situada na Praça 12 de Maio, nº 3, no Centro de Morro Redondo/RS.

Figura 4 – Comunidade Evangélica Advento
Fonte: Mapio.net (2021).

No ano de 1886, algumas famílias evangélicas deixaram suas moradas em Blumenau/SC e dirigiram-se para o Sul. Em busca de novas condições de vida, chegaram a esta região, localizada a 40 km do centro de Pelotas, em direção a Santa

Maria. Esta nova localidade foi denominada São Domingos. Esse nome deve-se ao latifundiário Domingos de Almeida, o qual vendia frações de 25 hectares ao preço de 25 mil réis, em pagamentos parcelados. Novas levas de imigrantes, vindos da Europa e de outras partes do estado, juntaram-se aos pioneiros. A colônia São Domingos prosperou na agricultura e o comércio foi bem-sucedido, pois a cidade de Pelotas necessitava de produtos agrícolas para sua demanda.

O fluxo de colonos aumentava, e no ano de 1882 constituía-se a primeira comunidade evangélica do local, denominada Comunidade Evangélica São Domingos. Em 1895, a comunidade instalava a sua primeira escola.

Os diferentes costumes, tradições e histórias dos colonos alemães, vindos da Pomerânia, de Berlim, do Reno e de outras regiões, causaram divergências, impedindo-os de efetivar uma possível unidade, no entanto, a fé cristã era confessada por todos. Ao lado dessa, ingressava o ateísmo, o panteísmo, o espiritismo e outras diversas manifestações religiosas.

Os registros da comunidade também registram graves problemas de saúde, sendo o cemitério um verdadeiro museu, que atesta o alto índice de mortalidade infantil. Não raro, pseudopastores e professores forjados deram origem a desentendimentos no seio da comunidade.

A data da associação da comunidade Sínodo Rio-Grandense não é clara, mas encontra-se entre os anos de 1892 e 1901. O Reverendo Essig foi o primeiro pastor enviado à Comunidade pelo Sínodo, em 1901.

Em fevereiro de 1905, efetivou-se o lançamento da pedra fundamental da Igreja de São Domingos, a qual foi inaugurada em dezembro do mesmo ano. O Conselho Superior Evangélico de Barmen, na Alemanha, doou dois sinos, e a Associação Gustavo Adolfo doou um órgão da marca Schiemeier, fabricado em Frankfurt.

A Comunidade de São Domingos mantinha sua escola em funcionamento, embora tenha sido forçosamente fechada pelas autoridades no período que se estende entre dezembro de 1939 e agosto de 1940.

Os anos de guerra deixaram profundas marcas na comunidade. A proibição do uso da língua alemã na escola e na profissão de fé trouxe muitas dificuldades.

Após anos marcados por diversas rupturas e impasses, surge a necessidade de uma reestruturação interna e mudanças nos estudos da comunidade. Em consequência disso, no ano de 1973, a Comunidade São Domingos passa a denominar-se Comunidade Evangélica Advento.

A **Comunidade Luterana São João** localiza-se no Parque Dom Antônio Zattera, nº 250, no Centro de Pelotas/RS.

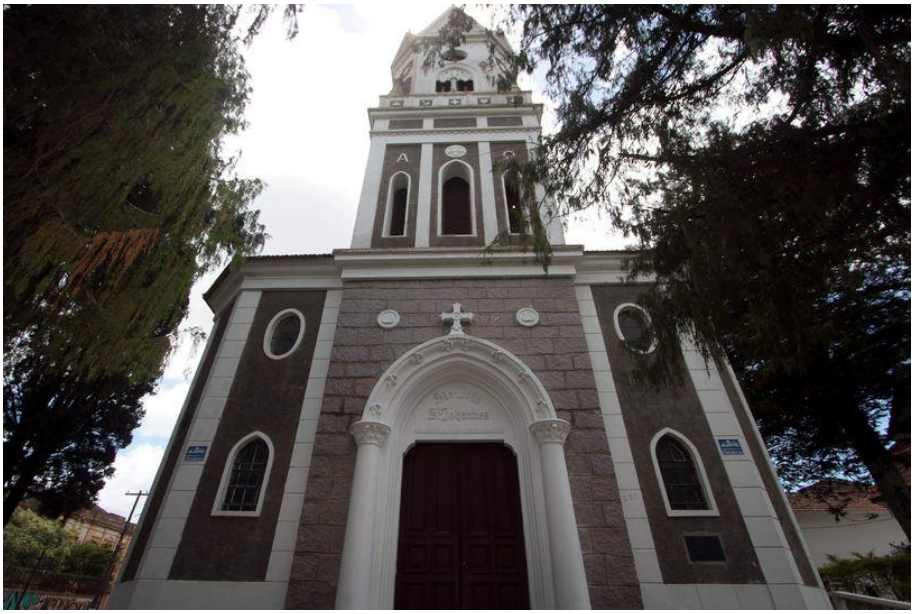

Figura 5 – Comunidade Evangélica São João
Fonte: Fotografia de Gabriel Huth, disponível em Diário Popular (2018).

Em 1854 havia em Pelotas/RS um cemitério alemão, mas era um terreno descampado, que somente em 1870 foi cercado. As restrições que naquela época eram feitas pela legislação do país à liberdade religiosa e a piedade dos imigrantes evangélicos, a situação indigna que era estabelecida para com os não batizados e os judeus, que deviam encontrar em um descampado sua cidade da paz, deixaram sempre ativo o desejo de unir-se em uma comunidade religiosa. Em 1870 resolveu-se pela primeira vez criar uma comunidade, mas apesar da boa vontade dos membros, todas as tentativas de fundação de uma comunidade até 1888 fracassaram. A existência da esperada e ambicionada comunidade só pode se tornar realidade quando o pastor adequado foi encontrado, e quando homens que tinham a comunidade no coração o apoiaram.

Como pastor, achou-se a adequada personalidade em Eduard Wilhelmy, um homem profundamente religioso – é verdade que sem uma preparação teológica –, mas que exerceu a sua função com a maior fidelidade e meticulosidade. Em 20 de outubro de 1888 foi fundada a Comunidade Evangélica Alemã em Pelotas. Sua filiação ao Sínodo ocorreu em 1897, e em 1899, Th. Weller assumiu a comunidade como primeiro pastor envidado pelo Sínodo.

O ano de 1894 trouxe para a comunidade uma nova tarefa. Na reunião da associação do cemitério católico foi pedido à comunidade que assumisse os negócios dessa associação. A diretoria atendeu de bom grado a este pedido. A assembleia geral do ano 1896 tomou a importante decisão de adquirir um terreno, optando, pois por um futuro mais promissor.

Em 1897, por meio da comunidade, a Associação Escolar Alemã iniciou sua existência, tornando-se efetiva a ocupação do pastorado e da escola como dois campos separados. Alcançou-se desta forma uma maior ativação do sentimento germânico, que com o tempo sofreu uma reação de ambos os lados.

Em 1917 iniciou-se uma época difícil para a comunidade. Pareceu que iria se dissolver, e parte de seus membros filiarem-se a todo tipo de outras organizações ou associações, pois as reuniões regulares da comunidade tinham cessado. Reconhecendo estes perigos de quebra total da vida de fé evangélica, para decidir sobre a comunidade e seu futuro reuniram-se finalmente em 24 de julho de 1920 os integrantes da diretoria – os senhores Ruge, Sieburger, F. Peschlow, na casa do Sr. Anton Treptow. Falou-se também sobre a ocupação da função pastoral. Recomeçou assim a assistência religiosa regular em Pelotas.

Em 1920 foram reiniciados os cultos em uma das salas da Escola Alemã. Os cultos aconteciam a cada 14 dias, e eventualmente ocorriam também cultos infantis. Para cada dez batizados, um era realizado em língua portuguesa. Importante é ainda citar, que nessa época foi criada uma Ordem Auxiliadora de Senhoras, que se tinha proposto a incumbência de ajudar por meio da arrecadação de fundos financeiros para diversas finalidades.

Até então, a comunidade não possuía um templo. No ano de 1926 foram novamente debatidos os planos de construção da Igreja e a reunião da comunidade autorizou a diretoria, a colocar em andamento a construção da Igreja. Em 21 de agosto de 1927 pode ser lançada a pedra fundamental. A construção da Igreja foi entregue a firma C. Lang & Cia. Estava orçada em 81 contos. A comunidade tinha 30 contos à disposição. Com a doação de 5 contos, como que a da União da Diáspora de Hamburgo tinha confirmado, e com a coleta dentro da comunidade, esperava-se angariar uma grande parte dos faltantes 51 contos. Em 25 de março de 1928 pode a Igreja ser inaugurada.

Há um episódio muito marcante na vida da comunidade. Em agosto de 1942, já após a comunidade ter assumido o atual nome, durante o quebra-quebra[22] ocorrido na cidade, a Igreja foi invadida e vandalizada. Conforme conta o fragmento:

> A igreja dos Alemães ou Igreja São João, que se localiza na praça Júlio de Castilhos, pertencente à comunidade ligada ao Sínodo Rio-Grandense, é por muitos conhecida como Igreja Queimada, devido ao incêndio criminoso provocado por manifestantes (FACHEL, 2002, p. 212).

A **Comunidade Evangélica Martim Lutero** está situada na Avenida Fernando Osório, nº 5740, no bairro Três Vendas, em Pelotas/RS.

Figura 6 – Comunidade Evangélica Martim Lutero
Fonte: Portal Luteranos (2011).

[22] Cf. quanto ao todo: BIERHALS, B. E. **Afetividades divididas:** teuto-brasileiros durante a Segunda Guerra Mundial, perspectivas de identidade. Orientador: Edgar Avila Gandra. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019. Também: FACHEL, J. P. G. **As violências contra os alemães e seus descendentes, durante a Segunda Guerra Mundial, em Pelotas e São Lourenço do Sul**. Pelotas: UFPEL, 2002.

Com a colonização de São Lourenço do Sul, em 1856, por parte de Jacob Rheingantz, os imigrantes que se estabeleceram no bairro Três vendas, na cidade de Pelotas/RS, no fim do século XIX e início do século XX, eram em sua grande maioria filhos de imigrantes pomeranos. Na região das terras altas, exerciam profissões ligadas, principalmente, ao comércio, à indústria e à agricultura. Exploravam a compra e venda de produtos coloniais que eram trazidos pelos próprios colonos em carroças e revendidos posteriormente pelos comerciantes junto ao comércio da cidade de Pelotas. Outros, em pequenas indústrias, produziam produtos de origem animal e vegetal. Entre os estabelecidos no bairro, alguns eram artesãos, carpinteiros, pedreiros etc.

Formaram uma sociedade progressista, em sua grande maioria, filhos de protestantes luteranos. Todos tinham alguma escolaridade e entendiam que uma escola, uma Igreja e um cemitério eram componentes obrigatórios para formação e para a vida de uma comunidade, cultivando, assim, as raízes de uma cultura genuinamente étnica.

Em 28 de novembro de 1914, na residência de August Krause, com a participação de vinte e dois moradores e dos senhores Fritz Ruge e R. Freundenfeldt, representando o Colégio Alemão de Pelotas (1898), foi fundada a Associação de Cultura Teuto-brasileira - Três Vendas, Deutsche Schulverein um Três Vendas.

Em 1933, a associação comprou um terreno localizado na Estrada do Retiro, e as obras para construção da capela tiveram início. No mesmo ano, a pedra fundamental foi lançada, e no ano seguinte, foi inaugurada a Igreja. A torre característica foi construída apenas em 1957.

A filiação da comunidade ao Sínodo Sul-Rio-Grandense aconteceu em 1936, sendo o Reverendo Alfredo Simon, o primeiro pastor designado para atender à comunidade.

A escola dirigida pela associação e chancelada pela Comunidade Evangélica Alemã, durante vários anos, funcionou nas casas das famílias e adquiriu sede própria somente após a construção da Comunidade Evangélica Martim Lutero, em 1934, passando a funcionar em um prédio próprio ao lado do templo.

Cabe mencionar que, em 1959 foi fundada a Sociedade Educacional de Pelotas/RS. Em 1963 foi criado o Ginásio Agrícola Três Vendas, mais tarde chamado de Ginásio Vocacional Três Vendas. As aulas inicialmente aconteceram no prédio da Comunidade Martim Lutero, até que, em 1964, foi adquirido um terreno no bairro

Lindóia. As aulas naquele local começaram a ser ministradas a partir de 1966. Atualmente, o colégio ainda está em funcionamento, e denomina-se Colégio Sinodal Alfredo Simon.

Por meio desta breve cronologia é possível observar os contextos de criação e os propósitos objetivados por cada uma das comunidades supranomeadas. Ao decorrer das próximas seções desta dissertação, a contextualização feita aqui será de grande necessidade para compreensão das análises empreendidas.

2.2 Karl Friedrich Stellbrink: uma cruz, uma suástica, uma análise de caso

Apresentaremos agora um estudo de caso que demonstra as singularidades da relação entre germanidade e religião emergida no contexto da década de 1930, que ficará evidente ao longo de nossa exposição.

"Quando eu olho para aquela pedra [lápide], a pergunta que me faço é: o que leva um pastor a colocar a cruz de um partido político no lugar da cruz de Cristo[23]"?

Figura 7 – Sepultura de Gisela Stellbrink
Fonte: Registro realizado pelo autor, no dia 23 de agosto de 2019.

[23] Depoimento concedido em Arroio do Padre/RS, em 18 de maio de 2021.

Este questionamento expressado por Maiquel Kuff[24] é compartilhado por todos os estudiosos e leigos que, vez ou outra, tiveram a oportunidade de ver ou ouvir falar sobre este misterioso e simbólico túmulo. A sepultura localizada no município de Arroio do Padre, na comunidade luterana de mesmo nome, pertence à pequena Gisela Stellbrink, que morreu prematuramente nos primeiros meses de vida. Gisela é filha do pastor Karl Friedrich Stellbrink e de sua esposa Hildegard.

Interessante destacar que, além de ser um estudo de caso, este subtítulo dialoga com o estudo das imagens. É pontual considerar sua importância, visto que a imagem tem seu texto e contexto interno de produção. A imagem não é neutra, ela carrega consigo uma rede de significados de um grupo ou de uma sociedade na qual se desenvolveu, ou seja, de seu contexto de produção. A imagem mencionada aqui carrega em si uma forte polemização oriunda do início do século XX, a saber: a questão racial e ideológica que marcou debates intensos e violências que culminaram na Segunda Guerra Mundial. Se faz necessário enfatizar que o cenário analisado neste item também demonstra, de forma prática, os desdobramentos e os filtros de uma supervalorização étnica ocorrida dentro da igreja luterana, logo, dos traumas por ela causada. Neste processo de pesquisa, revisita-se a Comunidade Luterana de Arroio do Padre II, a qual tomou para si a imagem como referência simbólica da presença nazista na própria comunidade.

Dito isto, a feitura deste subtítulo recai também sobre a necessidade de um esclarecimento. A Comunidade Luterana de Arroio do Padre II construiu (de forma consciente ou não) um imaginário e mistificou a figura de Karl Friedrich Stellbrink, a partir da existência deste túmulo e deste símbolo que, ao ser visto, é diretamente ligado ao NSDAP[25]. Observa-se que, os desdobramentos da vida de Stellbrink após sua passagem pelo Brasil enublam seu passado e evidenciam sua personalidade cambiante. Contudo, seu obscuro passado político não pode sobressair-se aos seus atos tardios de resistência e à sua dedicação pela mensagem do Evangelho.

[24] Maiquel Kuff é o atual pastor da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil de Arroio do Padre II, cargo que Karl Friedrich Stellbrink ocupou entre 1921 e 1925.
[25] Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães (em alemão, Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei), popularmente conhecido como Partido Nazista. Partido político de extrema-direita na Alemanha que atuou entre 1920 e 1945. Seu antecessor, o Partido dos Trabalhadores Alemães, existiu no período entre 1919 e 1920.

Em suma, através de uma análise da representação, versamos sobre possíveis interpretações do símbolo[26] na sepultura, abordando a biografia de Karl Friedrich Stellbrink dentro de uma perspectiva relacional entre Evangelho e germanidade, antes de 1945.

O entre guerras, contexto no qual se desenrolam os fatos aqui analisados, foi marcado por bruscas e profundas mudanças políticas, econômicas e sociais. Eric Hobsbawm evidencia que há uma continuidade da Primeira Guerra Mundial no conflito iniciado em 1939, assim, os vinte e um anos que separam os dois acontecimentos seriam uma pausa nas ações bélicas, mas os eventos do período seriam o elo entre elas[27].

A guerra cobrou da Entente seus malefícios, tanto quanto retribuiu com beneplácitos o esforço Aliado. Dos resquícios de uma Europa destruída surgiram então diversos tratados, impondo vergonhosas punições às potências derrotadas, o mais severo deles coube à Alemanha. O Tratado de Versalhes afogou o pouco que restou da Alemanha em uma profunda crise econômica, vetou o direito de posse sobre o poderio militar, além de decretar a perda de um sétimo de seu território e um décimo de sua população.

Nos anos que se sucederam, o mundo assistiu ao velho mundo reconstruir-se por meio do financiamento norte-americano. Os Estados Unidos da América puderam expandir extraordinariamente suas atividades comerciais. É desse momento o chamado *"american way of life"* (estilo de vida americano), caracterizado pela alta produção e consumo em massa. Assim, esse período de cicatrização europeia possibilitou, sobretudo, a emergência de modelos políticos que, mais tarde, entrariam em choque novamente para dar continuidade às questões mal resolvidas da Primeira Grande Guerra. Surgem o fascismo italiano e as ditaduras, as repúblicas liberais e, na Alemanha, a República de Weimar dá margem para o início do III Reich[28].

---

[26] Uma reflexão com base nas imagens e representações somente se tornou possível com a ampliação dos campos de pesquisa da historiografia, processo que começou tardiamente no Brasil. A importância deste tipo de análise é evidenciada por Ulpiano Menezes, ao afirmar que: em conclusão, reitero não estar propondo uma História alternativa, que substitua as modalidades vigentes, nem mesmo que caminhe paralelamente a elas. Estou propondo que a História vigente, para melhor atender a seus propósitos e responsabilidades, amplie seu horizonte de ação e seu instrumental, deixando de amputar da vida social e das forças de transformação histórica uma faixa relevante de fenômenos (além de insuperável manancial de informações) que é insensato ignorar (MENESES, 2003, p. 31).

[27] Cf. quanto ao todo: Hobsbawm (2009).

[28] Cf. sobre os tratados pós-guerra e o surgimento dos novos modelos políticos: Arruda; Piletti (1997, p 261-297).

Alguns anos antes da Primeira Grande Guerra, vinte três anos depois da Unificação Alemã, nasce o protagonista dessa trama. Em 28 de outubro de 1894, em Münster, Westfália (Alemanha), nasce Karl Friedrich Stellbrink. Cresceu juntamente com suas irmãs no seio de uma família protestante de classe média baixa, em Detmold[29]. Karl era artisticamente e musicalmente talentoso. Karl queria frequentar uma academia de arte depois de terminar a escola. Contudo, devido à insistência de seu pai, foi matriculado em 1913 no *Diaspora Institute in Soest*[30].

Com a eclosão da guerra em agosto de 1914, o seminário foi encerrado e os alunos liberados para o serviço voluntário de guerra. Em 1917, Karl Friedrich Stellbrink foi premiado com a Cruz de Ferro de 2ª classe após uma lesão grave em sua mão esquerda, sendo assim dispensado do serviço militar. A lesão o prejudicou pelo resto de sua vida, principalmente no que diz respeito a seus dons musicais. Depois de terminado o conflito, voltou-se novamente para o treinamento eclesiástico, tornando-se, enfim, um pregador habilitado para atuar em território estrangeiro[31].

Seriamente decepcionado com o resultado desastroso da guerra perdida, Karl Friedrich Stellbrink junta-se a várias associações de ultradireita. Isso inclui a autoritária Federação Nacional da Juventude Alemã, fundada em 1919, e a Associação Alemã. Seu gosto por grupos conservadores já se manifestara prematuramente, o aumento do orgulho nacional alemão, o crescimento econômico e as memórias imperialistas elevaram o imaginário de grande poder, aos quais pai e filho Stellbrink aderiram[32]. O patriotismo, o pensamento nacionalista-étnico e a rejeição à República de Weimar determinam sua atitude política. Teologicamente, isso se reflete em sua rejeição ao catolicismo romano e ao judaísmo. Ao ingressar na recém-fundada Federação Alemã de Igrejas ele encontra pessoas com ideias semelhantes.

Em 14 de fevereiro de 1921, Karl recebe sua ordenação e viaja para o extremo sul gaúcho, assumindo o pastorado na localidade de Arroio do Padre II em 1º de abril

[29] Cf. sobre a família Stellbrink: https://www.gedenkstaette-lutherkirche.de/. Acesso em: 15 jun. 2021.
[30] O seminário da Igreja no exterior, originalmente chamado de seminário da diáspora, foi o centro de treinamento da Igreja Evangélica da Antiga União Prussiana para pastores alemães no exterior de 1911 a 1938. No início de 1911, a Igreja Evangélica das antigas províncias da Prússia percebeu a necessidade de criar um seminário teológico separado, para as paróquias de língua alemã do Rio da Prata, no Sul do Brasil (Rio Grande do Sul, Santa Catarina).
[31] Cf. sobre a formação escolar e acadêmica de Karl Friedrich Stellbrink: https://www.gedenkstaette-lutherkirche.de/. Acesso em: 15 jun. 2021; Buss (2011, p. 329-330).
[32] Cf. quanto ao posicionamento político/ideológico de Karl Friedrich Stellbrink: Buss (2011, p. 329-330).

de 1921, onde permaneceu até 30 de outubro de 1925). Além do cuidado pastoral e dos serviços religiosos, ensinar na escola também competia ao pastor e à sua esposa.

O casal teve quatro filhos. Gisela, a primeira menina, faleceu em 29 de abril de 1924[33]. Após quatro anos em Arroio do Padre II, a família transferiu-se para a Comunidade Luterana de Monte Alverne, atuando de 1º de novembro de 1925 a 28 de fevereiro de 1929, ano no qual retornaram à Alemanha[34].

Figura 8 – Karl e Hildegard Stellbrink, em Arroio do Padre II
Fonte: Gedenkstätte Lutherkirche

Já em terras europeias, Karl Friedrich Stellbrink assumiu o cargo de pastor da Igreja em Steinsdorf/Turíngia. Neste mesmo período, também contribui para a revista

[33] A morte de Gisela Stellbrink propiciou a existência do túmulo supranomeado, sobre o qual discorre o presente artigo.
[34] Histórico levantado no dia 17 de maio de 2021 por meio do acervo da sede da administração central da IECLB, localizada em Porto Alegre/RS.

da igreja *Heimatglocken,* promovendo sua atitude antirrepublicana[35]. Aguçadas durante o tempo em que viveu no Brasil, as esperanças de Stellbrink no nacional-socialismo se fortaleceram. De fato, ele acreditava nas promessas de Hitler, no que tange ao fortalecimento da Igreja Protestante na Alemanha. Em 1º de maio de 1933, ele se juntou ao NSDAP[36], mas apenas um ano depois afastou-se dos cargos do partido[37].

Na Turíngia, Stellbrink não encontrou o apoio político que desejava. Candidatou-se ao cargo de pároco na congregação de *Lübeck*, assumindo em junho de 1934. Como editor da revista *Die Deutsch - kirche,* exigiu a "continuação da luta de Lutero pela libertação"[38]. Na congregação e no distrito, ele expressava abertamente o que pensava. Depois de fazer repetidamente declarações críticas e palestras, o NSDAP em Lübeck deu início a um processo de exclusão contra ele, entre 1936 e 1937. Nesse processo, ele era acusado de falta de confiabilidade política por membros da comunidade. Desta forma, o entusiasmo de Stellbrink pelo movimento nacional-socialista gradualmente foi se transformando em rejeição.

Em 1941, Karl conheceu Johannes Prassek, um padre católico da Igreja do Sagrado Coração. Eles compartilhavam a decepção com o regime nazista, e Prassek apresentou Stellbrink a seus colegas católicos, Hermann Lange e Mueller. Os quatro falaram publicamente contra os nazistas. Inicialmente, de modo discreto, copiaram e distribuíram os sermões antinazistas do bispo católico Clemens August von Galen[39]. Após o ataque da força aérea britânica sobre a cidade de Lübeck, Stellbrink versa um sermão no Domingo de Ramos que atribuiu o bombardeio ao castigo divino. Ele e os três padres católicos foram presos. Ele foi condenado à morte pelo

---

[35] Cf. Buss (2011, p. 331).

[36] Der Regierungswechsel im Januar 1933 wurde von ihm wie von so vielen evangelischen Pfarrern hoffnungsvoll begrüßt. Im evangelischen Gemeindeblatt schrieb er: "Durch die Gluthitze der Not verschmolz das Getriebe der einzelnen Parteien zu einer einheitlichen, nicht mehr parteilichen, sondern nur noch nationalen, deutschen Regierung. Nun sind endlich alle Stände des Volkes vertreten, und nicht mehr nur einer, endlich steht klar und deutlich das Nationale, das heißt das Volksfreundliche dem Internationalen, das heißt dem Volksfeindlichen gegenüber".
A mudança de governo em janeiro de 1933 foi saudada com esperança por ele e por tantos pastores protestantes. No jornal da comunidade evangélica, ele escreveu: "Devido ao calor abrasador da necessidade, as engrenagens dos partidos individuais se fundiram em um governo alemão unificado, não mais partidário, mas apenas nacional. Agora todas as classes do povo estão finalmente representadas, e não mais um, enfim, fica clara e distintamente o nacional, isto é, o que é amigo do povo, oposto ao internacional, isto é, o que é hostil ao povo" (BUSS, 2011, p. 332, tradução nossa).

[37] Cf. Buss (2011, p. 335-336).

[38] Ver mais em: https://www.gedenkstaette-lutherkirche.de/. Acessado em 15/06/2021.

[39] Cf. Três sacerdotes mártires nazistas beatificados na Alemanha". **Agência Católica de Notícias**, 25 jun. 2011.

Tribunal Popular, em 23 de junho de 1943, e executado em Hamburgo, em 10 de novembro de 1943, junto com os três católicos[40]. Os quatro mártires guilhotinados tornaram-se símbolo do ecumenismo alemão[41]. Após sua morte, a viúva de Stellbrink foi cobrada por suas custas judiciais, prisão e execução.

Após esta breve contextualização acerca dos primórdios das quatro comunidades e de importantes personagens desta história, é dado o momento de retornar aos objetos centrais deste subtítulo, a saber: a morte, a sepultura (o símbolo) e a memória. Nesta análise, observa-se a cronologia dos acontecimentos, lançando aqui considerações teóricas e três possibilidades de leitura do respectivo símbolo.

Destaca-se aqui algo que está diretamente ligado ao sentimento de perda, o profundo luto por ela causado. Neste fragmento de uma carta escrita por Stellbrink a uma de suas irmãs, um dia após a despedida da pequena criança, o leitor poderá compartilhar do sentimento vivido naquele momento.

> Und gestern trugen wir unser liebes, kleines “Schwesterchen” Gisela zur letzten Ruh nach 3 Wochen schweren Krankenlagers. Nur mit Tränen kann ich schreiben, denn es war ein so liebes, gutes, fröhliches Kind. Nun,“Es” ist bei Jesus im Licht und schwebt um uns als unser guter Geist. Aber wir sind so traurig: Bete auch Du ein stilles Gebet für unser liebes “Westerchen”. Wir wollen nicht klagen. Unser Kindlein ist bei Gott. Da ist's gut.
> E ontem nós finalmente carregamos nossa adorável “irmã” Gisela para descansar depois de 3 semanas de hospitalização severa. Só com lágrimas posso escrever, porque era uma criança tão doce, boa e feliz. Agora, “isso” está na luz de Jesus e paira ao nosso redor como nosso bom espírito. Mas estamos tão tristes: por favor, reze também uma oração silenciosa por nossa querida “irmãzinha”. Não queremos reclamar. Nossa filha está com Deus. Isso é bom. (tradução nossa).[42]

Após a morte precoce de Gisela Stellbrink, percebemos nas cartas de Stellbrink um pai que chora.

Mas, retornemos a pergunta que dá início a esta reflexão: “o que leva um pastor a colocar a cruz de um partido político no lugar da cruz de Cristo”? Entre os luteranos que se destacam no extremo sul do Brasil, de ambas as tradições (Sínodo Rio-Grandense ou Sínodo de Missouri), não existem restrições significativas quanto ao uso de imagens nos elementos litúrgicos. Outras vertentes protestantes apresentam

---

[40] Cf. sobre a condenação e execução de Stellbrink: Buss (2011, p. 329).
[41] Cf. **Decapitado por Hitler**: cruelty of the nazis, judicial terror and civilian executions, 1933–1945; Fonthill Media, Stroud, 2014.
[42] Carta escrita por Karl Friedrich Stellbrink em 30 de abril de 1924, concedida por Barbara Stellbrink-Kesy, sobrinha-neta de Karl Friedrich Stellbrink. As cartas encontram-se em seu acervo particular. Elas também serviram de inspiração para um romance escrito por Barbara, intitulado “Unerhörte Geschichte: Frei - aber verpönt”.

restrições severas quanto ao uso de imagens, classificando-as como idolatria. A cruz significa uma marca da fé, evidenciando que a pessoa depositou a fé que possuía no Cristo crucificado. Sobre a sepultura como um todo, Renato Farofa evidencia que:

> É preciso entender a sepultura como um suporte de memória, então, ali é feito algo com relação ao que se quer lembrar daquela pessoa. Por isso existe a escolha, às vezes de um versículo bíblico que a pessoa gostava, que vai representar como foi a fé daquela pessoa baseada em Cristo, às vezes remetendo também a algum versículo bíblico associado à mensagem da salvação. [...] A grosso modo, a cruz é uma representação da fé cristã. A presença ou a falta da cruz não representa a presença ou a falta de fé da pessoa sepultada, mas sim uma escolha da família.[43]

Por tratar-se de uma criança, descarta-se a hipótese de que os elementos que compõem a sepultura tenham sido determinados por ela ainda em vida. A responsabilidade recai sobre a família. Através de uma memória[44] herdada, a Comunidade de Arroio do Padre II julga existir ali na sepultura uma evidência clara de referência ao NSDAP, condenando a atitude de Karl Friedrich Stellbrink.

Se hoje o sentimento remete à reprovação, não necessariamente tenha sido assim no momento de edificação e nos anos que se sucederam. Somente pessoas de origem alemã podiam filiar-se ao NSDAP, como era o caso de Stellbrink. As pessoas da comunidade na qual ele pastoreava eram de origem pomerana, portanto, não lhes era permitido uma filiação. Não se pode descartar que a censura de Stellbrink existente hoje tenha surgido a partir do sentimento de decepção daqueles que alimentavam interesse em uma possível participação no NSDAP, independentemente de qual fossem suas motivações pessoais[45].

---

[43] Depoimento concedido pelo teólogo e historiador Renato Rodrigues Farofa, em 19 de maio de 2021, em Canguçu/RS.

[44] A memória também precisa ser destacada. Le Goff, em sua obra *"*História e Memória*"* publicada em 1990, evidencia a pluralidade do conceito, definindo memória como "[...] propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas" (LE GOFF, 1990, p. 423). Neste sentido, a memória também adquire o significado de poder, como uma espécie de garantia de superioridade em relação aos demais. Le Goff conclui que: "tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 1990, p. 426). Ainda buscando respaldo nas considerações de Le Goff, compreende-se que a memória também se constitui como um aspecto formador da identidade, do caráter do indivíduo. Le Goff considera que "a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia" (LE GOFF, 1990, p. 476).

[45] Anthony Giddens argumenta que: "nas sociedades tradicionais, o passado é venerado e os símbolos são valorizados porque contêm e perpetuam a experiência de gerações. A tradição é um meio de lidar com o tempo e o espaço, inserindo qualquer atividade ou experiência particular na

A seguir, então, as três possibilidades de leitura do símbolo identificado:

I. Trata-se de uma suástica nazista, ou, no momento, o símbolo significava outra coisa?

De fato, o símbolo apresenta significativa semelhança, contudo, as datas confundem e dão margem a questionamentos. A menina Gisela faleceu em 1924. A primeira célula nazista, no Brasil, data de 1932, no Rio de Janeiro, e só a partir de 1930 o NSDAP começou a ter sucessos eleitorais na Alemanha. Em um primeiro momento, parece forçado afirmar uma ligação entre o símbolo e o NSDAP. Mas, então, o que ele significa ou representa?

A suástica é um símbolo místico que originalmente representa a busca pela felicidade, salvação e boa sorte. A suástica é formada por uma cruz com as suas extremidades curvadas e posicionada em torno de um centro estático. Apresenta um grande número de significações, em algumas culturas, a suástica representa o conceito do movimento cíclico e de regeneração da vida. O símbolo também é conhecido como cruz gamada, e está presente na história de diferentes culturas antigas. Há registros de que o símbolo já era usado no Período Neolítico, sendo também encontrado na história de inúmeras civilizações, como os astecas, os celtas, os budistas, os gregos, os hindus, no Egito, e vários outros[46].

Em um primeiro contato, causa espanto a possibilidade de que Stellbrink tenha colocado a suástica nazista na sepultura. Da mesma forma, não se pode ignorar a inquietação despertada ao observarmos que Stellbrink, um pastor conservador em diversos sentidos, possa ter também escolhido um símbolo pagão ou relacionado a outra vertente religiosa, como exposto acima. A cruz é a escolha tradicional, ela aparece como primeira opção. A suástica é uma cruz peculiar, mas mesmo assim, em essência, segue sendo uma cruz. Certamente, em determinada escala, aquele símbolo em especial possuía significativa importância para quem solicitou a sua gravação. Possivelmente, sua escolha demonstre que o valor atribuído ao símbolo era maior do que o valor atribuído à cruz de Cristo, ao menos naquele momento.

II. O túmulo foi feito imediatamente ou encomendado em algum momento posterior?

---

continuidade do passado, presente e futuro, os quais, por sua vez, são estruturados por práticas sociais recorrentes" (*apud* HALL, 2006, p. 14-15).

[46] Cf. quanto à origem da suástica: England (1997, p. 11-17).

Não foi possível localizar no arquivo da Comunidade Luterana de Arroio do Padre II algo que mencionasse a construção da sepultura. No próprio túmulo também não consta nenhuma informação referente à data de fabricação ou até mesmo sobre quem fabricou a pedra. Isto posto, abrem-se duas novas chaves de leitura para este tópico, a saber: foi encomendada por Stellbrink em algum momento depois de seu retorno à Alemanha, ou foi fabricada em um momento posterior, a pedido da própria Comunidade Luterana de Arroio do Padre II.

Caso Stellbrink tenha solicitado a feitura do jazigo após seu retorno ao velho mundo, em 1929, o símbolo vinculado ao NSDAP justificara-se. Se por ventura tiver sido a comunidade a responsável pelo túmulo, e consequentemente, pelo símbolo que nele consta, talvez tenha existido uma vontade ou uma necessidade de identificar Stellbrink como um nazista para o futuro. O símbolo gravado poderia carregar uma força tão grande como representação, que daria conta de uma punição ou castigo. Não há como assegurar que a relação de Stellbrink com a comunidade tenha ocorrido sempre de forma amistosa. As atas das assembleias e das reuniões do presbitério desse período, fontes que obviamente poderiam elucidar este convívio, se extraviaram. Como contraponto, existe também a possibilidade de que o símbolo tenha sido incluído para expressar algo que se destacava na personalidade do pastor, a gratidão que a comunidade possuía para com ele e pelo trabalho prestado por ele e sua esposa na Igreja e na escola.

Contudo, há algo que salta aos olhos de quem observa o conjunto de sepulturas existente naquele cemitério. A sepultura de Gisela Stellbrink é feita de granito. Nenhuma das demais sepulturas possui feitio semelhante. As primeiras lápides infantis feitas do mesmo material datam da década de 1980. O granito usado no jazigo remete a um *status* social elevado, em função do seu alto custo. Teria Stellbrink recebido uma ajuda de custo de familiares ou da própria Igreja da Alemanha? Teria ele superado as dificuldades econômicas vividas em solo pelotense, e estando de volta à Alemanha, encomendado a lápide? Teria sido a comunidade, que em um momento político e econômico mais propício, tenha reavivado a figura de Stellbrink por meio do símbolo? São questionamentos que, até o momento, permanecem sem resposta.

III. A última possibilidade difere da primeira quanto ao significado atribuído ao símbolo, mas esbarra nos mesmos empecilhos. Se a construção da lápide foi providenciada imediatamente após a morte, e por livre e espontânea vontade,

Stellbrink tenha escolhido a suástica nazista. Supostamente, seu passado político e sua romântica visão ariana tenham sido fortemente estimulados na juventude. Novamente, as datas revelam-se inconsistentes como evidência para uma afirmação mais concreta e confiável.

O site que pertence ao memorial dos mártires de Lübeck[47], o léxico ecumênico de santos[48] e o próprio site Wikipédia apresentam Stellbrink como conservador e nacionalista. Realmente não há evidências acerca de seu envolvimento com o NSDAP antes de maio de 1933, mas sabe-se de seu envolvimento precoce em organizações de ultradireita[49]. É digno de nota a probabilidade de que Stellbrink tenha participado de alguma organização como a Sociedade *Thule*, que já houvera adotado a suástica como símbolo, em uma perspectiva de superioridade ariana.

O NSDAP formalmente adotou a suástica ou *Hakenkreuz* (cruz em gancho, em uma versão literal) em 1920. O símbolo era usado na bandeira, bem como em distintivos e braçadeiras do partido. Na realidade, a suástica já era usada como símbolo do movimento *völkisch*[50] alemão.

> Most likely what inspired Hitler to use the swastika as a symbol for the NSDAP was its use by the "Thule-gesellschaft", since there were many connections between them and the DAP.
> Muito provavelmente o que inspirou Hitler a usar a suástica como símbolo do NSDAP foi seu uso pela Sociedade Thule, uma vez que havia muitas conexões entre eles e o DAP[51] (ENGLAND, 1997, p. 15, tradução nossa).

Por meio de um diálogo com as fontes, as evidências indicam que, por seu engajamento político anterior a sua estada no Brasil, Karl Friedrich Stellbrink tenha tido contato com a suástica, não necessariamente nazista, mas diretamente ligada a uma representação de superioridade racial.

Hansjörg Buss, assistente de pesquisa no Departamento de Teologia Protestante da Universidade de Saarland (cadeira Prof. Dr. Hüttenhoff), doutorou-se

---

[47] Cf. https://www.gedenkstaette-lutherkirche.de/. Acesso em: 15 jun. 2021.
[48] Cf. https://www.heiligenlexikon.de/BiographienK/Karl_Friedrich_Stellbrink.html. Acesso em: 15 jun. 2021.
[49] Cf. ver nota 15.
[50] O Movimento *völkisch* era a interpretação alemã do movimento populista, com um enfoque romântico sobre o folclore do país, durante um período compreendido entre o final do século XIX e o período nazista. O termo völkisch, que significa "étnico", deriva da palavra alemã Volk, correspondente a "povo".
[51] Partido Alemão dos Trabalhadores (em alemão, Deutsche Arbeiterpartei) foi um partido de curta existência e que logo deu origem ao Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães. Foi fundado em 5 de janeiro de 1919, em Munique, na Alemanha. Extinguiu-se em 24 de fevereiro de 1920.

em História pela Universidade Técnica de Berlim (2009). Em sua tese, versa sobre a atuação da Igreja Regional de Lübeck em favor do antijudaísmo cristão e do antissemitismo étnico entre os anos de 1918 e 1950. Em seu estudo, dedica um subitem completo à biografia de Stellbrink. Em uma passagem, afirma que:

> Zu diesem Zeitpunkt gehörte Stellbrink mehreren völkischen Organisationen an. Als Seminarist war er am Aufbau einer Ortsgruppe des Deutschnationalen Jugendbundes beteiligt, 1919 dem Alldeutschen Verband und dem Verein für das Deutschtum im Ausland beigetreten. Er selbst gab später an, sich in Brasilien zudem der Landesgemeinde des radikal völkischen Deutschbundes angeschlossen zu haben. In dieser Phase kam dem politischen Bekenntnis ein hoher Stellenwert zu: Zur Gestaltung seiner Hochzeitsanzeige, Stellbrink heiratete im März 1921, ver wendete er das Hakenkreuz.
> Naquela época, Stellbrink pertencia a várias organizações étnicas. Como seminarista, esteve envolvido na criação de um grupo local da Associação Nacional da Juventude Alemã e, em 1919, ingressou na Associação Pan-Alemã e na Associação para a Germanidade no Exterior. Ele mesmo afirmou mais tarde que no Brasil também havia se juntado à comunidade nacional da Confederação Alemã de etnia radical. Nessa fase, o compromisso político foi de grande importância: ele usou a suástica para fazer o anúncio de seu casamento, Stellbrink casou-se em março de 1921 (BUSS, 2011, p. 330, tradução nossa).

Hansjörg evidencia que Stellbrink usou a suástica como pano de fundo na criação do *desing* de seu convite de casamento com Hildegard, ocorrido dois meses antes de viajar ao Rio Grande do Sul. Estes detalhes começam a lançar luzes sobre o pouco explorado fragmento da vida de Stellbrink, contexto este no qual o túmulo está inserido.

Durante sua passagem pelo Brasil, Stellbrink presenciou um momento difícil para as comunidades luteranas e, sobretudo, seus ministros ordenados. A entidade que em grande parte sustentara as atividades eclesiásticas fora a Caixa Luterana de Deus. Os anos que sucederam a Primeira Grande Guerra proporcionaram uma situação que só tendia a piorar. A derrota alemã e a inflação consequente da guerra tornaram literalmente impossível contar com recursos financeiros provenientes da Alemanha. O Sínodo[52] dependia da verba enviada da Alemanha, pois a grande maioria das comunidades não possuía condições de manter os seus pastores[53].

> Nachdem er sich aufgrund von Arbeitsüberlastung, schlechten wirtschaftlichen Verhältnissen und den ungewohnten klimatischen Bedingungen erfolglos um eine Rückkehr nach Deutschland bemüht hatte, wechselte er in den Pfarrbezirk Monte Alverne bei Santa Cruz.
> Depois de tentar, sem sucesso, regressar à Alemanha devido ao excesso de trabalho, às más condições econômicas e às condições climáticas pouco

[52] Cf. sobre o Sínodo Sul-Rio-Grandense: Dreher (2003, p. 83-155).
[53] Cf. sobre o todo: Dreher (2003, p. 114-155).

> familiares, mudou-se para a freguesia de Monte Alverne perto de Santa Cruz (BUSS, 2011, p. 331, tradução nossa).

Possivelmente, ao deparar-se com este cenário adverso, uma comunidade precária e um futuro incerto, Stellbrink constantemente necessitasse reafirmar sua identidade[54], e a sepultura pode ter sido uma oportunidade para tal. Em conversas informais com Hansjörg Buss, o mesmo afirma existir uma informação não confirmada no meio acadêmico, de que Stellbrink teria decorado o interior do templo da Comunidade Luterana de Arroio do Padre II com diversas suásticas[55]. Não foi possível ainda localizar fotografias, relatos ou escritos que confirmem tal informação.

Na perspectiva de aprofundar a análise, levemos em consideração observações feitas por Hitler no *Mein Kampf*[56]*.* Hitler prometeu ao *Reichstag*, em 23 de março de 1933, que não interferiria nos direitos das Igrejas. No entanto, com o poder assegurado na Alemanha, Hitler rapidamente quebrou essa promessa. Há um consenso entre os historiadores sobre o posicionamento de Hitler no que tange à religião. Com o passar do tempo, Hitler pretendia suplantar a influência do cristianismo na sociedade alemã e, então, substituí-la por um novo credo associado à ideologia nazista. Para efetivar este processo de transição pretendido, mostrou-se ser necessário mesclar/transfigurar religião e partido, cruz e suástica, Deus e *Führer*[57].

Caso tenha sido essa a verdadeira intenção de Stellbrink ao escolher tal símbolo para compor a lápide, surge a hipótese de que o mesmo buscou representar[58] duas coisas fundamentais para ele em um mesmo emblema. Um único símbolo representaria a vontade de provar as gerações vindouras que Gisela Stellbrink era cristã, mas ao mesmo tempo, uma criança ariana.

Dentre as informações trocadas com Hansjörg, expôs-se uma informação que o mesmo desconhecia. No site do memorial dos mártires de Lübeck, existe uma fotografia que chama a atenção. Na imagem, um passaporte usado pela família

---

[54] Como observa o crítico cultural Kobena Mercer, a identidade somente se torna uma questão quando está em crise, quando algo que se supõe como fixo, coerente e estável é deslocado pela experiência da dúvida e da incerteza (HALL, 2006, p. 9). A identidade plenamente unificada, completa, segura e coerente é uma fantasia (HALL, 2006, p. 13).

[55] Depoimento concedido em 20 de maio de 2021, via e-mail.

[56] Cf. sobre as bases do pensamento nazista: HITLER, A. **Mein Kampf**. Alemanha: Franz-Eher-Verlag, 1925.

[57] Em português: condutor, guia, líder ou chefe.

[58] Nas ciências humanas fala-se muito, e há muito tempo, de “representação”, algo que se deve, sem dúvida, à ambiguidade do termo. Por um lado, a “representação faz às vezes de realidade representada e, portanto, evoca a ausência; por outro, torna visível a realidade representada e, portanto, sugere a presença (GINZBURG, 2011, p. 85).

Stellbrink em seu retorno à Alemanha, em 1929, no qual consta uma menina de nome Gisela, nascida em 29 de março de 1925. As datas não correspondem. Após confirmar a informação com Barbara Stellbrink-Kesy[59], comprova-se o que anteriormente era apenas suposição, houveram duas meninas de nome Gisela. A primeira falecida prematuramente; a segunda, por sua vez, cresceu e deixou herdeiros. Barbara relata que a família prefere não comentar abertamente o assunto[60].

Figura 9 – Passaporte de Karl Friedrich Stellbrink e sua família, emitido em 1929, quando retornou à Alemanha
Fonte: Gedenkstätte Lutherkirche

[59] Cf. ver nota 21.
[60] Depoimento concedido em 25 de maio de 2021, via e-mail.

Figura 10 – Adele Dieckmeyer, sogra de Karl Friedrich Stellbrink, com Gisela Stellbrink (a primeira Gisela, de 1923) no colo
Fonte: Gedenkstätte Lutherkirche

Figura 11 – Família Stellbrink no jardim da casa paroquial com Ewald, Gisela (a segunda Gisela, de 1925), Hildegard, Karl Friedrich, Waltraut, Gerhard e Hugo
Fonte: Gedenkstätte Lutherkirche

É digno de nota que, nesta análise prática, foi possível consultar algumas fontes ainda não utilizadas por outros historiadores. Entre elas estão: o contato com Barbara Stellbrink-Kesy, o acesso ao histórico de Stellbrink no arquivo da IECLB e as conversas informais com Hansjörg Buss, o que permitiu lançar olhares referentes a

aspectos e costumes do período, como a simbologia de homenagem póstuma, a formação da extrema-direita na Alemanha e no Brasil e a questão da suástica como símbolo racial nos grupos de extrema-direita anteriores a 1920, em que Karl Friedrich Stellbrink esteve inserido.

Interessante também é destacar que, nesta análise, foram repensados alguns aspectos sobre a própria vinculação entre religião e etnia, visto que o diálogo com as fontes permitiu ressignificar algumas questões que pareciam consolidadas pela historiografia pertinente ao tema. Sobretudo, a trajetória de Karl Friedrich Stellbrink, que desvelou ser mais complexa e ainda carente de estudos mais aprofundados acerca da formação de intelectuais conservadores na primeira metade do século XX.

As reflexões aqui expressas não esgotam as possibilidades de leitura sobre a lápide e o símbolo nela contido. Longe disso, as análises propostas objetivam motivar novas discussões e descobertas. Entretanto, o diálogo com as fontes permite afirmar que Stellbrink nunca deixou seus ideais políticos sobreporem-se à sua fé na mensagem do Evangelho. Stellbrink arriscou unir religião e política, tardou, mas percebeu o descompasso entre as duas. Nesta escolha, ele optou manter-se firme pela opção religiosa e pagou o preço por isso. Amou sua família, e sobretudo, amou Gisela Stellbrink. Além disso, este exemplo demonstra na prática as sequelas que a vinculação entre Evangelho e germanidade podem ocasionar se mantidas e administradas ao extremo, como foi o caso de Stellbrink, durante sua passagem pela comunidade de Arroio do Padre II. Stellbrink atuou em Pelotas/RS no período em que a germanidade esteve mais aflorada, confundindo-se ou adquirindo traços de germanismo em algumas ocasiões.

Neste processo contínuo de abertura da Igreja Luterana, abordado de modo mais aprofundado no próximo capítulo, veremos que a comunidade de Arroio do Padre II abre suas portas aos não teuto-descendentes apenas nos anos 2000. O que nos demonstra que o pensamento de “uma Igreja alemã para os alemães” levou pelo menos 75 anos para ser de fato superado. Isso, sem dúvidas, trouxe prejuízos para a comunidade. Atualmente, a memória de Stellbrink é cultivada com um tom menos étnico/político e mais folclórico. Entretanto, nas memórias anciãs de Arroio do Padre II, Stellbrink segue sendo um pastor nazista, e nada mais.

É justo ter cuidado com a escrita. Uma das virtudes do historiador é, sem dúvida, escrever sem difamar. Isto se aplica de forma especial a este subtítulo. Para Dreher, cabe a nós considerar que:

> Nossos pais, no Sínodo, talvez tiveram uma outra forma de pensamento teológico; tiveram, talvez, uma concepção eclesiástica diversa da nossa, pensaram, talvez, em parte, poder coordenar Evangelho e etnia [...]. Talvez tenhamos que dizer, a partir dos conhecimentos que pudemos obter: ouvimos a Palavra de Deus de maneira diferente – e isso, contudo, não nos dá o direito de dizer: eles não ouviram a Palavra de Deus (DREHER, 2003, prólogo).

2.3 Perigos e consequências de uma aproximação entre Evangelho e germanidade

Neste item objetivamos contemplar um momento significativo na história da Igreja. Por alguns, esse é lembrado com saudosismo, por outros, como sinônimo de atraso. Há grande necessidade de cuidado, pois trata-se de um passado ainda recente. Interessante observar um aspecto que seguirá ao longo desta dissertação, qual seja: a tenção entre germanidade e religião, que por vezes agiu como limitador do aspecto missionário da Igreja luterana no sul do Rio Grande do Sul.

Destacamos aqui três principais perigos e consequências neste processo, a saber: a aproximação com o nacional-socialismo que a relação entre Evangelho e germanidade propiciou; a violência física e psicológica resultante da associação com o nacional-socialismo; o prejuízo que a comunidade sofre ao não se integrar à realidade de onde está inserida. Todas elas podem ser observadas em Pelotas/RS. Pretende-se, a partir de agora, ampliar o debate sobre esses pontos.

Como já analisado no item 2.1, durante o século XIX e início do século XX, não houve esforço da parte dos brasileiros quanto à integração dos imigrantes alemães. Restava à própria colônia prover a si mesma os serviços que não lhe competiam, como disponibilizar acesso à educação escolar e à assistência médica, por exemplo. Mediante essas circunstâncias, podemos observar o auxílio que a Igreja de vertente luterana prestou às comunidades teuto-brasileiras nesse sentido.

Desde as comunidades alemãs pioneiras no Rio Grande do Sul e no Espírito Santo, a religiosidade esteve presente em seus alicerces, pois os imigrantes trouxeram consigo da Europa o luteranismo. O dia a dia da colônia era pautado pelo calendário da Igreja, a autoridade pastoral era tão ou mais significativa do que a autoridade política local, pois a maioria das cidades teutas desenvolvia-se nos entornos de uma Igreja Luterana – o que não descarta o protagonismo católico em alguns casos específicos, visto que nem todas as cidades alemãs têm predominância luterana. Até mesmo os tradicionais festejos típicos hoje existentes surgiram dentro

das comunidades luteranas. Neste sentido, a Igreja enquanto instituição foi fundamental para a organização dessas comunidades, mas, sobretudo, na questão da educação, por ter promovido uma luta constante contra o analfabetismo.

Cabe aqui algumas considerações sobre o Poder Simbólico. Esse atributo deve ser adotado aqui como uma chave de leitura para as mutações ocorridas na identificação do grupo teuto em Pelotas/RS. Esse poder que a Igreja Luterana exerceu sobre o cotidiano da comunidade teuto-brasileira foi colaborador na formação de uma identidade, visto que, no campo simbólico, a religião conseguiu unir aspectos religiosos e étnicos. Pierre Bourdieu, teórico que conceitua essa forma de poder, afirma que “o poder simbólico é, com efeito, esse poder invisível o qual só pode ser exercido com a cumplicidade daqueles que não querem saber que lhe estão sujeitos ou mesmo o exercem” (BOURDIEU, 1998, p. 8).

A construção simbólica do protestantismo em relação à comunidade teuto deu-se desde o início da imigração. É digno de nota, que a religiosidade foi uma das poucas coisas de valor que os imigrantes alemães trouxeram consigo da Europa, seja ela católica ou luterana. Nas intempéries do dia a dia dessas comunidades imigrantes, a Igreja assumiu papel fundamental, não por livre arbítrio, mas sim por real necessidade. Sem dúvida alguma, o simbolismo solidifica-se quando a instituição religiosa toma para si as responsabilidades do Estado, assumindo uma posição tão ou mais importante do que a do próprio governo. Os campos de atuação da igreja na vida da comunidade são os mais variados possíveis, embora ganhe destaque sempre, a questão educacional.

A Igreja Luterana no Brasil também sofreu influências políticas e sociais, cujas consequências atingiram diretamente o cotidiano das comunidades teuto-brasileiras. Entre os anos 1824 e 1871, a Igreja resumiu sua atuação ao campo social, não era possível observar um significado ideológico na sua existência (DREHER, 1984, p. 63). A unificação alemã, no ano de 1871, foi um marco decisivo para a questão da germanidade e oferece uma chave de leitura para diversos conflitos envolvendo a comunidade teuto-brasileira. A partir desse momento veio à tona o que inconscientemente já estava presente: o orgulho nacional. A criação do Reino Alemão foi a justificativa para que se tornasse possível cultivar, de modo consciente, o caráter germânico. A ligação entre Igreja e germanidade, que outrora foi casual, agora era feita de forma aberta por pastores e comunidades alemãs no Brasil. A religião mesclava-se com a perspectiva de uma solidariedade comunitária de grupo, por meio

da qual se realizavam as festas, se discutia política, se trabalhava conjuntamente, casavam, brigavam, se realizava mutirões, ou seja, era um dos elos que solidificava a comunidade.

Bourdieu afirma que:

> O poder simbólico como poder de construir, [...] de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou transformar a visão do mundo e, deste modo, a ação sobre o mundo, portanto o mundo; poder quase mágico que permite obter o equivalente daquilo que é obtido pela força (física ou econômica), graças ao efeito específico de mobilização, só se exerce se for reconhecido, quer dizer, ignorado como arbitrário (BOURDIEU, 1998, p. 14).

Naquele momento, esse havia sido o caráter adquirido pela Igreja dentro da comunidade teuto-pelotense. A instituição, conscientemente ou não, repassou aos membros da comunidade teuto a sua visão de mundo, um mundo germânico que simbolizava e significava o seu passado e a sua origem.

Durante a existência do Sínodo Rio-Grandense, entre 1886 e 1930, um dos aspectos essenciais do seu exercício era o fortalecimento e a preservação da germanidade. Em 1924, o pastor E. Lindermann escreveu:

> Aos alemães no exterior, porém, queremos reiterar: permaneçam fiéis e atenção firmemente ao nome e à honra alemães. Ajudem na construção da casa alemã também no exterior. [...] Não queremos desonrar o nome alemão, mas sim, honrá-lo, onde quer que estejamos. Ainda existe um futuro alemão (PRIEN, 2001, p. 370).

Igreja e germanidade estavam estreitamente ligados, fundidos de forma inseparável. Wilhelm Rotermund[61] chegara a afirmar que "pensar a germanidade separadamente do Evangelho era inconcebível, pois sem o Evangelho, a germanidade perderia sua razão de ser". Esse pensamento étnico é demonstrado em várias passagens, como exemplifica P1, ao dizer que "se leres o Oberacker[62], verás que o pensamento dele é o seguinte: eu sirvo a Deus e ao meu povo, seja na Alemanha ou fora da Alemanha. Onde meu povo está ali estou com ele. Esse pensamento caracteriza a Igreja alemã no mundo[63]".

> Quanto à ligação entre germanidade e confissão, não se poderá negar toda a plausibilidade à afirmação, reiterada nas fontes, de seu condicionamento mútuo. Quem está preocupado com a preservação de sua identidade tentará, normalmente, preservar tanto a língua quanto a confissão como partes de

[61] Wilhelm Rotermund (Stemmen, 25 de novembro de 1843 – São Leopoldo, 5 de abril de 1925) foi um pastor luterano, professor e jornalista teuto-brasileiro.
[62] Cf. quanto à biografia de Karl Heinrich Oberacker: Oberacker (2020).
[63] Entrevista concedida em São Lourenço do Sul/RS, em 4 de setembro de 2021.

> sua identidade. Aquele, porém, que achar isso desnecessário ou impossível num país estranho, perderá facilmente ambas as coisas, sobretudo se a confissão luterana não corresponde a uma decisão pessoal, mas é uma herança da *Volkskirche* (PRIEN, 2001, p. 96).

A alteração do nome do Sínodo para “Igreja Evangélica Alemã no Rio Grande do Sul”, em 1901, também demonstra que pretendia-se acentuar o caráter teuto da instituição e, além disso, aumentar o trabalho da Igreja no sentido nacional. Prien (2001) cita um fragmento de um relatório produzido por P. Becker, no qual avalia que:

> Se quisermos que nossa Igreja seja ou se torne uma verdadeira *Volkskirche*, não nos devemos satisfazer com a filiação à Igreja por costume, mas devemos insistir numa eclesialidade teuto-evangélica consciente. Nossos membros devem ter a consciência por que pertencem justamente a uma *Volkskirche* de caráter alemão-evangélico que se distingue tanto da Igreja católica quanto das Igrejas livres protestantes-brasileiras e outras comunhões filosóficas como as espíritas e livres pensadores (PRIEN, 2001, p. 371).

E acrescenta palavras do P. Schröder, que afirmara: “eu vi um etnicismo consanguíneo lutando por sua espécie, parte dessa etnia lutando por sua confissão evangélica (PRIEN, 2001, p. 371).

Aumentou-se esse aspecto relacional a partir do final do século XIX, quando a Igreja no Brasil se filiou à Igreja Territorial da Prússia e passou a se autodeclarar uma extensão da Igreja Evangélica da Alemanha, logo, era necessário manter não só a língua alemã, mas também os laços espirituais com a Igreja da Alemanha, e cultivar conscientemente o protestantismo de tipo alemão. Obviamente, soma-se a isso a importante ajuda financeira resultante desta ação. Conforme exemplifica P5:

> A primeira coisa que temos que constatar é que nós não vivemos nesse tempo. Mas, olhando para a história da Igreja, os pastores que vinham da Alemanha traziam para cá um modelo de Igreja de caráter germânico. Era a forma com o que hoje chamamos de Alemanha estruturava o seu ser de Igreja Evangélica. De forma muito insistente, antes da guerra, o que depois veio a se tornar a Federação Sinodal e consequentemente IECLB, teve sua direção assumida pelo que se chamava de "igreja mãe", igreja alemã[64].

Complementa P1, acerca da organização administrativa da IECLB:

> A IECLB é uma Igreja transplantada, ela não nasceu aqui. Ela veio do além-mar, e seguiu aqui nos mesmos moldes, a mesma estrutura. Então, nós não criamos uma estrutura nacional, nós simplesmente copiamos da estrutura mãe, portanto, não há nada novo, o que fizemos foi dar continuidade ao que já existia[65].

[64] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 27 de outubro 2021.
[65] Entrevista concedida em São Lourenço do Sul/RS, em 4 de setembro de 2021.

Especificamente em Pelotas/RS, por meio do diálogo com as fontes, observa-se que as comunidades luteranas da cidade, nos primeiros anos do século XX, foram pastoreadas por ministros alemães, com formação superior em teologia na Alemanha (Karl Friedrich Stellbrink e Karl Heinrich Oberacker são citados na dissertação e são oriundos desse período). Já na década de 1930, era possível encontrar pastores brasileiros em atuação (em caso de extrema necessidade), contudo, os ministros ordenados alemães ainda representavam a maioria. É compreensível que, por ser palco de atuação de pastores alemães, a questão da germanidade tenha sido trabalhada e fortalecida de forma singular nas comunidades pelotenses, apresentando particularidades e desdobramentos próprios, dentro de um contexto ainda maior.

Neste sentido, o historiador e teólogo Martin Norberto Dreher, em sua tese *"Kirche und Deutschtum in der Entwicklung der Evangelischen Kirche Lutherischen Belenntnisses in Brasilien"* ("Igreja e germanidade: estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil"), que seria publicada em forma de livro no ano de 1984, reforça a ideia de que nos primeiros 45 anos do século XX, houvera uma estreita relação entre as Igrejas brasileira e alemã, em um esforço comum pela preservação nacional. Contudo, Dreher vai além e indica que, após a ascensão nazista, a Igreja Luterana da Alemanha foi impregnada pela ideologia nacional-socialista. Desta forma, tal ideologia também obteve acesso e alcançou as lideranças pastorais sul-brasileiras. A partir de sua obra é possível analisar as trocas políticas e econômicas entre as duas instituições religiosas, reafirmando o caráter ideológico assumido após 1871, agudizado depois de 1933.

É importante destacar que, durante os 12 anos em que Hitler esteve no poder na Alemanha, o Sínodo Rio-Grandense conviveu com a influência nacional-socialista representada por um pastorado que compreendeu dois terços dos seus ministros ordenados. Desta forma, este grupo, então maioritário, compartilhava seu anseio de uma Igreja Luterana brasileira subordinada ao Estado Alemão. Historiando com Prien:

> De extraordinária importância para todas as nossas comunidades brasileiras é, não só a partir de 1933, o problema "*Volkskirche* e o povo da Igreja". Num país católico romano, dificilmente se pode separar na prática o permanecer alemão do permanecer evangélico; uma coisa permanece ou desaparece junto com a outra. Por isso, a Igreja evangélica dos teuto-brasileiros se compara a um cedro no íngreme barranco de rio fortemente erosionado pela água, que se agarra teimosamente com suas raízes a uma rocha e é sustentado por ela; essa rocha é o germanismo. Nessa ligação histórica entre Igreja e etnicismo naturalmente reside, em princípio, o perigo de se cair, inconsciente ou conscientemente, num protestantismo cultural étnico alemão. É tarefa da classe pastoral na América do Sul, especialmente de seus

> educadores e líderes, garantir que, apesar desse perigo, a Igreja sempre permaneça Igreja, sempre plenamente consciente de sua incomparável missão eterna e de seus deveres poimênicos serviço do seu Senhor celestial (PRIEN, 2001, p. 371).

É digno de nota que germanidade e germanismo são dois conceitos diferentes. As tradições, os costumes, o saudosismo pelo passado são características da germanidade, já a manutenção de aspectos culturais embasados em teorias ideológicas são propriedade do germanismo. O germanismo só se manifesta nas comunidades teuto-brasileiras durante o período em que o nacional-socialismo vigora na Alemanha, antes disso trata-se de germanidade.

Há também outro aspecto que pressiona a comunidade teuto-pelotense nesse período, o nacionalismo de Getúlio Vargas, no Estado Novo de 1937. O nacionalismo, quando analisado enquanto fenômeno, apresenta uma difícil definição. Essa impotência historiográfica em torno da falta de definição científica é compartilhada por teóricos como Benedict Anderson, Hugh Seton-Watson e Tom Nairn. Para Anderson (2008, p. 32), a nação seria "uma comunidade política imaginada – e imaginada como sendo intrinsicamente limitada e, ao mesmo tempo, soberana", mas esta vaga definição comprova a complexidade encontrada por qualquer um que se dispõe a refletir sobre o tema. Tão ou mais difícil do que definir o próprio conceito de nacionalismo, é entender a realidade de um grupo de imigrantes e seus descendentes, que em um determinado momento, encontraram-se divididos entre duas nacionalidades, uma elevada ao extremo (a Alemanha nazista) e a outra mais branda, entretanto, corrosiva o suficiente para reprimir e censurar (Estado Novo).

"Mais do que inventadas, as nações são imaginadas, no sentido de que fazem sentido para a 'alma' e constituem objetos de desejos e projeções" (ANDERSON, 2008, p. 10). A consideração supracitada é válida para os dois nacionalismos que, de certa forma, inseriam-se na identidade dos teutos-descendentes. As notícias e os discursos de Hitler que chegavam ao Brasil pelo rádio provocavam euforia, despertavam um sentimento de pertença, de nostalgia, e traziam à tona lembranças de um passado que a maioria dos teutos daquele momento não viveu. Como exemplo, recordamos o relato de P13[66], que afirmara com satisfação seu sentimento de acolhimento ao ouvir os discursos "inflamados" de Hitler pelo rádio. Por outro lado, a maioria de seus aspectos culturais eram severamente censurados, as colônias

[66] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 3 de julho de 2019.

tornaram-se grandes campos prisionais simbólicos[67], e as transgressões das regras impostas pelo Estado Novo eram punidas com prisões, torturas e assassinatos. Seyferth diz que:

> A campanha de nacionalização foi vivenciada pela população teuto-brasileira como mais uma crise, a maior de uma história de confrontos com a sociedade brasileira, no sentido de manter as diferenças étnicas e uma identidade própria, construída etnocentricamente como quase todas as identidades étnicas (SEIFERTH, 1994, p. 22).

Hitler e Vargas assemelham-se quanto à pretensão de criar uma imagem nacional e demonstrar prosperidade para o resto do mundo. A diferença gritante entre um e outro é que, enquanto Vargas diminuía a pluralidade étnica brasileira e incorporava todos sob uma única identidade, Hitler excluía e eliminava as demais etnias, indignas de participar da sua versão deturpada de nacionalismo. Ambos representavam uma projeção para o futuro, mas nenhum deles foi capaz de atender a todas as demandas da comunidade teuto-descendente. As comunidades alemãs eram órfãs da Alemanha, e no que tange à assimilação, também do Brasil. Mesmo assim, o choque entre nacionalismos sofrido pela comunidade teuto-gaúcha, que migrou de um lado para o outro conforme o momento, produziu, embora não por caminhos dos quais Hitler e Vargas pudessem se orgulhar, uma cultura singular, particularmente muito rica, como pode-se observar no caso de Pelotas/RS.

Possivelmente, a língua seja o aspecto que mais se destaca nesse processo. A língua estava presente em todos os aspectos da vida comunitária, sem nenhuma exceção. Em casa, no trabalho, na Igreja, nos momentos de lazer, a língua alemã (a pomerana, no caso de Pelotas/RS e região) ali se encontrava. P5 declara que:

> O ponto comum era a língua. Por isso essas comunidades se fecharam tanto, não por uma questão de gosto, mas por uma real necessidade de proteção. Eles não tinham médicos, não tinham escolas, não tinham estradas, só tinham terra e mato, e às vezes enfrentavam os índios, não por decisão deles, mas por uma decisão do império que os coloca lá para esta finalidade. Há então um conflito, e por isso um fechamento tão grande. São muros canônicos construídos, porque ali eles se sentiam protegidos, ali eles identificavam, e é daí que surge a expressão a "nossa Igreja". "Eu não vou na Igreja, eu vou na nossa Igreja". Entende-se essa diferença[68].

[67] Fachel afirma que, a partir do momento em que se tornou necessário o porte de um salvo-conduto que garantisse a liberdade de ir e vir do teuto-descendente residente no perímetro rural da cidade, a colônia tornou-se uma espécie de campo prisional, visto que a liberação do salvo-conduto estava unicamente limitada à boa-vontade de um representante legal do governo.
[68] Entrevista concedida em Pelotas/RS, no dia 27 de outubro de 2021.

A língua é o principal agravante, ela e os demais costumes tornaram-se, ao surgir da Segunda Guerra Mundial, objeto de suspeita e base para teorias conspiratórias em torno de quintas-colunas[69]. Como expressão do temor teuto-pelotense, o depoimento de P12 é capaz de nos transmitir a atmosfera da comunidade naquele momento:

> Vou falar a verdade, não fui preso porque me cuidei muito, naquela época falava mais alemão do que português, no português eu era bem atrapalhado. Às vezes, quando tinha carreira ou tropeada, muitas vezes eu nem ia, me cuidei muito porque tinha medo. Eu me cuidava porque me perdia, às vezes estava falando em português e acabava misturando palavras em alemão[70].

Essa confusão entre costumes e nazismo resultou em um agravamento das zonas de conflito e uma perseguição física levada a cabo em Pelotas/RS, em agosto de 1942. Acompanhando G. L. Gomme, folclorista citado por Thompson, entende-se o confronto entre o costume e a vontade maior do Estado:

> Muitas vezes em antagonismo claro com relação aos costumes aceitos, os ritos e as crenças do Estado ou da nação a que pertenciam o povo ou certos grupos populares. [...] Devem sua preservação em parte ao fato de que grandes massas populares não participavam da civilização que se ergue acima deles e que nunca é criação sua (THOMPSON, 1998, p. 16).

São dois nacionalismos pressionando, à sua maneira, para que a comunidade teuto se aproximasse por inteiro, mas é como se as peças pertencessem a quebra-cabeças diferentes. Ao mesmo tempo, tanto um como outro não conseguiam de fato influenciar a todos, em todas as esferas da vida. Parece que em um determinado momento os dois nacionalismos deixaram de disputar (talvez esse não seja o termo apropriado) entre si a identidade do grupo, e perderam a luta para um terceiro elemento que emergiu no processo: uma cultura própria do grupo, desenvolvida como defesa aos limites e controles impostos pelas zonas de conflito. Nesse sentido, esta discussão objetiva também esclarecer que os aspectos da personalidade pomerana abordados no item 2.1 possibilitaram que a identidade teuto-pelotense fosse ressignificada a partir dos momentos de tensão, sendo essa uma excelente chave de leitura para compreender a dinâmica na autoidentificação dos teuto-pelotenses.

---

[69] Quinta-coluna é uma expressão usada para se referir a grupos clandestinos que atuam, dentro de um país ou região prestes a entrar em guerra com outro, ajudando o inimigo, espionando e fazendo propaganda subversiva, ou, no caso de uma guerra civil, atuando em prol da facção rival.

[70] Entrevista concedida em Arroio do Padre/RS, em 22 de agosto de 2019.

Ainda analisando o contexto pelotense, é possível ressignificar o empenho da comunidade teuto em integrar-se de fato à sociedade brasileira e, sobretudo, o fortalecimento ou a reconstrução da sua identidade alemã. Nesse contexto, é possível então propor dois fatores significativos para que os teuto-descendentes reformulassem sua identidade, reafirmando-a. A perseguição direcionada aos teutos, promovida pela campanha de nacionalização de Vargas, agudizada durante a Segunda Guerra Mundial, sobretudo em agosto de 1942, foi um fator aglutinador, responsável por promover uma unidade dentro do grupo étnico. Além disso, a Igreja, especialmente a de vertente luterana, que se manteve relativamente preservada frente às perseguições empreendidas, configurou-se como um local seguro para que os teuto-descendentes pudessem promover debates e discussões sobre diferentes questões de cunho social e político, pertinentes para a reorganização do grupo. Em outras palavras, a Igreja tornou-se um refúgio, uma espécie de via possível naquele contexto, pois, possivelmente, sua importância enquanto instituição religiosa, sagrada por excelência, impediu seu embargo. Para os responsáveis da fiscalização, era viável censurar periódicos, embargar clubes e comércios de origem alemã, mas não foi possível reprimir a Igreja de modo igual.

Obviamente, a afirmação acima, não é uma regra absoluta. A Comunidade São João de Pelotas/RS e a Igreja Queimada[71] de Cerrito/RS, foram depredadas por manifestantes que buscavam uma espécie de vingança. Os relatos obtidos apontam que estes dois são os únicos casos conhecidos, o que reafirma a hipótese de preservação supracitada. Merece ser enfatizado que, nesta análise, a “Igreja” não deve ser entendida apenas em seu aspecto físico, mas sim na sua configuração de “corpo de Cristo”, de congregação, de unidade entre seus membros.

Ainda sobre a influência nacional-socialista, tem-se que, durante e imediatamente após a guerra, o presidente sinodal Hermann Dohms foi um dos responsáveis por encabeçar uma resistência a esta investida ideológica que pairava sobre o Sínodo, embora sua biografia registre algumas oscilações em sua personalidade. Acompanhando Dreher:

> Determinados pela experiência de guerra, com diferentes expectativas para o futuro, os quatros Sínodos iniciaram uma nova era. Esta é determinada por uma reorientação teológica da Igreja, a qual abandona seu antigo conceito

[71] O nome faz referência ao episódio em que a Igreja foi incendiada por manifestantes que acusavam os teuto-descendentes da região de comporem um grupo de quintas-colunas.

> de missão da Igreja, que muitas vezes levara há uma perigosa relação de Evangelho e germanidade (DREHER, 1984, p. 245).

Após 1946, todas as certezas que a comunidade teuta possuía sobre si mesma, possivelmente foram abaladas novamente. Foi dado o momento de reavaliar conceitos e corrigir rumos. Assim demonstra P2:

> Com certeza cultura precisa ser respeitada, cultura precisa ser incentivada, cultura é um bem precioso, cultura é quase que genético, falando informalmente, quem não tem cultura num sentido de valorizar a sua etnia, a sua nacionalidade, as suas tradições, quem não valoriza isso não compreendeu alguns dos valores humanos. O Evangelho exige que nós respeitemos o outro, ele clama para que nós respeitemos o outro, isso significa respeitar a cultura do outro. No entanto, existem valores da cultura que são relativos, e sobre esses nós não vamos brigar nunca. Existem também valores da cultura que são absolutos, e sobre esses nós vamos brigar sempre[72].

Conforme observamos até aqui, a religiosidade presente nas comunidades teuto-brasileiras foi palco para atuação de diversas fontes de poder, temporal e secular. Vemos que os acontecimentos históricos que se desenrolam ao longo da imigração são como uma correnteza que arrasta o que há pela frente, ocasionando com sua força brutal, cicatrizes profundas em toda a comunidade teuta, mas de forma singular, na comunidade teuto-pelotense. Não há nada de inédito nessas questões, mas acaba sendo necessário acentuá-las para não incorrer no erro de transformar todos os luteranos em nazistas, como o fez Aurélio da Silva Py[73]. Prien esclarece o juízo feito em relação aos colonos brasileiros, e esse preconceito aplica-se de forma especial aos teuto-pelotenses, devido à sua origem:

> Segundo a raça, os teuto-brasileiros em geral não são de sangue germânico puro, e sim, predominantemente em alto grau pomeranos germânico-vêndicos da classe de trabalhadores rurais semiescravos, e *Hunsrücker* germano-alpinos-célticos de altiplanos culturalmente pobres. No sangue da maioria, não correm as qualidades mais valiosas do germanismo autêntico (PRIEN, 2001, p. 370).

---

[72] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 23 de setembro de 2021.

[73] Aurélio da Silva Py, nascido em Pedras Brancas/RS, em 4 de março de 1900. Filho de André Avelino Py e Teresa da Silva Py. Formou-se pela Faculdade de Medicina de Porto Alegre. Oficial do Exército pela Escola de Guerra do Rio de Janeiro, reformado no posto de General. Atuou como Chefe de Polícia do Rio Grande do Sul de 1938-1943, encarregado pelo governo de Getúlio Vargas da tarefa de investigar as atividades de grupos alemães suspeitos de ligação com o governo nazista alemão. Atuou ainda na Superintendência da Fronteira Oeste, em 1966. Publicou as seguintes obras: "O nazismo no Rio Grande do Sul" (Documento secreto n. 59), volume 1 em 1940 e volume 2 em 1941, em Porto Alegre; a "5ª Coluna no Brasil, dados estatísticos", em 1942 pela Editora Globo em Porto Alegre (2. ed. no mesmo ano); e o livro "5ª Coluna no Brasil: a Conspiração Nazi no Rio Grande do Sul", também pela Editora Globo em 1942.

Possivelmente, dentre todas as repercussões possíveis, a mais agravante está relacionada à superação do trauma das perseguições e das violências. Quais eram as expectativas dos teuto-descendentes ao final da guerra, e sobretudo, quais dessas expectativas se cumpriram? Qual a posição do governo brasileiro em relação aos teutos? Qual o sentimento dos teutos em relação à Alemanha? As zonas de conflito geradas pelo choque de nacionalismos sessaram? Segundo Gertz (2015), essa questão não está definitivamente resolvida até hoje, do ponto de vista formal, porém é indubitável que, após 1945, houve certo apaziguamento entre o governo brasileiro e os teutos, no que tange à criação de um ambiente amistoso. Contudo, ainda hoje percebe-se a insistência quanto ao isolamento por parte das comunidades, herança dos traumas acima explanados. De acordo com P9:

> A cultura pomerana é mais fechada em si mesma. O pessoal tem certo receio de se abrir de mais. Essa questão da germanidade era muito forte, em Rio Grande até hoje se observam traços de dificuldade na assimilação. Lá as famílias parecem não fazer muita questão da participação de pessoas de fora, até falam em missão, mas nada muito prático[74].

No capítulo a seguir, vamos observar o processo de abertura, seus limites e contradições. Nele vamos tentar nos aproximar da "fórmula" aplicada em Pelotas e região, a qual possibilitou pensar novos horizontes dentro da Igreja Luterana. A Reforma Teológica de 1946 deu início a uma nova missão, qual seja: evangelizar os não teuto-descendentes. A seguir veremos os desafios deste processo.

> Um absoluto para mim é que, é obrigação da comunidade trazer a sua casa pessoas que não tem nenhum vínculo com Deus, ou seja, é função da comunidade ser evangelizadora, ser missionária. Se a comunidade não tem uma preocupação evangelizadora e missionária, ela vai morrer[75].

[74] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 26 de setembro de 2021.
[75] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 23 de setembro de 2021.

3 Refletir e recomeçar: o processo de abertura cultural da IECLB em Pelotas, Rio Grande do Sul

A partir deste item, adentramos em uma parte da história da IECLB que perece frente a uma significativa ausência de fontes. Este período compreende os anos entre 1945 e 2000. Com os olhos voltados ao nosso objeto de estudo, a saber: a cidade de Pelotas, no Rio Grande do Sul, notamos que esta ausência de fontes é ainda mais profunda. O Sínodo Sul-Rio-Grandense, fundado na segunda metade de 1997, que hoje engloba a região que é objeto de nossa pesquisa, tem produzido interessantes materiais sobre sua atuação desde então. Porém, não é possível observar um interesse historiográfico para com a região compreendida por sua zona de atuação. Dito isto, a importância destes depoimentos colhidos e das análises aqui realizadas está na ampliação do debate e na fomentação de mais pesquisas neste sentido.

Optamos por discutir metodologia aqui, visto que, a partir deste momento, as entrevistas entrarão com mais força no nosso trabalho. Quanto à metodologia, a História Oral é umas das possibilidades metodológicas mais viáveis para o estudo proposto, mesmo tendo ganhado adeptos no Brasil há pouco tempo (a partir de 1985 - 1990), sem possuir uma uniformidade de sentido, e coexistindo em uma série de interpretações diferenciadas sobre si mesma, a começar pelo próprio termo História Oral (SELAU, 2004). Apesar disso, o conceito traz consigo um apanágio de oportunidades. Teorizando o conceito, Thompson reflete:

> Devo dizer, desde logo, que tenho forte preferência por uma definição mais ampla: entendo por história oral a interpretação da história e das mutáveis sociedades e culturas através da escuta das pessoas e do registro de suas lembranças e experiências. Não creio que se possa avançar muito tentando definir história oral de modo estreito, como um processo de habilidades com regras fixas, ou como uma subdisciplina separada (THOMPSON, 2002, p. 9-10).

É digno de nota que o estudo pretende, em certa medida, dar ênfase ao posicionamento sócio-político do grupo teuto em relação à sua própria realidade durante o momento em apreço. Tal panorama raramente se encontra em documentos escritos, e quando registrados, possuem uma outra mensagem, uma dimensão quase sempre de valor subjetivo. Acompanhado as considerações de Silva:

> Assim, desde seus princípios, a História Oral esteve marcadamente envolvida com as questões da memória humana, tanto coletiva quanto individual. [...] o desenvolvimento dessa metodologia, a despeito desse nascimento como instrumento de registro de memória de personagens “importantes”, voltou-se cada vez mais para a História Social, buscando recuperar a memória e a experiência de grupos à margem da história escrita (SILVA, 2009, p. 186).

Sendo a História Oral um método essencialmente interdisciplinar, permite a nós historiadores aprofundarmos nossas interpretações, ao pensarmos a oralidade em toda a sua funcionalidade, como ferramenta de transmissão de valores, sentimentos, visões de mundo. Enfim, como instrumento de transmissão de cultura. Este método será a porta de acesso às reflexões que envolvem todos os outros conceitos já mencionados até aqui, pois é necessário entrar na intimidade individual dos entrevistados, para a partir disso comprovar ou abdicar dos prognósticos feitos até então. O uso desta metodologia é, de certa forma, dar vez e voz a personagens que talvez não teriam outra oportunidade de expor as suas experiências e perspectivas. O serviço de revelar e não permitir o esquecimento dessas memórias também é objetivado aqui, mesmo que nas entrelinhas.

Para o desenvolvimento deste estudo, serão utilizadas em sua maioria, entrevistas orais, como já mencionado. Portanto, nossas intervenções serão feitas por meio do prisma da memória. A memória é um conceito transversal dentro da História, sendo fundamental para pesquisa a ser realizada em múltiplos sentidos. Le Goff, em sua obra “História e Memória” publicada em 1990, dedica muitas laudas a essa temática. Trazendo considerações interessantes, Le Goff evidencia a pluralidade do conceito, definindo: “a memória como propriedade de conservar certas informações, remete-nos em primeiro lugar a um conjunto de funções psíquicas, graças às quais o homem pode atualizar impressões ou informações passadas, ou que ele representa como passadas” (LE GOFF, 1990, p. 423). Neste sentido, a memória também adquire o significado de poder, em uma espécie de garantia de superioridade em relação aos demais. Conclui que:

> Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva (LE GOFF, 1990, p. 426).

Ainda buscando respaldo nas considerações de Le Goff, compreende-se que a memória também se constitui como um aspecto formador da identidade, do caráter do

indivíduo: eis o que nos interessa aqui. Le Goff considera que “a memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje, na febre e na angústia” (LE GOFF, 1900, p. 476). Michael Pollak, autor de “Memória e identidade social”, de 1992, corrobora com essa questão quando afirma que:

> Podemos, portanto, dizer que a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade, tanto individual como coletiva, na medida em que ela é um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si (POLLAK, 1992, p. 204).

Ainda que as perspectivas de Le Goff e Pollak sejam pontuais para o exercício teórico, David Lowenthal aborda a memória sob uma perspectiva que parece se encaixar perfeitamente no diálogo com o tema de pesquisa proposto. Lowenthal propõe que a memória carrega consigo um sentimento de nostalgia, o que pode ser aplicado a este momento. Nesse sentido, “a nostalgia desperta o apego a tempos incompreensíveis para nós na medida que experimentamos” (LOWENTHAL, 1998, p. 32).

As sociedades, os grupos e o indivíduo avaliam, entendem e fazem uso do passado. É possível perceber uma postura dupla em relação ao passado dentro da pesquisa proposta. Primeiramente, hoje o retorno ao passado possibilita a realização de pesquisas por meio da história oral, o que não difere dessa, visto que a intenção do estudo proposto é reconstruir, sob o prisma da memória, a tentativa de desvinculação entre Igreja e germanidade ocorrida no Brasil, buscando uma melhor compreensão da identidade teuto-brasileira após o término da Segunda Guerra Mundial, na cidade de Pelotas/RS. Por outro lado, o sentimento de nostalgia em relação à memória na busca do passado perdido pode explicar como até os dias mais obscuros de um momento histórico podem ser recordados com saudade, de um idealismo inventado e um sacrifício heroico (LOWENTHAL, 1998). Este é um dos desafios propostos pela pesquisa, observar criticamente memórias de pastores que participaram ativamente deste contexto de abertura cultural da Igreja Luterana. É o estudo destas relações que enriquecem este trabalho.

No item 3.1, denominado “Federação Sinodal e IECLB: a tentativa de uma igreja legitimamente brasileira”, discorreremos sobre aspectos fundamentais dentro da nova perspectiva adotada ao final da guerra. É um período de transição, não só da

Igreja, mas para o Brasil, para o mundo como um todo. Este item, por sua vez, está dividido em duas partes como vistas a aprofundar com mais afinco aspectos relacionados aos paradigmas da língua alemã (subitem 3.1.1) – no qual abordaremos fatores que, sob nossa análise, propiciaram a abertura cultural em Pelotas/RS – e em 3.1.2, sobre o Manifesto de Curitiba.

O item 3.2, denominado “As Igrejas luteranas pelotenses após a Segunda Guerra Mundial”, apresenta ao leitor um balanço das principais comunidades pelotenses após o início do processo de abertura. No item 3.3, “Movimento Encontrão”, evidenciam-se aspectos biográficos do movimento, expondo os aspectos positivos e negativos, de acordo com o diálogo com as fontes. Apresentamos no item 3.4, intitulado “Manutenção e reformulação: descompassos entre os pastores e as comunidades luteranas pelotenses”, um levantamento das principais dificuldades encontradas no contexto das comunidades pelotenses quanto à proposta de desvinculação entre Evangelho e germanidade. Como encerramento do capítulo, no item 3.5, “Alfredo Simon: pastor e educador”, apresenta-se uma menção honrosa à figura do Reverendo Alfredo Simon, importante figura eclesiástica da região.

3.1 Federação Sinodal e IECLB: a tentativa de uma igreja legitimamente brasileira

É natural, ao observarmos momentos da história, procurarmos atores responsáveis pelos acontecimentos. Também identificamos essa inclinação, tratando-se das mudanças ocorridas na IECLB. Em todos os casos, elas não podem ser reduzidas a um fato ou uma figura apenas. Na bibliografia consultada, podemos elencar alguns fatores que, em uma perspectiva generalizante, provocaram mudanças e idas e vindas na IECLB. Martim Dreher, em conversa informal, também nos apresenta elementos significativos. Passamos a enumerá-los a seguir:

1. Fundamental foi a mudança ocorrida no próprio Hermann Dohms[76]. Se consultarmos a obra “Igreja e Germanidade”, de Dreher, encontraremos teses do Pastor Hermann Dohms. Na primeira delas, lemos: “A Federação Sinodal é Igreja de Jesus Cristo no Brasil em todas as consequências que daí resultarem para a pregação do Evangelho neste país e a corresponsabilidade para a formação da vida política,

[76] Cf. quanto aos posicionamentos de Dohms: Dreher (2001).

cultural e econômica de seu povo" (DREHER, 1984, p. 224-225). Essa tese foi aceita no Primeiro Concílio da IECLB, em 1950, e tem sido diretriz para a IECLB desde então, mesmo que ocasionalmente esteja sujeita a muitas críticas.

2. A fundação da Escola de Teologia, em 1946, enquanto o Sínodo Rio-Grandense começava a formar pastores no Brasil. Observa-se a importância de nomes como Lindolfo Weingärtner, Augusto Ernesto Kunert e Rudolfo J. Schneider.

3. A postura distinta de pastores que vieram da Alemanha após 1946, com aversão ao fascismo e influenciados por Karl Barth, Rudolf Bultmann e Paul Althaus.

4. O nacionalismo brasileiro, que vai afetar os jovens brasileiros nos grupos de Juventude Evangélica, nas universidades, chegando em casos extremos a pedir que pastores alemães voltem para a Alemanha (o mesmo se repete mais tarde com os pastores norte-americanos).

5. A emergência de situação pré-revolucionária na América Latina[77]. Nessa emergência devem ser incluídas a Teologia da Revolução[78] (Richard Shaull) e a Teologia da Libertação[79].

6. Na própria Faculdade de Teologia, foi importante a descoberta de obras de Jürgen Moltmann sobre a Theologie der Hoffnung (Teologia da Esperança[80]), com acento na Teologia do Êxodo: Deus é um Deus que tira da escravidão e leva à liberdade! Além disso, foi fundamental o estudo dos profetas com sua crítica social. Os profetas do Antigo Testamento não eram pessoas que faziam previsões do futuro, mas pregadores que denunciam as injustiças dos governantes.

---

[77] Cf. quanto ao todo: Dreher (2013, p. 477-513).

[78] O missionário presbiteriano estadunidense Richard Shaull atuou por dez anos no Brasil, entre 1952 e 1962. Nesse período, passou por um processo de radicalização política e religiosa que o levou à formulação de uma Teologia da Revolução. O fator principal desta radicalização foi seu envolvimento com movimentos estudantis e ecumênicos. A partir de tais relações, mediadas por sua tradição teológica protestante e reformada (mormente dialética e neo-ortodoxa), bem como por instrumentais teóricos advindos das Ciências Sociais e Humanas, Shaull se pôs a pensar a revolução social e a lhe atribuir sentido religioso e teológico, enquanto desafio urgente aos cristãos e às igrejas.

[79] A Teologia da Libertação é uma corrente teológica cristã nascida na América Latina, depois do Concílio Vaticano II e da Conferência de Medellín, que parte da premissa de que o Evangelho exige a opção preferencial pelos pobres e especifica que a teologia, para concretizar essa opção, deve usar também as Ciências Humanas e Sociais.

[80] A Teologia da Esperança teve como fundador principal Jürgen Moltmann. Jürgen nasceu em 1926, na cidade de Hamburgo. A Teologia da Esperança prega uma ideia de que Deus nunca se revela e que ele está sujeito a mudanças do tempo, que Deus está presente nas suas promessas e na esperança. De acordo com a Teologia da Esperança, a eternidade perdeu-se no tempo. Jürgen afirma que Deus entrou no tempo, e consequentemente o futuro se tornou algo desconhecido tanto para o homem como para Deus. Acredita também que o homem não pode esperar pelo futuro, que ele deve ser um membro ativo e não esperar a volta de Deus. Ele afirma que o futuro significa liberdade e que liberdade é subjetividade. Portanto, a principal ideia da Teologia da Esperança é que Deus está sujeito ao processo temporal.

7. Nesse período ingressam missionários norte-americanos, em sua maioria ligados à tradição norte-americana de enviar missionários à China. Os USA haviam perdido, desde 1949 (revolução de Mao Tse Tung), a China como campo de missão, e se voltaram à América Latina, com medo que esta viesse a se tornar comunista. A CIA valeu-se de missionários como informantes. Boa parte deles trazia Teologia Arminiana. Inicialmente criaram denominação própria, aos poucos foram se integrando à IECLB, com exceção de John Abel, que manteve denominação própria em Campo Mourão/PR. Eles estão na base do que vai ser o Movimento Encontrão, movimento de caráter de reavivamento, com importante contribuição na hinologia. Parte de suas lideranças teológicas aliou-se à Fraternidade Teológica Latino-Americana, defensora da missão integral. Como movimento, não houve um pensamento uniforme, tendo por isso muitas orientações, algumas das quais criaram denominações próprias com cunho pentecostal.

8. Lideranças jovens, alimentadas por discurso social e também influenciadas pela Teologia da Libertação criaram movimentos como o Repartir Juntos e a Pastoral Popular Luterana.

9. A construção de barragens e hidrelétricas (Itaipu etc.) provocou a expulsão de agricultores de suas terras, gerando acampamentos de sem-terra. Jovens pastores acompanham seus membros (Gernote Quirinus, Werner Fuchs e Kurt Walter Hattje).

10. A instalação do regime militar, com a prisão de membros e pastores, levou, em 1970, à formulação do Manifesto de Curitiba, sendo a IECLB a primeira denominação cristã brasileira a se posicionar abertamente contra os desmandos militares.

11. O desastre do que foi a construção da Transamazônica, que levou muitas famílias luteranas a serem instaladas ao longo dessa estrada – a qual começava em lugar nenhum e levava a lugar nenhum – foi outro aspecto que levou a IECLB a se tornar cada vez mais brasileira.

Poderíamos aqui enumerar ainda mais aspectos do que aconteceu após a Segunda Guerra Mundial, mas neste primeiro momento é importante mostrar ao leitor que são múltiplos os fatores que levaram a mudanças de orientação na IECLB. Devemos, sem dúvida, mencionar a profunda transformação ocorrida nos meios de comunicação. É digno de nota, que as mudanças foram provocadas por questões de ordem teológica, mas também social, econômica e política. A igreja de imigrantes foi sendo engolida e inserida no que designamos de realidade brasileira.

O que aconteceu em Pelotas/RS neste período? Certamente nesta cidade também foram discutidos os acontecimentos supracitados. Interessante a reflexão de que não foi apenas depois da guerra que surgiram ares de abertura, mas sim, essa perspectiva remonta ao final do século XIX, conforme sugere P1: “Para nós (luteranos) a República é muito importante, com ela se começa a ter coragem, a se abrir para o que vem de fora”[81]. Não é possível mensurar o quão relevante foi a Proclamação da República em termos de abertura. No entanto, foi significativa quanto à liberdade de culto, o que pode ter sido um agravante nas tensões que estariam por vir.

Contudo, após 1946, cada vez mais foi possível observar iniciativas por parte da instituição de compromisso com a brasilidade. A criação de uma Federação Sinodal, em 1949, recai sobre o esforço de congregar com os demais sínodos luteranos[82]. Na declaração citada por Gertz, Dohms evidencia:

> Entende-se como Igreja de Jesus Cristo no Brasil [...], tem aqui sua pátria e seu campo de ação. Constitui-se aqui como entidade jurídica e administrativa [...] em plena autonomia e concordância com a legislação brasileira. Tem a sua vida aqui no povo e no Estado brasileiros, com cujo destino se acha entrelaçado com seus membros. Procura com todo seu serviço o bem desta terra e do seu povo (GERTZ, 2013, p. 5).

A IECLB não podia parar no tempo, necessitando acompanhar as mudanças nacionais e mundiais. Acompanhando a reflexão de P2:

> Os anos de 1960 são anos em que a memória sobre a Segunda Guerra Mundial ainda estava presente. Os anos 1960, não só no Brasil, mas em todo mundo, foram anos de grandes transformações. Se a gente pensa na questão da ciência, os avanços da ciência depois da guerra foram imensos, a comunicação, a locomoção, a pílula anticoncepcional e toda a questão da sexualidade, a mulher e sua luta pelo seu espaço estava muito presente naqueles anos. Toda questão do diálogo, os alemães e toda a Europa falavam depois da guerra: nós precisamos de diálogo, para que não incorramos de novo numa guerra que sacrificou tanta gente. Então, sopram ventos de diálogo, e tudo isso facilitou a vida das comunidades. Eu sou daqueles que ainda usufrui do privilégio dessas grandes mudanças. Também, obviamente, pensei e trabalhei na área das mudanças. Daquelas mudanças que a gente considerava necessárias, para nossa própria brasilidade, para nossa própria vida de fé, para nossa própria compreensão de Deus, para nossa própria compreensão do que é comunhão com os outros, o que significa ser de uma mesma igreja e a relação disso com o nosso dia a dia. Então os anos de 1960 e 1970, anos em que eu entro no pastorado, são anos de mudança, e algumas mudanças muito boas[83].

[81] Entrevista concedida em São Lourenço do Sul/RS, em 4 de setembro de 2021.
[82] Cf. quanto à criação da Federação Sinodal e às reflexões do pós-guerra em favor do ecumenismo: Prien (2001).
[83] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 23 de setembro de 2021.

Como mencionado anteriormente, foi central a publicação do Manifesto de Curitiba. Segundo análise de Behs:

> O Manifesto de Curitiba reporta-se à situação dos direitos humanos no país, afirmando que muitos cristãos "sentem-se perturbados pelo fluxo de notícias alarmantes sobre práticas desumanas que estariam ocorrendo em nosso país, com relação principalmente ao tratamento de presos políticos, agravadas com a carência de informações precisas e objetivas". O documento ainda reconhece o "caráter tendencioso" de muitas notícias a esse respeito veiculadas pela imprensa no exterior, e entende que nem mesmo "situações excepcionais podem justificar práticas que violam os direitos humanos". Na avaliação do pastor Rolf Schünemann, a descoberta da responsabilidade social da IECLB, nos anos 60, "fez parte de sua autoafirmação enquanto instituição nacional no contexto brasileiro." Ela descobriu, mesmo em tempos de Brasil grande, do "ame-o ou deixe-o", um país desigual, contraditório, concentrador de terra e renda, injusto e violador dos Direitos Humanos (BEHS, 2001, p. 130).

Além de esclarecer o posicionamento sócio-político da instituição perante as autoridades, o documento serviu também como uma espécie de exemplo moral aos pastores e membros leigos das comunidades. De acordo com P1:

> No nome IECLB temos duas coisas muito importantes. O termo "de confissão luterana", teologicamente pensando, é muito importante. De igual forma, o "no Brasil" também é muito importante. A Igreja não é do Brasil, não é de ninguém, ela está no Brasil, ela é Igreja de Jesus Cristo. A grande abertura da nossa Igreja foi em outubro de 1970 com o Manifesto de Curitiba. Em plena ditadura civil-militar, a Igreja lança um documento sócio-político sobre a nossa responsabilidade social. Isso foi em um concílio da Igreja, e é um passo muito corajoso que abriu as portas da IECLB para o Brasil. Ali está decretado que não somos uma Igreja para um povo, mas sim, para este país.
> O Manifesto de Curitiba foi algo que impulsionou muito. Nisto também a ousadia do pastor Becker de se candidatar a deputado pelo PT, mostrou a nossa gente que entre o preto e o branco existe uma diversidade. Inicialmente isto foi um escândalo, mas ao mesmo tempo foi uma escola. O Manifesto de Curitiba demonstra que é necessário abrir o leque, sem perder a identidade[84].

Na década de 70, também, o Brasil vivencia o processo de migração interna, marcado, sobretudo, pelo êxodo rural. A Igreja fez um enorme esforço no desejo de acompanhar os membros rumo às novas áreas de colonização, quer no oeste do Paraná, assim como, posteriormente, em Rondônia, Mato Grosso do Sul, Mato Grosso e outros estados. Pastores brasileiros foram, inclusive, enviados para outros países da América Latina. Exemplifica P1:

> Houve a cisão da Igreja no Chile. Em 1973 Pinochet deu o golpe no Chile e a Igreja no Chile era muito tradicional, tendia muito para a direita, muito conservadora e alemã, germanizada. Com a queda do Salvador Allende, então grande parte da Igreja pula pro lado do Pinochet. Dá pra entender,

[84] Entrevista concedida em São Lourenço do Sul/RS, em 4 de setembro de 2021.

> porque a maioria dos membros eram agricultores. O agricultor alemão chileno é bem diferente do agricultor alemão brasileiro, ele é uma pessoa muito culta e os filhos só continuam na lavoura se fizerem o curso técnico e fizeram um curso técnico na área agrícola. Aí então o campo é passado de geração em geração. O agricultor alemão evangélico chileno preserva sua cultura e o estudo. Interessante que o descendente católico se acultura bem mais fácil e perde o idioma. Como a Igreja estava dividida e os pastores alemães que estavam nas comunidades quase todos foram expulsos, taxados de comunistas, então como a Alemanha também não podia mandar pastores porque tudo que vinha da Alemanha era taxado de comunista, então a Igreja alemã disse pra IECLB, até agora vocês receberam pastores então agora vocês devem suprir o Chile. Foram enviados dois pastores. Por que dois? Houve um grupo que permaneceu bastante chileno, sem domínio da cultura e língua alemã, outro grupo que mantinha a cultura e a língua alemã, pró-Pinochet, e duas Igrejas ficaram independentes. Para as duas que ficaram sem pastores, Val Paraíso e Puerto Mont, não se incluíram em nenhuma das outras duas, se enviaram pastores brasileiros. Em julho de 1976 eu fui enviado para o Chile.
> Foi um período muito intensivo, lá no Chile sabíamos que éramos observados, e a comunidade (Puerto Mont) já existia há 125 anos. Eu fui o primeiro pastor latino em 125 anos, então 99% do trabalho da Igreja luterana no Chile era em língua alemã. Dificilmente alguma cerimônia era realizada em outra língua, eu fui o primeiro pastor a introduzir simultaneamente ao lado do alemão o espanhol. Fazíamos culto às 10h em alemão e às 11h15min em espanhol. As cerimônias festivas, a liturgia era feita em alemão até a pregação, a partir dali em espanhol. Tudo foi inciativa minha. Com isso nós conseguimos abrir. O nome da igreja era Iglesia Alemana, e eu comecei a usar a designação Iglesia Luterana. Com isso acolhendo os de fala espanhola e quem já não dominava o alemão. Estes estavam bastante excluídos[85].

No entanto, esta mesma IECLB teria, quem sabe, dado um passo importantíssimo, se na mesma década de 70 tivesse feito um movimento em direção às cidades e se fixasse com uma missão dirigida aos jovens e às jovens luteranos/as vindos do interior para cursar uma universidade pública e/ou privada. Em Pelotas esta ausência possivelmente foi sentida, ao pensarmos que na década de 1960, nesta cidade, estavam em funcionamento a Faculdade de Agronomia Eliseu Maciel e a Universidade Católica de Pelotas.

Há, no âmbito político, significativos avanços em busca de espaço, por parte dos teuto-descendentes. Após 1945, até mesmo H. Dohms reconhecera a necessidade de maior presença luterana nos processos eleitorais. Gertz afirma que:

> O esforço desenvolvido teria surtido efeito, a ponto de, nas eleições legislativas de 1947, dos 55 deputados estaduais gaúchos, sete terem sido luteranos (Guilherme Hildebrand, Nestor Jost, Egydio Michaelsen, Reinaldo Roesch, Frederico Guilherme Schmidt, Bruno Born, Helmuth Closs) (GERTZ, 2018, p. 217).

[85] Entrevista concedida em São Lourenço do Sul/RS, em 4 de setembro de 2021.

Em Pelotas/RS, em 1956, Adolfo Antônio Fetter ganhou as eleições para prefeito, antecedido por Mário Davíd Meneguetti, em 1952, oriundo de família italiana, outra etnia que buscou espaço concomitantemente neste período. Observemos o raciocínio de Gertz:

> Ainda que a situação tenha sido diferente de lugar para lugar, pode-se dizer que o clima de constrangimento perdurou, em certo grau, até 1974. Esse processo de melhoria do clima atingiu seu auge no citado ano, quando um descendente de alemães de tradição religiosa luterana assumiu a presidência da República (Ernesto Geisel). Simultaneamente, um descendente de italianos era governador do Rio Grande do Sul, e dessa constelação resultou a decretação oficial do "biênio da imigração e colonização", para festejar os 150 anos da colonização alemã (1974) e os 100 anos da imigração italiana (1975). Mesmo que não se tenha instrumentos para medi-la, certamente a autoestima da referida população foi reforçada com esse reconhecimento oficial (GERTZ, 2013, p. 10).

Outro aspecto relevante é o protagonismo dos pastores, e este pode ser claramente diagnosticado por meio do diálogo com as fontes, como intermediários entre as mudanças propostas pela IECLB e as comunidades luteranas pelotenses. Não seria equivocado afirmar que estes pastores seriam, sobretudo, porta-vozes da instituição. Havia nesses pastores atuantes em Pelotas/RS uma unanimidade quanto ao sentimento de pertença à instituição, ou seja, embora diferentes em vários aspectos, todos parecem ter plena consciência de que estão inseridos em uma estrutura maior, e que por ela devem zelar. Segundo P11:

> Se há uma decisão correta que a Igreja tomou, em meio à realidade de seu tempo, em fidelidade ao Evangelho de Jesus Cristo, foi de não mais ser *"esteio da cultura germânica"*, mas sim, *"uma igreja no Brasil"*. Citando o P. Ernesto Schlieper, e que viria a ser o primeiro pastor presidente da IECLB na década de 60 (século XX): *"Tornar-nos-íamos culpados diante de Deus e de sua Igreja, caso não quiséssemos compreender os sinais dos tempos. Culturas vêm e vão, os idiomas sofrem transformações, a palavra de Deus permanece eternamente."* Isso não significou que a Igreja rompesse definitivamente com o uso da língua alemã em suas várias atividades, o que seria uma falta de sensibilidade com a história das suas comunidades. A posição em relação à língua em todos os Sínodos (na época quatro) pode ser resumida mais uma vez nas palavras do P. Ernesto Schlieper: *"A pregação tem que ocorrer na língua que as pessoas entendem. Em um país de imigrantes, como o Brasil ainda o é, a Igreja não verá sua missão em fomentar um processo de mudança de linguagem. Ela reconhecerá o direito de preservação da língua materna. Sempre, porém, ela terá que ter em conta a realidade e falar na língua que é a língua dos seres humanos, aos quais ela se dirige. Isso significa que a Igreja no Brasil terá que ser, provavelmente por muito tempo, uma igreja bilíngue [...]".*

Obviamente, não podemos generalizar. Há entre os pastores consenso quanto à ideia de que estão subordinados a uma instituição, que por sua vez, possui

estatutos, regras e, sobretudo, confessionalidade. Contudo, mesmo que os limites da instituição agora estejam bem definidos quanto à manutenção da cultura alemã, isto não impede que estes pastores transitem dentro destes limites, adquirindo traços mais conservadores ou mais liberais. Portanto, há ainda, na atuação dos pastores, espaço para a manutenção da germanidade, mesmo que agora feita por meio de filtros próprios e de forma muito sensível.

Sendo os pastores os principais responsáveis por intermediar as mudanças nas comunidades, é necessário refletir sobre as mudanças no próprio ensino de teologia. Para P11, preencher as lacunas do ensino teológico foi necessário, preparar os ministros para os desafios que se apresentavam. P11 diz que:

> Sim, quero entender que, naquela época ainda não tínhamos ministros e ministras preparados para fazer frente a esta nova realidade, de procurar, encontrar, convidar e acompanhar jovens luteranos/as recém-chegados à universidade, num mundo possivelmente estranho e até adverso[86].

Dediquemos algumas linhas ao tema. Há um aspecto muito interessante, no início do século XX, o Consistório de Berlim, que enviava os pastores diretamente para as comunidades por meio dos sínodos, já não tinha mais tantos pastores para mandar, e isso se agravou também com a Primeira Guerra Mundial. Então os sínodos aqui tiveram que reagir: logo após a Primeira Guerra eles criaram o Instituto Pré-Teológico. Ali existe então o que hoje seria o ensino médio, preparando esses alunos especificamente para suprirem vacâncias em muitas comunidades. Eles iam sem o estudo teológico completo, e dali, iam estudar teologia na Alemanha. Com a Segunda Guerra Mundial surge novamente este impasse e aqui se reagiu imediatamente, quando em 1946 foi fundada a EST. Ao invés dos estudantes irem para Alemanha, porque no pós-guerra só sobraram ruínas, vinham então professores de lá para cá. P5 acrescenta:

> A guerra então causou, através de situações muito dolorosas, uma ruptura que acontece de uma hora para outra. Não havia mais pastores, os que havia foram presos, como é o exemplo de Alfredo Simon, que teve bens apreendidos e etc., e de repente nós (pastores) tivemos que aprender a ser uma Igreja no Brasil[87].

[86] Entrevista concedida em São Lourenço do Sul/RS, em 1º de dezembro de 2021.
[87] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 27 de outubro de 2021.

Há um claro arejamento da mentalidade dos estudantes de teologia na década de 1960. Alemão e Evangélico: este binômio já não representava mais uma bandeira defendida entre os estudantes e dentro da igreja. P1 diz que:

> Principalmente, com a questão do êxodo rural, a migração interna, nós nos confrontamos com realidades extremamente diferentes. Nós precisávamos recuar no pouco que restava da nossa germanidade porque era feio ou perigoso falar alemão, isso ainda era herança da guerra. Para quem ainda ansiava por uma Igreja alemã, foi necessário deixar intimidar-se[88].

Complementa P5:

> O assunto da relação entre Evangelho e germanidade sempre foi de soltar faíscas na faculdade, havia o grupo dos extremamente contrários, havia o grupo da manutenção da germanidade, e assim por diante. Principalmente nos dois primeiros anos de faculdade, quando a gente vem com uma carga muito pouco trabalhada e muito pessoal, por vezes muito pouco bíblica e teológica. É uma carga cultural. Isso trouxe grandes discussões para sala de aula, nós discutimos o perigo e como isso poderia atrapalhar a missão da Igreja, de como isso pode interferir negativamente na missão da Igreja sempre que se vai para um extremo, os extremos sempre são perigosos. Deve haver um ponto de equilíbrio nas coisas, nós temos uma carga cultural e uma herança histórica que precisamos valorizar, não negligenciar e tampouco esquecer, mas não podemos fazer disso nosso carro-chefe, a nossa centralidade deve ser o Evangelho de Jesus Cristo, que fala para todas as línguas e culturas. A discussão sempre existiu, sobre onde está o ponto de equilíbrio[89].

No contexto pelotense é possível observar várias contradições e tensões sobre a aceitação desta nova personalidade institucional. Mas, devido à aceitação dessa nova personalidade, claramente trabalhada já no ambiente de formação pastoral, surge um questionamento importante, a saber: “A Teologia pós segunda-guerra não esqueceu o aspecto antropológico de que o ser humano tem direito a suas raízes”? P1, um dos pastores mais velhos entrevistados, aposentado, com inclinação a uma igreja de cunho tradicional, diz que:

> Creio que não se possa falar em abandono das raízes, ao meu ver isso é impossível. Mas uma nova brotação originária desta velha raiz para dentro de uma nova realidade, ao meu ver, isto sim acontece. Qualquer mudança feita pela igreja no Brasil é feita de modo lento e com muito temor, eu diria inclusive. É muito difícil virar a página, virar a página é como uma brisa soprando, e não de forma radical.
> Pode-se dizer que por um momento houve uma nacionalização feita na marra. O próprio quebra-quebra ocorrido durante a guerra assustou muita gente, e lentamente isso foi fazendo com que as raízes fossem sufocadas, impedindo que elas florescessem por demais, havia timidez.

[88] Entrevista concedida em São Lourenço do Sul/RS, em 4 de setembro de 2021.
[89] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 27 de outubro de 2021.

> Eu não vejo uma grande ruptura nessa preocupação de atender os descendentes de alemães e as comunidades evangélicas alemãs ou luteranas aqui. Existem sim manifestações, posicionamentos. Hermann Dohms menciona esta necessidade de separar cultura e fé, isto pode acontecer até teoricamente. Esquecer e apagar o passado, apagar os rastros, as raízes, isso é muito difícil. A própria guerra e a proibição de tudo que era alemão, por exemplo, o grande choque que as escolas comunitárias sofreram na época de 1940, são aspectos que possibilitaram a criação de um novo pensar em relação a uma abertura cultural[90].

Atentando à declaração, é possível atestar que no contexto de abertura, por algum tempo, muitos aspectos culturais ainda devem ser percebidos e considerados. P10, também já aposentado, mas que tende para o Movimento Encontrão, oposto aos tradicionais da Igreja, conclui:

> Particularmente acho que não, que a teologia não esqueceu que o ser humano tem direito a suas raízes. A questão é que se a Igreja no Brasil não procurasse ser mais brasileira, ela ficaria sendo uma Igreja de velhos. Muitos defendem esta questão, afirmam que somos uma Igreja de cabelos brancos. Alguns lugares sim, outros não. Mesmo sendo uma Igreja no Brasil continuamos com nossas raízes europeias, particularmente não vejo problemas nisso. Temos uma teologia brasileira. Muitos e ótimos teólogos brasileiros com uma vasta literatura contemporânea. Porém se vamos analisar esta literatura, ela cita e reproduz os teólogos de além-mar. Um complementa o outro[91].

Interessante pensar que, pastores que representam alas opostas dentro da IECLB apresentam concordância e não percebem negligência no processo de abertura cultural, intermediado, sobretudo, pelos próprios pastores.

Na busca de um equilíbrio, novamente recaímos sob o protagonismo pastoral. O ministro é quem detém a sensibilidade necessária para trabalhar as reformulações pelas quais as comunidades pelotenses necessitavam passar. É possível perceber traços do jogo de cintura pastoral em seus testemunhos. Um pastor da Comunidade São João diz:

> Eu tenho um orgulho que eu considero hoje muito positivo, eu tenho sangue alemão, mas sou totalmente brasileiro. Os meus antepassados todos eram descendentes de alemães, e eu sou da 5ª geração que não mais se considera alemão. Meu avô materno se dizia alemão, não se dizia brasileiro, mais tarde ele começou a se identificar como alemão-brasileiro. Foi com muito custo que ele admitiu ser brasileiro, tendo insistido muito que mesmo nascido no Brasil era alemão. Ele falava perfeitamente o alemão, assim como meus pais.
> É um misto de gratidão pela cultura alemã, pela língua alemã, mas muito o meu coração palpita pela brasilidade, pelo verde-amarelo, vibro muito por ser brasileiro. Os brasileiros têm alguns conceitos mais abertos que os próprios

[90] Entrevista concedida em São Lourenço do Sul/RS, em 4 de setembro de 2021.
[91] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 15 de setembro de 2021.

> alemães, isso percebi durante as diversas vezes que estive na Alemanha. Eles têm a coluna mais pesada, eles não conseguem dançar uma música brasileira, a espinha dorsal deles não permite o sacolejo que é característico nosso, da nossa cultura.
> Falávamos sobre a importância de não colocarmos Estado e religião em uma coisa só, até como uma herança trazida da Alemanha, porque os alemães ao final da guerra fazem a mesma reflexão. Na Europa e nos Estados Unidos vem à tona a discussão de separar igreja e Estado. Na Alemanha essa separação nunca aconteceu, porque os pastores até hoje praticamente são funcionários do Estado, são pagos pelo Estado. E aqui no Brasil se falava também da importância de não confundir igreja e cultura, fé e política. Sabendo que nós advogamos no passado e no presente pela separação da fé e da cultura, há momentos em que as duas se juntam e não é tão negativo assim[92].

Outro pastor (P3) que atuou na Comunidade Martim Lutero afirma que:

> Meu pensamento é o seguinte: a tradição, ela é ótima. Até aquele que não se diz tradicional carrega consigo alguns aspectos que remontam à tradição. Mas relacionando, para mim, o importante mesmo é a fé cristã, a fé em Jesus Cristo. Se a tradição, se o tradicional abafa a fé, ele deixa de ser bom, as duas coisas devem andar juntas. Eu gosto da tradição, mas gosto também de mexer na tradição, fazer coisas novas, mas sempre com muito jeito, trazendo novidades, incorporar o novo junto ao antigo, isso me estimula. Eu me considero uma pessoa tradicional, eu gosto do tradicional. As bases da nossa fé são extremamente tradicionais, dizer no que nós cremos por exemplo, não é algo que pode ser deixado de fora, por que contém ainda muito significado para nossa fé[93].

Ainda nesta perspectiva, P1, pastor que atuou na Comunidade Evangélica de Advento, comenta que “o cristão é um bom cidadão, e um cidadão é também um bom cristão. Isso é uma frase de Lutero, e é um pensamento que eu sempre cultivei pelos lugares por onde passei. A comunidade e o poder público precisam andar em comunhão, e aí que a nossa gente e a nossa igreja se abrem para o mundo[94]”.

Por fim, em Arroio do Padre II temos exemplos disso, quando P10 diz que:

> Eu sempre busquei novidades, sempre busquei renovação e revitalização. Embora que na época nós ainda não usássemos esses termos. Minha posição sempre era essa: se a tradição ajuda e edifica, então vamos mantê-la, mas se ela não edifica e não ajuda a crescer em comunidade e em fé, então temos que repensá-la. Eu nunca fui contra o tradicionalismo, mas também sempre visei inovar[95].

É preciso reconhecer que Pelotas/RS contou com ministros progressistas, os quais defenderam a ampliação da igreja além do campo étnico-germânico. Se assim

[92] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 23 de setembro de 2021.
[93] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 31 de agosto de 2021.
[94] Entrevista concedida em São Lourenço do Sul/RS, em 4 de setembro de 2021.
[95] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 15 de setembro de 2021.

não tivesse sido, talvez não restasse às comunidades pelotenses outra coisa senão o fracasso. Estes pastores apregoavam que o próprio Evangelho de Cristo convida a Igreja a exercer a liberdade com amor e respeitando a diversidade. E que foi para a liberdade que Cristo à libertou.

Obviamente, este processo de abertura não é sereno e límpido. Dele surgem inúmeros problemas, como por exemplo, lideranças leigas e ministros/as que insistem na neutralidade quando se trata de posicionamentos públicos. Neste processo, foi preciso ter cuidado para que, em nome de uma unidade que ainda não existia (e hoje já existe?), se viesse a trair o Evangelho. Para evitar atritos, pastores e comunidades renderam-se, muitas vezes, indiferentes e calados a quem defendia uma Igreja para todos e todas. Importa que, como lideranças, ministros/as e membros não fossem coniventes com pessoas, vertentes teológicas e autoridades, em diversos níveis, quando não cumpriam a tarefa para que foram eleitos e/ou concursados.

> A Igreja necessita prestar contas do Evangelho e é devedora do testemunho do Evangelho, porém, respeitando as raízes de diferentes etnias. Uma Igreja comprometida com o anúncio do Cristo, histórico e ressurreto, zelará pela diversidade, mas sem comprometer o testemunho, vida, morte e ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo[96].

No próximo item discutiremos um dos aspectos mais marcantes dentro do espectro das mudanças pelas quais a IECLB passou. Indiscutivelmente, a substituição da língua alemã foi um divisor de águas não só para a IECLB, mas para a Igreja Luterana de Pelotas/RS como um todo.

3.1.1 Os paradigmas da língua alemã

A manutenção da cultura e da língua alemã era algo que, até 1945, em comunhão, pastores e comunidades incentivavam. Não se poderia pensar em um pastor que falasse só o português, teria ele que falar também o alemão. Tanto é que, os primeiros pastores brasileiros também falavam alemão, porque eram filhos de alemães. No entanto, vale destacar que, até o fim da Segunda Guerra Mundial, não

[96] Entrevista concedida em São Lourenço do Sul/RS, em 1º de dezembro de 2021.

existe o estudo da teologia no Brasil. Este sonho de formar pastores teve início apenas em 1946.

Abrindo um parêntese: a Escola de Teologia, fundada em 1946, depois Faculdade de Teologia, atualmente está integrada às Faculdades EST. Teve origem em uma Igreja que ainda falava e pensava em alemão. Seus primeiros professores eram pastores alemães que haviam estudado em centros de formação teológica na Alemanha. A literatura teológica em língua portuguesa era inexistente também para Igrejas como a Anglicana, a Metodista, a Batista e a Presbiteriana. Os primeiros estudantes de teologia que cursaram a Faculdade de Teologia eram egressos do Instituto Pré-Teológico, com sólida formação humanística (alemão, português, inglês, latim, grego). Os alunos não tinham dificuldades em assistir às aulas em língua alemã. Isto facilitava, depois, pós-graduações na Alemanha. A Faculdade de Teologia logo procurou elevar o nível da formação teológica, trazendo da Alemanha professores com doutorado.

Retornando à questão do idioma, durante a guerra foi muito evidente a questão da língua alemã. Existia naquele momento apenas o IPT. Os alunos do IPT, durante o Estado Novo e a Segunda Guerra Mundial, foram chamados pela direção do Sínodo Rio-Grandense a assumirem comunidades. Além de suprir vacâncias pastorais, esses alunos foram incumbidos da tarefa de fazer tudo em português. Conforme conclui P3:

> Para as comunidades isso foi um choque, por que as pessoas realmente não falavam o português. De repente, de uma hora para outra, tudo tem que ser em português. Os registros, as atas, toda a administração burocrática das comunidades deveria ser feita agora em português[97].

Como as comunidades eram praticamente movidas pela língua alemã, toda literatura, os hinos e assim por diante, quase tudo feito em alemão, esse novo contexto fez com que a Igreja sofresse muito com isso. Vejamos:

> O programa de nacionalização de acentuado o ideológico colidia com pensamento o etnicista exacerbado até a ideologia germanística e especialmente entre os pastores dos teuto-cristãos, de tal forma que muitas vezes dificilmente podia ser distinguida da ideologia nacional-socialista, de modo que a autocompreensão teuto-protestante foi lançada numa profunda crise por essas proibições, uma crise de identidade que atingiu a Igreja evangélica alemã em seu cerne (PRIEN, 2001, p. 428).

[97] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 15 de setembro de 2021.

Em contrapartida, também despertou na Igreja a vontade de reavaliar seus princípios.

> Os anos de 1939 a 1946 colocaram a nós, pastores, diante da necessidade de reexaminar nossa teologia, de perguntar pelo fundamento teológico de nossa pregação e de nosso trabalho pastoral. Experimentamos então nosso próprio aperto. E o que inicialmente foi denominado de tombo, a saber, a submissão à proibição da língua alemã, deve, no mínimo, ser avaliado a partir do reconhecimento de que a insistência na língua usada até então nem sempre foi defendido por razões confessionais (PRIEN, 2001, p. 473).

Elucida-se que a questão da linguagem não detinha razões bíblico-teológicas que a sustentassem, embora, em vários momentos, a linguagem tenha sido importante instrumento de manutenção. Os pastores que atuaram em Pelotas também percebem esta falha no ensino e no convívio das comunidades. Como afirma P3:

> Foi na década de 1970 que ingressaram os primeiros alunos na faculdade de teologia, que não dominavam alemão, já não traziam de casa a bagagem da língua e não entendiam nada em alemão. O alemão já deixava de ser obrigatório. Nesse sentido, foi uma coisa que nós observamos, que foi algo bom para as comunidades, ao mesmo tempo que um choque até certo ponto, mas com isso também se abriu portas para os não teuto-descendentes. Os Silva, os Oliveira etc. Onde antes era a Alemanha acima de tudo, agora as pessoas começam a ser aceitas. Graças aquela geração de pastores que também eram alemães e filhos de alemães, mas que meteram a cara, primeiramente não foram entendidos e não foram muito bem aceitos, mas que aos poucos conseguiram fazer com que a preocupação nos tornasse uma Igreja cada vez mais brasileira. Outro fator importante nesse sentido foi a mudança de nome para Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, ocorrido anos antes. Isso é um diferencial bastante grande, pois nós nos entendemos como brasileiros, e procuramos acolher a todos e não somente aos alemães, apesar de ainda sermos conhecidos como a Igreja dos alemães[98].

Cabe mencionar a experiência relatada por P1:

> Veja só, em 1972, dois colegas não deveriam assumir comunidade porque não sabiam suficientemente o alemão. O alemão ainda era um pré-requisito. Entre os estudantes se formou uma inquietação e essa inquietação chegou à direção da Igreja, eles acabaram cedendo e enviando esses alunos para comunidades onde não havia muito a necessidade do alemão. Até fins de 1960 era pré-requisito[99].

Embora reconheça que há flexibilização quanto à obrigatoriedade do alemão para o envio ao pastorado, P1 afirma:

> O meu estudo, meu pensar teológico é em alemão. A bibliografia quase toda em alemão, até hoje prefiro ler no original e não a tradução. A tradução é

[98] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 23 de setembro de 2021.
[99] Entrevista concedida em São Lourenço do Sul/RS, em 4 de setembro de 2021.

> sempre uma interpretação, não existe tradução literal. O meu raciocínio é alemão, professores alemães e literatura alemã. Na década de 1970 foram traduzidas as obras básicas para o português. Assim começou, logo depois começou a receber literatura em espanhol também. Quando vou escrever algo em português, eu penso primeiro em alemão[100].

Está implícito em meio aos relatos que, o desuso da língua alemã foi um processo lento, motivado pela necessidade. Vê-se que, ainda na década de 1980, a Faculdade de Teologia tinha mais professores doutores do que a UNISINOS. Esses professores que vinham da Alemanha puderam dar suas aulas em alemão, pois tinham ouvintes que os entendiam. Estes indicavam bibliografia em alemão ou inglês que também era lida. Em conversa informal, Martin Dreher indica:

> Alguns professores lecionavam em português: Ernesto Schlieper, Lindolfo Weingärtner, Ernest Sarlet, Donário Bencke. Desde meados de 1965 começaram a ingressar no estudo teológico alguns estudantes que não entendiam o alemão (Aldo Bernd, Dorlei Diesel, Roberto Hollerbach). Para nacionalizar a formação teológica, a direção da IECLB começou a enviar jovens para o doutorado na Alemanha e, depois, aos Estados Unidos. Foi o caso de Gottfried Brakemeier, Walter Altmann, Ervino Schmidt, Milton Schwantes, Lothar Hoch, Nelson Kilpp, Osmar Zizemer. Depois, mais tarde, nova leva de alunos foram enviados: Valdir Steuernagel e Vitor Westhele foram para os USA, Mario Tessmann, Henrique Krause foram para a Alemanha[101].

Como a ida para a pós-graduação no exterior foi ficando cada vez mais cara e os conhecimentos linguísticos dos candidatos diminuíam, foi dado início ao Instituto Ecumênico de Pós-Graduação, na década de 1980/90 formando os primeiros doutores no Brasil: Carlos A. Dreher, Marlon Fluck, Ênio Müller entre outros. Martin Dreher complementa sua narrativa:

> Na década de 1960 deu-se início à tradução de obras centrais do luteranismo do alemão, do inglês, sueco, etc. Também começam, desde a década de 1980, a serem publicadas por alunos brasileiros suas próprias obras teológicas. Atualmente há em toda a academia brasileira grande dificuldade: a formação é deficiente no ensino médio. Nossos estudantes mal dominam o português e o que sabem de língua estrangeira é insuficiente para ler literatura em outra língua que o português. Também o espanhol é considerado muito difícil. Tivemos ao longo dos anos decréscimo no saber, também no teológico[102].

No contexto pelotense, o desuso da língua alemã é sentido, sobretudo, no âmbito familiar. Depois, este desuso é sentido também no dia a dia das comunidades.

---

[100] Entrevista concedida em São Lourenço do Sul/RS, em 4 de setembro de 2021.
[101] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 2 de julho de 2021.
[102] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 2 de julho de 2021.

Nos anos que se sucederam ao Estado Novo e à Segunda Guerra Mundial promoveu-se, ao menos em Pelotas/RS, grande receio quanto à manutenção da língua. Isso pode ser observado em maior escala no meio urbano. Acompanhando Gertz:

> Essa campanha iniciara em 1938, visando as escolas classificadas de "estrangeiras" – na verdade escolas comunitárias nas regiões de colonização centro-europeia –, mas acabou se estendendo ao conjunto dos cidadãos de origem alemã e italiana, à medida que a guerra se desenvolvia na Europa, atingindo seu auge após o envolvimento direto do Brasil, a partir de 1942. Nesta segunda fase, a ação governamental não se restringiu mais ao sistema escolar, mas a toda a vida pública e privada dos referidos cidadãos, com a interferência não apenas em assuntos culturais (proibição das línguas estrangeiras), mas até em assuntos religiosos (restrições a cultos protestantes e católicos em uma língua que não fosse o português) (GERTZ, 2018, p. 2014).

Ao contrário do que afirma Roche (1964), em uma análise bem mais ampla, fato é que, em Pelotas/RS, a censura provocou uma espécie de ruptura no aprendizado e na alfabetização em língua alemã, tanto no ceio familiar, quanto no ambiente escolar. Ou seja, esta geração que hoje beira os 60 anos de idade surge ali debilitada quanto ao uso do alemão. É uma afirmação ousada, mas pode ser averiguada por meio de uma consulta realizada com membros dessa facha etária nas quatro comunidades centrais para esta pesquisa. Constata-se que no meio rural perdurou o alemão/pomerano por pelo menos mais uma geração após esta analisada – não por meio dos bancos colegiais, mas sim, inteiramente, por iniciativa das famílias.

Observemos o relato de P2, que exemplifica tal déficit linguístico:

> Algo interessante sobre meus pais é que, eles optaram por fazer um corte drástico em tudo que significava cultura germânica. É muito interessante esse detalhe. Isto especialmente significava não ter vínculo com a igreja além daquilo que o mero formalismo nos chamava a fazer. Todo aquele tumulto da Segunda Guerra Mundial, toda aquela perseguição, mesmo que alguns afirmassem que não era tanto assim, mas havia uma perseguição contra aqueles que tinham sobrenomes não legitimamente brasileiros, aqueles que tinham sobrenomes alemães ou então italianos, outra etnia que sofreu perseguições durante a guerra e imediatamente após. Era uma maneira de dizer que nós não queremos mais estar neste mundo onde o nosso nome é um impedimento de nos relacionarmos com as pessoas. Muita gente mudou-se para o Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, para os grandes centros, para fugir destas pressões contra os alemães. Isso me marcou.
> Mesmo que eu ainda fosse um menininho de apenas 4 anos, fui educado na língua alemã, porque até essas alturas meus pais ainda não tinham as convicções plenas. De imediato, quando entrei na escola com meus 7 anos, a língua alemã ficou de lado e eu fiquei não mais como alguém que falava alemão, mas unicamente sendo alfabetizado na língua portuguesa. A língua alemã não foi exercitada por mim, mas quando iniciei meus estudos na faculdade de teologia precisei novamente estudar o alemão para poder me situar na literatura, mesmo que eu já tenho estudado em um período

> transitório. Foi justamente na minha época que aconteceu, muitos dos professores não lecionarem mais em alemão para os seus alunos brasileiros. Eu já preguei diversas vezes em alemão, mesmo que meu alemão seja sofrido. Por sua vez, o inglês eu domino bem[103].

Esta quebra de continuidade provocou defasagem também no ambiente religioso. Se a Igreja pelotense permanecesse inteiramente alemã, não haveria espaço para quem já não compreendia a língua alemã. Ao passo que isso não significa que estes haviam deixado de ser teuto-descendentes. É visto no diálogo com as fontes que, após o apaziguamento das tensões no imediato pós-guerra, um retorno muito intenso do uso da língua alemã nas cerimonias religiosas em Pelotas/RS. Porém, as comunidades pelotenses tiveram que aprender a duras penas o retrocesso que isso significava, pois os cultos e festividades cada vez esvaziavam-se mais. Em determinada escala, a língua tornou-se um impedimento para a continuidade dessas comunidades.

A questão linguística, visível em Pelotas/RS, é um importante elemento do saudosismo quanto à questão da germanidade, que não pode ser ignorado. Este saudosismo, desde que utilizado de maneira consciente, não acarreta em prejuízos. P5 reflete da seguinte maneira:

> Eu noto uma presença muito intensa de pessoas que não têm nenhum tipo de ligação com a cultura germânica. Pessoas de sobrenome Silva, Padilha, Vasconcelos começam a frequentar a Igreja, porém não em todas as comunidades. Ao mesmo tempo não percebo, que o fato da valorização de alguns elementos culturais como a língua, por exemplo, como uma pedra de tropeço para essa abertura, desde que bem trabalhada, bem colocada. Foi necessário saber dosar, aprender em que medida aplicar isso. Nós ainda hoje temos algumas vozes que querem transformar a Igreja em uma espécie de clube de alemães [...], não podemos dar muita importância para elas e também não podemos censurar essas manifestações culturais que ainda são importantes. Talvez daqui 20 anos a senhoras da OASE já não façam mais questão de falar o pomerano em suas reuniões, mas hoje, dizer que isto é errado não é bom. Deixa-as conversarem em pomerano, desde que isso não impeça uma abertura aos demais[104].

Atualmente, na cidade de Pelotas/RS, um culto realizado em língua alemã dificilmente tem mais do que 6 ou 7 pessoas, normalmente senhoras e senhores idosos, que são levados pelos filhos e netos, em uma espécie de gesto simbólico. Mesmo entre estes veteranos, é comum que alguns deles saiam dali sem sequer saber sobre o que a prédica tratava. Concluímos este item com uma pequena história

[103] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 15 de setembro de 2021.
[104] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 27 de outubro de 2021.

contada por P3, na qual relata uma situação desconcertante envolvendo o saudosismo em torno do idioma alemão, mas que, certamente, instiga nossa reflexão.

> Lembro-me que certa vez realizei uma cerimônia de sepultamento, onde a família enlutada havia solicitado que eu a fizesse em alemão. Disseram-me que este havia sido um dos últimos desejos do falecido. Prontamente atendi o pedido. Conduzi toda liturgia em alemão, orações, hinos, mensagem e também, o momento de despedida de familiares e amigos. Deixamos a capela mortuária e nos dirigimos ao cemitério para dar prosseguimento ao sepultamento. Depois de feita a encomendação do corpo, toda em alemão, chegou a hora de baixar o caixão. Lembro me dizer: *"kann den Körper senken",* ninguém se mexeu. Disse novamente: *"kann den Körper senken",* ninguém moveu um músculo! Repeti pela terceira vez: *"kann den Körper senken",* e nada. Foi então que me dei conta, ninguém estava entendendo o que eu dizia. Então falei em português: *"podem baixar o corpo*", e então o finado foi finalmente sepultado[105].

Uma passagem como essa, por mais cômica que possa parecer, não deve ser tratada de maneira folclorizada. Fatos como este atestam a dificuldade em desvincular cultura e religião.

3.1.2 O Manifesto de Curitiba

O Manifesto de Curitiba merece, antes de mais nada, um subtítulo inteiramente seu. O manifesto é um documento emitido pela VII Assembleia Geral da IECLB, em outubro de 1970, na cidade de Curitiba, que em seguida foi apresentado pessoalmente ao presidente da República (Emílio Garrastazu Médici), por uma comissão encabeçada pelo então pastor presidente Karl Gottschald.

Pela primeira vez, a IECLB hospedaria a Assembleia Geral da Federação Luterana Mundial. O evento seria realizado em julho de 1970, em Porto Alegre. Com o engajamento de todos, estava acontecendo; todos os preparativos estavam sendo realizados, inclusive a feitura de um hinário multilíngue, exclusivo, a fim de atender todos os visitantes, que vinham de diversas partes do mundo. Pouco tempo antes da data, veio a notícia: os dirigentes da Federal Mundial Luterana haviam decidido não realizar a Assembleia em Porto Alegre, mas sim, em Evian, na Suíça. Estes dirigentes alegavam que a Federação não poderia fingir que aceitava o tipo de governo em vigor no Brasil.

---

[105] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 15 de setembro de 2021.

Tal situação brasileira criou na Europa uma imagem extremamente negativa, principalmente motivada pelo testemunho de elementos banidos do país pelos militares, em geral, da esquerda militante. Os representantes luteranos europeus, de certa forma, deixaram-se convencer pelas correntes críticas a cancelar o evento, sem refletir acerca das consequências que estariam criando à IECLB.

> O povo da IECLB por via de regra não sentia na carne o mal que acontecia no país. Os luteranos, no seu próprio conceito, eram gente ordeira e conservadora, não dada a desordens e contestações. Por isso eram permitidos viver em paz, salvo raras exceções onde estudantes se metiam a conspiradores. Assim, o povo da Igreja recebeu a notícia do cancelamento da Assembleia como algo chocante e injusto. Estavam fazendo injustiça ao governo, ao próprio país, bem como à Igreja irmã. As Igrejas europeias tinham cedido ao esquerdismo, tinham desprezado a irmã pequena cedendo à pressão dos donos da opinião pública. Uma grande frustração acompanhou as violentas críticas que se faziam aos dirigentes do luteranismo, e multiplicavam-se as vozes que exigiam o rompimento com a Federação Mundial, que tão vergonhosamente traíra a IECLB (WEINGÄRTNER, 2001, p. 21).

Este era o contexto vigente em 1970, e nenhum representante brasileiro foi a Evian. Surgiram, então, reflexões de dentro da IECLB, enraizadas no próprio Evangelho, bem como na Reforma Luterana. Destas, emergiu a necessidade de formular uma palavra de orientação para o povo da Igreja, uma palavra que auxiliasse este povo a sair do comodismo e confrontar seu compromisso perante a sociedade brasileira. “Este documento teve consequências enormes para o curso da própria Igreja, para o seu relacionamento com as autoridades civis, como também para o seu relacionamento com outras Igrejas” (WEINGÄRTNER, 2001, p. 24).

O Manifesto de Curitiba em nenhum momento sugere confronto com o governo. Não os utiliza, não demoniza o governo, mas diz o que tem a dizer no tocante às situações e às ações definidas das autoridades, e diz que a Igreja, por ser Igreja, quer dialogar honestamente com o governo acerca de todos os assuntos mencionados.

Segue o Manifesto na íntegra:

> A Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, reunida em seu VII Concílio Geral em Curitiba nos dias 22 a 25 de outubro de 1970, obediente à missão que lhe é inerente como Igreja de Cristo, resolve manifestar o seguinte:
>
> **1. Teses sobre as relações entre a Igreja e o Estado**
>
> 1.1 - A mensagem da Igreja cristã visa à salvação do homem, salvação que transcende as possibilidades humanas, inclusive as políticas. É mensagem de Deus – não deste mundo. Mas ela é destinada a este mundo e quer testemunhar Jesus Cristo como Senhor e Salvador do mundo. Por isso a Igreja não pode viver uma existência sectária, guardando para si mesma a mensagem que lhe foi confiada. Ela tem o ministério de testemunhar a

palavra de Deus, ministério do qual ela não se poderá esquivar, a não ser pelo preço da desobediência para com seu Senhor.
A mensagem da Igreja sempre é dirigida ao homem como um todo, não só à sua "alma". Por isso, ela terá consequências e implicações em toda a esfera de sua vivência – inclusive física, cultural, social, econômica e política. Não tenderá apenas a regular as relações entre cristãos, mas visará igualmente ao diálogo com outros cidadãos ou agrupamentos, sobre todas as questões relacionadas com o bem-comum.
1.2 - A mensagem "pública" da Igreja cristã, no que se refere aos problemas do mundo, não poderá ser divorciada do seu testemunho "interno", já que este implica naquela. Assim, a Igreja não pode condicionar seu testemunho público aos interesses de ideologias políticas momentaneamente em evidência, ou a grupos e facções que aspiram ou mantêm o poder. Em seu testemunho público, não poderá ela usar métodos incompatíveis com o Evangelho.
1.3 - Em princípio, Estado e Igreja são grandezas separadas, como o define também a Constituição do nosso País. Mas em virtude das consequências da pregação cristã que se manifestam na esfera secular, e pelo próprio fato de os cristãos serem discípulos de Cristo e simultaneamente cidadãos de seu país, não será possível separar totalmente os campos de responsabilidade do Estado daqueles da Igreja, embora seja necessário distingui-los. Na esfera onde os respectivos campos se fundem, a Igreja, por sua vez necessitando da crítica do mundo, desempenhará uma função crítica – não de fiscal, mas antes de vigia (Ezequiel 33,7), e de consciência da Nação. Ela alertará e lembrará as autoridades de sua responsabilidade em situações definidas, sem espírito faccioso, e sempre com a intenção de encontrar uma solução justa e objetiva.
1.4 - A Igreja busca o diálogo franco e objetivo com o Estado em atmosfera de abertura, de liberdade e de autêntica parceria – diálogo que tem por finalidade encontrar soluções para os problemas que afligem a sociedade. Como parceira corresponsável do governo secular, ela obedece ao preceito do Senhor que diz: "Daí a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus" (Marcos 12,17). Baseada nesta premissa fundamental, ela se sente chamada a cooperar com as autoridades governamentais em uma vasta gama de tarefas, como, por exemplo, na educação das novas gerações, na alfabetização de adultos, no apoio a ações sociais do governo, no combate a doenças, à pobreza, à marginalização do homem, e em outras atividades que não sejam de caráter puramente técnico. Esta cooperação implica no constante esforço destinado a eliminar as causas que eventualmente provoquem os males em questão.
1.5 - Em consequência da pregação pública da Igreja poderão surgir tensões com autoridades governamentais, seja por equívocos humanos, seja por razões de caráter fundamental. A Igreja, em tais casos, não procurará contestar o poder do Estado, como se ela fosse um partido político, mas proclamará o poder de Cristo. Onde ela sentir-se compelida a contrariar medidas governamentais, antes de tomar qualquer atitude pública, procurará dialogar com as autoridades respectivas. Em todos os casos agirá sem intuitos demagógicos – deixando claro que ela se sabe chamada a advogar em prol de todos os homens que sofrem.

2. Assuntos que preocupam a Igreja

2.1 - O caráter do culto cristão.
A Igreja entende que o culto, sendo o evento central da vida do cristão, através do qual se nutre sua vida espiritual, deverá ter resguardado o seu caráter de serviço a Deus, de adoração, de comunhão cristã e de diálogo com Deus. Jesus Cristo é o único Senhor do culto cristão.
O culto terá consequências políticas, por despertar responsabilidade política, mas não deverá ser usado como meio para favorecer correntes políticas determinadas. Pátria e governo serão objetos de intercessão da comunidade reunida para que possam promover justiça e paz entre os homens, e os fiéis darão graças a seu Senhor por estas preciosas dádivas. A pátria será

> honrada e amada; seus símbolos serão respeitados e usados com orgulho cívico, no sentido mais legítimo, mas o cristão não poderá falar da pátria em categorias divinizadoras.
> O diálogo entre Igreja e Estado poderá resultar numa responsabilização conjunta pela programação dos dias festivos nacionais que rendem homenagem à pátria.
> 2.2 - Ensino cristão e educação moral e cívica.
> Embora numa sociedade pluralista e multiconfessional, como a brasileira, o Estado, compreensivelmente, esteja interessado em evitar uma orientação sectária no campo educacional, julgamos ser indispensável que nas escolas seja mantido, inequivocamente, o ensino cristão. Consideramos ser a educação moral e cívica uma matéria necessária para a formação do cidadão, porém não a julgamos uma matéria que possa ou deva suplantar o ensino cristão. O ensino moral e cívico, com bases ideológicas declaradas, para muitos cristãos deixou imprecisos ou limites entre a esfera da Igreja e a do Estado. Entendemos que qualquer atitude moral ou cívica autêntica tenha as suas raízes em uma confissão autêntica. Um ensino "teísta, mas aconfessional", como o define o Decreto-Lei 869/69, pode induzir muitas pessoas a compreendê-lo como substitutivo do ensino cristão, e as suas bases ideológicas como sendo alternativa para uma orientação confessional cristã. Tanto professores como educandos serão levados necessariamente a conflitos de consciência, caso estes conceitos se fixarem.
> É do interesse da IECLB que esta questão seja objeto de um exame em conjunto de representantes das Igrejas e do Estado.
> 2.3 - Direitos humanos.
> Numerosos cristãos sentem-se perturbados pelo fluxo de notícias alarmantes sobre práticas desumanas que estariam ocorrendo em nosso País, com relação principalmente ao tratamento de presos políticos, donde surge uma atmosfera de intranquilidade, agravada com a carência de informações precisas e objetivas. Embora as notícias veiculadas no exterior, frequentemente evidenciem caráter tendencioso, e embora órgãos oficiais do País seguidamente tenham afirmado a improcedência das mesmas, permanece um clima de intranquilidade, em virtude das informações não desmentidas da imprensa do País, sobre casos onde se inculcam órgãos policiais de terem empregado métodos desumanos – seja no tratamento de presos comuns, seja de terroristas políticos, ou seja de suspeitos de atividades subversivas.
> Entendemos mesmo, como Igreja, que nem situações excepcionais podem justificar práticas que violam os direitos humanos.
> E como Igreja sentimos necessidade de dialogar com o nosso Governo também sobre este assunto – uma vez para apontar a extrema gravidade da questão, tendo em vista os princípios éticos em jogo, mas também para promulgar o nosso inteiro apoio a quem se acha seriamente empenhado em coibir abusos cometidos e em oferecer ao mais humilde dos brasileiros – inclusive ao politicamente discordante – a absoluta certeza de que será tratado segundo as normas da mesma lei com a qual possa ter entrado em conflito.
> Curitiba, 24 de outubro de 1970[106].

A feitura do Manifesto foi responsabilidade de uma comissão teológica da IECLB. Na década de 1970, esta comissão era formada quase que exclusivamente por docentes da Faculdade de Teologia de São Leopoldo. É digno de nota, que os

[106] Texto disponível em: https://www.luteranos.com.br/textos/manifesto-de-curitiba-1970. Acesso em: 16 dez. 2021.

pastores que atuaram em Pelotas/RS, foram alunos destes pensadores que formularam o Manifesto.

Está implícito neste fato que, a formação intelectual teológica dos pastores entrevistados para a finalidade desta dissertação foi trabalhada a partir dos mesmos, dos valores cristãos abordados pelo Manifesto. Estes, quando vieram a Pelotas/RS após seu envio, trouxeram consigo uma visão mais ampla da sociedade e do seu compromisso com ela, nas palavras de Lutero: “O cristão vive não em si mesmo, mas em Cristo e no próximo. De outro modo, ele não será um cristão”.

No próximo item, será analisado como se deu a abertura nas quatro principais comunidades pelotenses.

3.2 As igrejas luteranas pelotenses após a Segunda Guerra Mundial

O presente subtítulo aborda, sobretudo, detalhes da abertura cultural nas quatro principais comunidades luteranas pelotenses, conforme apresentado no item 2.2 do segundo capítulo. Aqui, por meio das quatro comunidades, será possível perceber como a comunidade luterana vinculada à IECLB estava, em relação à sua própria identidade, após a Segunda Guerra Mundial.

Na Comunidade Evangélica de Arroio do Padre II, é possível perceber intensões de abertura a partir de 1984, com a chegada do pastor Bernardo Rossner. Bernardo foi o primeiro pastor da comunidade a aderir a linha do Movimento Encontrão.

Este pastor, adepto dos ideais “encontristas”, promoveu dentre os membros da comunidade um despertamento espiritual, levantando lideranças leigas que o ajudaram no trabalho com o grupo de jovens e também com o grupo de casais. Quanto a estas lideranças, pensa-se em: Arnildo e Ivone Bonow, Irmgard e Romeu Zell, Beatriz e Gilnei Fischer, Beatriz Ott, Edel Einhardt, entre outros.

Esta mesma liderança, anos mais tarde, faria um esforço para que, no lugar do pastor Bernardo, assumisse outro pastor de vertente “encontrista”. Este pastor conta que deu continuidade ao trabalho iniciado por Bernardo, afirmando que:

> Em Arroio do Padre II, antes de nós esteve o pastor Bernardo Hossler e ele já havia feito um trabalho de despertamento espiritual e evangelizações. Os líderes da comunidade foram muito importantes no apoio do nosso trabalho

> em Arroio do Padre II. Nesse mesmo período, nós continuamos o trabalho do pastor Bernardo e conseguimos fazer um despertamento de lideranças. Lembro-me de fortalecer ainda mais o grupo de casais e incentivar a participação dos jovens nos grupos de juventude.
> A comunidade de Arroio do Padre II era ao mesmo tempo tradicional, mas também estavam abertos a receber trabalhos inovadores, como por exemplo, evangelizações, estudos bíblicos, assim como palestrantes que visitavam a comunidade regularmente[107].

Na década de 1990, a comunidade de Arroio do Padre II ainda praticava alguns de seus ofícios em alemão. Mesmo que de forma esporádica, cultos em alemão ainda eram recorrentes, mesmo que a língua tradicional fosse o pomerano, que se diferencia do alemão em vários aspectos. O pastor entrevistado aponta para um tipo de índole que para ele foi fundamental para sua caminhada pastoral. Para P10, os seguintes posicionamentos também foram importantes para fazer com que comunidade de Arroio do Padre II caminhasse rumo a uma abertura significativa:

> Eu sempre busquei novidades, sempre busquei renovação e revitalização. Embora que na época nós ainda não usássemos esses termos. Minha posição sempre era essa: se a tradição ajuda e edifica, então vamos mantê-la, mas se ela não edifica e não ajuda a crescer em comunidade e em fé, então temos que repensá-la. Eu nunca fui contra o tradicionalismo, mas também sempre visei inovar. A gente sempre se confrontou com essa questão das diferenças, dentro da Igreja sempre convivemos com os mais variados grupos, que possuíam os mais variados posicionamentos sócio-políticos, ideológicos e teológicos. Eu sempre tive uma posição neutra, sempre busquei o equilíbrio entre o lado espiritual e o lado social da Igreja[108].

Esta transformação vivenciada por P10, segundo ele, foi fruto de sua própria caminhada espiritual e pastoral:

> Eu confesso que durante minha caminhada pastoral presenciei preconceitos quanto à etnia. Algumas das comunidades por onde eu passei eram ainda muito tradicionais. Eles defendiam a germanidade com unhas e dentes, parecia que não podiam abrir mão do alemão e quem não dominasse a língua não era bem visto pela comunidade. Por muito tempo não vi um negro participar de um culto, por exemplo.
> Pouco a pouco consegui superar esse preconceito, pois comecei a valorizar pessoas diferentes e jeitos diferentes de ser Igreja. Mas isso funcionou nas comunidades mais ao norte, Mato Grosso do Sul e Espírito Santo. Quanto mais para o sul do Brasil, mais difícil era de praticar uma abertura da Igreja[109].

O processo de abertura cultural na Comunidade Evangélica de Arroio do Padre II foi, sem dúvida, um processo lento e gradual, muitas vezes feito de forma insistente, principalmente pelos pastores que por lá passaram. Vejamos o seguinte relato:

---

[107] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 15 de setembro de 2021.
[108] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 15 de setembro de 2021.
[109] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 15 de setembro de 2021.

> Lembro-me de um episódio ocorrido na colônia Progresso, em Pelotas/RS. Ali existe até hoje uma pequena vila de pessoas negras. Essas pessoas trabalhavam como empregadas durante as safras de fumo, nas propriedades dos agricultores da região. Era uma espécie de mão de obra barata. Por mais que manifestassem interesse em participar da comunidade, lá eles não eram aceitos. Na minha época (1990-1998) foi feita uma assembleia sobre o caso e a maioria não aprovou a participação dessas pessoas na comunidade. Levou anos, somente no pastorado seguinte, assumido por Volmar Saueressig (outro pastor vinculado ao Movimento Encontrão) foi conseguida uma aceitação dessas pessoas na comunidade, isso já nos anos 2000[110].

Desde a chegada de Bernardo Rossner, em 1984, até os dias atuais, a Comunidade de Arroio do Padre tem mantido seu alinhamento com os propósitos do Movimento Encontrão. Atualmente, vê-se na comunidade uma das maiores movimentações de juventude evangélica dentro do Sínodo Sul-Rio-Grandense. O paradigma da língua alemã foi superado, não havendo mais cultos e ritos no referido idioma.

Um aspecto cultural que ainda sobrevive são as festas tradicionais de aniversário da comunidade. A festa conta com a animação de bandas típicas alemãs, copa sortida, venda de artesanatos e diversas apresentações artísticas. Embora nela existam traços da cultura alemã/pomerana, não se pode atribuir a ela uma finalidade de manutenção ou saudosismo. Esta festa anual é, antes de tudo, a principal renda financeira da comunidade, extremamente necessária para cobrir as despesas do orçamento anual.

Sobre a Comunidade Evangélica São João, vê-se ares de abertura a partir de 1970. Conforme P2:

> São João tinha um pastor que era muito amigo do Pastor John Aamot, ele se dedicou a ajudar outros pastores a entender e dialogar com uma nova proposta, uma nova visão da Igreja. O pastor Adelário Müller foi desses que queria ver um tipo de Igreja diferente acontecendo na IECLB. Ele em um ano e meio, dois anos, já havia feito uma pequena revolução, mas a comunidade que era antes uma espécie de clube alemão, com apêndice religioso, agora via as questões da fé como sua prioridade e não mais como uma coisa ligada à cultura que valoriza a Igreja. Eu me encaixei muito bem porque eu vinha de uma Igreja um pouco diferente (Comunidade Ascenção, de Novo Hamburgo), uma Igreja não conivente com o alemão acentuadíssimo, e nós dois trabalhamos juntos por alguns anos, até que eu fiquei sozinho no pastorado da Igreja São João[111].

P2 continua:

[110] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 15 de setembro de 2021.
[111] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 23 de setembro de 2021.

> Lá foi o meu laboratório, fiz muitas bobagens na comunidade, acho inclusive que é um milagre que a comunidade me aceitou tão jovem para ser o seu pároco, para ser o seu pastor titular, depois que o Adelário já tinha saído. Esse curto espaço de tempo com o pastor Adelário foi vital para um início de um processo em toda IECLB, na transformação das comunidades. Devo dizer que durante este período em que o pastor Adelário e eu estávamos à frente da comunidade de São João, ela entrou em alguns conflitos bons, algumas crises, crises boas, de repente eles se deram conta do seguinte: nós não estamos aqui só para atender os germânicos. Os membros começaram a ver que eles deviam estar aqui para os outros e não para eles mesmos. Era muito forte a turma do vamos manter as tradições. Nós não tivemos briga nenhuma, isso foi interessante. As pessoas de idade tinham dificuldade de aceitar esse novo jeito que estava sendo implantado, mas eles diziam que pelo menos agora os filhos deles estavam na igreja, pelo menos agora eles estão interessados nas coisas de Deus. Muitas pessoas de idade, aqueles que eram membros que compunham a diretoria até então, deixaram que os jovens assumissem as coisas e vibravam com as coisas que estavam acontecendo por ali[112].

Há na São João um processo semelhante ao acorrido em Arroio do Padre II, o de avivamento e despertamento de muitas lideranças, lideranças jovens, inclusive. Esta é uma das características dos pastores “encontristas”, o incentivo à formação de lideranças leigas, no intuito de que os membros possam ser mais do que meros espectadores dentro da Igreja.

Quanto à superação dos paradigmas étnicos, P2 explica que:

> Se hoje fores à Igreja São João, poderás ver pessoas de cor. Lembro-me das primeiras duas pessoas negras que vieram aos nossos cultos, isso escandalizou muita gente. Especialmente as pessoas de mais idade, porque eles nunca tinham se dado conta de que eles também eram responsáveis por atrair os não-alemães, os não-descendentes de alemães. Então começou a vir muita gente, hoje a comunidade São João de Pelotas tem muita gente sem sobrenome alemão, não que o sobrenome alemão seja alguma coisa ruim, eu mesmo mencionei anteriormente que tenho orgulho do meu nome, do meu sangue, e da pequena cultura que eu carrego comigo, mas o quê de verdade se sobressai é meu envolvimento com a cultura brasileira, acima de tudo sou cidadão brasileiro. Sempre lutei para que as pessoas de todas as etnias também participassem da minha Igreja. Afirmo que a comunidade cresceu muito a partir do momento em que se pensou em ampliar a nossa visão de Igreja.
>
> Claro que nos bastidores, às vezes ouvira-se uns burburinhos como: isto não é mais a nossa Igreja, tudo está diferente do que era antes, mas isto foram vozes isoladas, e isto te digo com toda certeza, porque eles perceberam que uma nova geração estava tomando conta das coisas da Igreja. As pessoas iam muito nas festas, mas raramente iam ao culto, e agora era diferente, o pessoal gostava de ir à Igreja e a Igreja já nem suportava tanta gente, porque ela estava super lotada. Isso por um lado foi motivo de muita alegria, mas foi motivo para calar também aqueles que estavam contra essa nova onda que estava se iniciando ali.

[112] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 23 de setembro de 2021.

Quando questionado sobre o legado de seu trabalho na comunidade, P2 destaca o caráter missionário da Igreja, princípio evidenciado no testemunho de Jesus Cristo, e que agora fazia parte da realidade da comunidade:

> Com certeza, a comunidade São João não se via mais como uma Igreja para os alemães. Claro que muitos dos seus membros têm o mesmo orgulho que eu tenho da minha cultura, da minha etnia, mas eles sabem que a Igreja existe para os outros, e essa é uma verdade para mim muito preciosa. Se a comunidade pensa em si mesma, e só em si mesma, e não está pronta para buscar por valores, por metodologias que ajudem os não religiosos a chegar a ela, essa comunidade já está com seus dias contados. Impressiona-me que a comunidade São João de Pelotas teve ótimos pastores depois que eu sai de lá, muitos com uma capacidade extraordinária. Vejo a comunidade São João como uma comunidade que serve como uma espécie de referencial no Brasil a fora, nesse aspecto. É uma comunidade *sui generis*, assim como a comunidade Martim Lutero[113].

O processo de abertura cultural nesta comunidade, especificamente, aparenta ter ocorrido de forma mais rápida do que na comunidade de Arroio do Padre II. A comunidade São João situa-se no Centro de Pelotas/RS. As famílias teuto-descendentes mais abastadas da cidade eram membras desta comunidade. No seio dessas famílias, pode ser observado um elevado grau de escolaridade. Não obstante, professores e intelectuais oriundos destas famílias começaram a envolver-se na diretoria da comunidade. Quanto a estas personalidades, pensa-se em Rubi e Rude Munchow, Mario Tessmann, entre outros. Esta geração de pessoas, com seus conceitos mais abertos, possivelmente colaborou para acelerar o processo.

No que tange à Comunidade Evangélica Martim Lutero, observamos que ela segue por um caminho semelhante à São João. É no final da década de 1970 que surgem os primeiros movimentos em prol de uma abertura. Contudo, observa-se na Martim Lutero um avanço mais direcionado à congregação entre as comunidades da paróquia do que uma abertura para os que vêm de fora, propriamente dito.

Na Martim Lutero foi preciso trabalhar, antes de tudo, seus valores internos de existência. Para P3, “naquela época não existia um pensamento de paróquia, era cada comunidade por si. Existia ainda um pensamento muito comum nas ‘*Freie Gemeinschaften’* (comunidades livres). Quando eu senti essa peculiaridade eu comecei a trabalhar isso”[114].

---

[113] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 23 de setembro de 2021.
[114] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 31 de agosto de 2021.

Quando questionado sobre a realidade da comunidade naquele tempo, respondeu que:

> A comunidade Martim Lutero era uma comunidade que tinha de tudo, o pastor Donald era muito ativo, então na comunidade se encontravam praticamente todos os grupos que ainda existem hoje. Eu sou muito exigente, muito perfeccionista nas coisas, para mim as coisas precisam funcionar mesmo que sejam simples, eu senti que havia uns grupos, uns departamentos, que funcionavam meio que por sua própria vontade, faziam o que queriam, no bom sentido, trabalhando por si. Então eu comecei a trabalhar essa questão, e com isso conseguimos muita coisa, não só na comunidade Martim Lutero, mas como em toda a paróquia[115].

Paralelamente a este trabalho de abertura dentro dos limites da própria comunidade, acontecia também uma ampliação do campo de ação da comunidade. Isso pode ser observado pela criação de um ponto de pregação no bairro Pestano, uma das regiões mais marginalizadas da cidade. Desde a década de 1970, o ponto de pregação tem prestado diversos serviços aos moradores do bairro, por meio de parcerias com entidades filantrópicas, projetos sociais e recentemente, dispõe de acompanhamento escolar e de uma turma de educação infantil, vinculada ao Colégio Sinodal Alfredo Simon.

Sobre a abertura cultural, P3 conta que:

> No momento em que a comunidade Martim Lutero se filiou ao antigo Sínodo Rio-Grandense, ali já foi uma tendência para se libertar de um jugo ou daquele marasmo, assim como é até hoje nas comunidades livres. Obviamente, não foi de uma hora para outra que a comunidade se torna mais aberta à cultura brasileira, deixando de lado a cultura alemã. As próprias pessoas falavam bem mais a língua alemã do que o português, no caso. Então, era uma necessidade que eles fossem atendidos na língua alemã, pois não entendiam praticamente nada do português. Com a mudança de nome para IECLB, aí se tornou mais forte ainda essa tendência de mais trabalhos, cultos, liturgias, hinos, em português. Quase que simultaneamente com a tradução das obras acadêmicas da teologia, as comunidades também passaram por uma tradução em seus hinários, documentos burocráticos e etc. Isso foi uma coisa gradativa. Com isso a comunidade vai se abrindo para todas as pessoas, todas as pessoas que se comprometem a seguir os ensinamentos da Igreja como um todo. Pessoas que procuram viver a sua fé cristã conforme a maneira da comunidade viver. Nesse sentido, a pregação da comunidade Martim Lutero é para todas as pessoas[116].

Há uma peculiaridade na Comunidade Martim Lutero quanto à presença do Movimento Encontrão. A comunidade começa a identificar-se com o movimento ainda na década de 1970, durante a passagem do Pastor Donald Nelson. Um dos filhos de

[115] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 31 de agosto de 2021.
[116] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 31 de agosto de 2021.

Donald, futuramente viria a casar-se com uma das filhas de John Aamot, criador do movimento.

Quanto à comunidade, esta sofre uma grande ruptura quando membros ligados a um setor mais radical do Movimento Encontrão rompem com a Igreja e formam suas próprias comunidades, com inclinação à vertente pentecostal. Depois deste fato, ocorrido no início dos anos 2000, surgem inúmeras críticas ao movimento e observa-se certo recuo na questão do avivamento de lideranças. Em contrapartida, isto não significa que o movimento tenha perdido forças dentro da comunidade.

Atualmente, São João e Martim Lutero carregam muito pouco daquela germanidade contida em seus ambientes de criação, pelo menos até o final da década de 1960. Ao contrário de Arroio do Padre II, nem as tradicionais comemorações de aniversário escaparam de uma reformulação. As duas mantem-se financeiramente estáveis por meio das contribuições dos membros, e de almoços e chás realizados mensalmente. Esporadicamente são realizadas evangelizações, normalmente atreladas às festividades de aniversário das comunidades.

No caso da Comunidade Evangélica Advento, encontramos a única exceção à regra. Nesta comunidade, a abertura também acontece, mas não por meio do Movimento Encontrão. Conforme relato de P1:

> Quando cheguei em 1973, a comunidade de Morro Redondo já não cultivava tanto o alemão, pois o pastor anterior que havia ficado dezoito anos na comunidade, uma figura marcante de autoridade, já havia transportado os limites linguísticos da comunidade. Não foi fácil substituir esse pastor, mas quando cheguei só havia dois cultos que ainda eram ministrados em alemão, o de Sexta-Feira Santa e o culto do Domingo da Eternidade, que por sua vez era celebrado em uma primeira parte no cemitério, em língua portuguesa, e depois terminado no templo com a Santa-Ceia sendo realizada em alemão[117].

Vemos que o início da abertura se deu mais cedo do que em Arroio do Padre II. P1 continua, ao afirmar que “Morro Redondo não era mais tão germanófilo. Morro Redondo já era mais tolerante, aberto para coisas diferentes, desde que não atropelado. Eu consegui ter muitos bons diálogos com aquelas diretorias, preservo algumas daquelas relações até hoje”[118].

Em conversas informais, o pastor relata também que, através de seu diálogo com as autoridades políticas, conseguiu benefícios para a população de Morro Redondo, como, por exemplo, o asfaltamento da avenida principal da cidade e a

[117] Entrevista concedida em São Lourenço do Sul/RS, em 4 de setembro de 2021.
[118] Entrevista concedida em São Lourenço do Sul/RS, em 4 de setembro de 2021.

criação da Escola Estadual de Ensino Médio Nosso Senhor do Bonfim. Neste sentido, a comunidade teria percebido que, estreitar suas relações com o poder público e com as demais pessoas trazia bons frutos para si mesma.

Quanto ao Movimento Encontrão na comunidade Advento, P1 observa que:

> Quando o Movimento Encontrão entra no Morro Redondo, ele começa a polarizar. Hoje existem pessoas que boicotam o pastor que está atuando lá e ele não consegue abraçar a comunidade. Isso resulta em várias consequências, como por exemplo, a queda da frequência nos cultos. Mas esse não é o único problema: há um tempo atrás fui em um culto em Morro Redondo. O que eu vi de IECLB naquele culto? Um coral todo capenga de idosos cantando um hino do nosso hinário. De resto não havia nada, liturgia não existia mais, e nisso se perde muito. Eu não me senti em casa. Eu não sei se isso pode ser considerado um retrocesso em questões de crença, digamos assim, mas também não sei o que a igreja ganha com isso[119].

A passagem supracitada evidencia que a presença do Movimento Encontrão não é essencial para que as comunidades ampliem seu campo de atuação com relação ao outro, às demais etnias. Contudo, dentre as quatro comunidades, Advento foi a única que cresceu a partir de uma iniciativa diferente.

Ao narrar e analisar os elementos da desvinculação entre Evangelho e germanidade, é preciso dizer, para que não passe desapercebido, que o caminho destas comunidades em direção à superação dessa norma cultural até então cultivada não foi límpido e sereno. Estes pastores que descrevem a abertura também contam sobre os desencontros ocorridos em suas experiências. Tais descompassos serão analisados no item 3.4 desta dissertação.

Em tempo, é digno de nota o protagonismo do Movimento Encontrão e dos pastores a ele vinculados. Por isso, o próximo item objetiva adentrar mais a fundo, neste apêndice que a IECLB possui, discutindo, de modo mais aprofundado, suas principais características.

3.3 Movimento Encontrão

O Movimento Encontrão é, sem dúvida, uma das peculiaridades do luteranismo pelotense, que demonstra um processo de intensa mudança da Igreja luterana

[119] Entrevista concedida em São Lourenço do Sul/RS, em 4 de setembro de 2021.

brasileira como um todo. Por isso, merece ser analisado com mais ênfase nesta pesquisa. Em um primeiro momento, um apanhado histórico do movimento será levantado. Logo após, observaremos os prós e os contras do movimento, a partir da análise de nossos entrevistados.

A história do movimento começa na década de 1960, quando ocorre, no Brasil e na América Latina, a ascensão da Teologia da Libertação e da Teologia Liberal como um todo. Há um movimento de Teologia Liberal, que é uma teologia baseada basicamente em uma questão social na América Latina, baseada na política e também em questões vinculadas a ideais da esquerda. No espectro político, a Teologia Liberal tende para a esquerda, o que se pode chamar de uma agenda progressista. A Europa também entra nesse caminho, justamente por se encontrar um momento de pós-guerra, mas ao mesmo tempo não tão desenvolvido, pois ainda está imersa na Guerra Fria.

Dentro dos centros acadêmicos, a Teologia Liberal é bem vista neste momento, mas fora não o é. Os pensadores e teólogos da época bebiam de uma fonte liberal. Esses teólogos não eram influentes de forma geral, mas eram os pensadores e teólogos que a Igreja considerava ideais.

Ainda na década de 1960, chegam ao Brasil missionários de uma vertente pietista dos Estados Unidos, designados para trabalhar no Sul do Brasil. Já atuando no Brasil, esses missionários começam a pregar e a orar com as pessoas, e suas pregações estimulam ao arrependimento e são de apelo a uma conversão das pessoas a Jesus Cristo. Essa é a primeira vez que missionários dentro da IECLB falam de uma forma mais direta a respeito desta conversão, de que as pessoas precisam se converter a Jesus independentemente de terem ou não passado pelos ritos que a Igreja possui. Neste começo, a igreja não apoia esse tipo de trabalho, então realoca esses missionários. Alguns retornam aos Estados Unidos e outros são enviados ao Rio Grande do Sul. Um destes é John Aamot, que é enviado para Novo Hamburgo, para a Comunidade Ascensão do Centro. Ali, o foco do trabalho dele foi seguir o mesmo modelo de pregação, a pregação de conversão e de arrependimento, e além disso, dentro da Comunidade Ascensão ele começa os grupos ECO. Sobre o pastor John Aamot:

> Suas mensagens apresentavam o Evangelho muito claramente, de uma forma tal que as pessoas podiam responder afirmativamente ou não. Não quero com isso afirmar que o Evangelho não estava sendo pregado até então, e tampouco que os pastores da IECLB não soubessem pregar. O Evangelho

> era pregado, os pastores o faziam bem, mas o evangelista tem a capacidade de, através da exposição da Palavra de Deus, propiciar ao ouvinte a oportunidade de receber Jesus Cristo em seu coração, pela fé. Isso os pastores em geral não sabiam fazer, ou eu era surdo (LICHTER, 2007, p. 21).

Os grupos ECO, ou então, “Estudar, Compartilhar e Orar”, deram início ao que atualmente chamamos de grupos de estudo bíblico. Esse sistema adotado por João Amoht caiu nas graças não só da Comunidade Ascenção, mas também de pastores que ministravam pelas redondezas de Novo Hamburgo. Na própria comunidade, John consegue motivar muitas pessoas a começarem a cursar teologia, por meio dos grupos ECO. Neste momento, a Igreja sofria com a escassez de ministros ordenados.

> Não poderia passar para outro assunto sem dizer que aqui em Novo Hamburgo várias pessoas foram chamadas e vocacionadas para o ministério pastoral, jovens e também adultos já com famílias estruturadas. Dessa lista fazem parte Sérgio Schäffer, Rosalvo Dalla Barba, Heitor Meurer, Jairo Cruz, Raul Wagner, entre outros (LICHTER, 2007, p. 57).

Estes estudantes, quando assumiram suas comunidades, levaram consigo o mesmo sistema de grupos iniciados por John Aamot.

Chega um momento em que os grupos ECO envolvem um grande número de pessoas, então surge a ideia de fazer um encontro anual dos grupos ECO. Os primeiros encontros foram realizados na localidade de Nova Petrópolis, onde todos os anos esses grupos se reuniam. Surge um momento em que o número de pessoas participantes era muito elevado, sendo necessário que fosse alugado um espaço maior para a realizar os encontros anuais. Aquele “encontro” de grupos havia crescido ao ponto de tornar-se um “encontrão”. Foi nesse momento também que surgiu uma rixa entre Douglas Wehmuth e Sérgio Schäffer. Sobre isso, falaremos a seguir.

Desde seu início, o encontro dos grupos era feito no feriadão de carnaval, tradição que se mantém até hoje. Passado mais algum tempo, surgiu então o “Movimento Encontrão”, essa proposta de trazer para a Igreja, em contrapartida a uma teologia liberal, uma teologia bíblica, baseada nas escrituras e no sopro do espírito. Segundo P4:

> A proposta do movimento é trazer um renovo para igreja. Essa história tem que ser os capítulos bonitos e seus capítulos não tão bonitos. Ao mesmo tempo que o movimento propõe renovação frente à teologia da libertação, ele também abre mão de muita coisa, quase que criando uma nova igreja dentro da IECLB, em alguns lugares. O movimento criou seu próprio hinário e forma litúrgica, por exemplo. Haviam vários extremismos dentro do movimento. A década de 1980 ficou marcada, pois é neste período, que o movimento se

> estrutura. Também é neste período que surgem as evangelizações, uma das marcas do movimento[120].

O movimento seguiu ganhando cada vez maiores proporções. O sonho dos envolvidos era conseguir construir uma casa que pudesse abrigar o Centro de Pastoral e Missão, que já tinha em sua constituição a Missão Zero, o Educação Teológica a Distância e a Editora Encontro. Haviam anseios de uma futura Faculdade de Teologia que viesse a formar bacharéis Missionários e Pastores. No ano de 1999 foi criada a Faculdade Teológica Evangélica de Curitiba, e desde então, o movimento conta também com seu próprio centro de formação.

O Movimento Encontrão tem as suas histórias interessantes e as suas contribuições para a causa missionária, mesmo que a IECLB, por vezes, diga que não. Quanto à opinião de representantes da IECLB, são costumeiras as declarações que possuem este tipo de conteúdo:

> Sempre percebi o Movimento Encontrão como um movimento muito fechado. Mesmo assim, pensando na nossa realidade, posso dizer que eles têm trabalhos sociais muito bonitos, e que ajudam muito a Igreja. A relação das comunidades com o movimento depende muito dos ministros que estão à frente dessas comunidades. Houve uma época em que o Movimento Encontrão teve uma presença muito forte. Na verdade, é uma forma diferente de manifestar a fé. Algumas coisas eu concordo, outras não. Penso que nós estamos dentro de uma estrutura, e esta tem diretrizes e estatutos. Estamos em uma fase em que pessoas acham que podem fazer o que bem entendem. O Movimento Encontrão tem algumas dificuldades de seguir certas normas da Igreja. Por outro lado, o Movimento Encontrão trouxe à tona a questão da espiritualidade, e isso foi muito positivo.
>
> Houve um tempo em que a relação entre Encontrão e as demais vertentes era muito conflituosa. Hoje em dia já não é mais assim, os ministros já demonstram uma maior abertura.
>
> Se você trabalha em um colégio, você tem que seguir as regras daquele colégio, senão você não trabalha mais no colégio. Da mesma forma, nós estamos dentro da estrutura da IECLB, nós trabalhamos para esta Igreja. Estando dentro desta estrutura, é preciso se adaptar a algumas regras. As pessoas ligadas ao Movimento Encontrão por vezes não querem se adaptar a certas regras, como por exemplo, a veste litúrgica. Há vários pequenos detalhes que precisam ser observados.
>
> Talvez uma questão no Movimento Encontrão é que, por vezes, eles inovam na prática de ritos, hinologia etc., mas por mais que essas inovações não sejam proibidas pela Igreja, elas acabam causando polêmicas e choques por fugirem de uma certa tradicionalidade. Fazer algo que não é comum dentro de uma Igreja Luterana causa estranhamento, mesmo que tenha sido com a melhor das intenções[121].

[120] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 8 de outubro de 2021.
[121] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 26 de outubro de 2021.

Devido à sua forma de ser Igreja, o certo é que o movimento trouxe consigo questões polêmicas. O clima de tensões envolvendo o movimento pode ser observado desde seu início, quanto à sua nomenclatura. Como explica P4:

> Sérgio Schäffer chega em um desses encontros do grupo ECO e é recebido por uma pessoa que diz: Poxa, pastor, nós vamos ter que achar outro lugar para fazer esses encontros. Sérgio Schäffer retruca: isso já não é mais um encontro, é um encontrão. Nesse contexto, supostamente, Douglas Wehmuth teria ouvido esta brincadeira, e tendo subido no palco disse uma frase parecida renomeando o encontro. Os dois afirmam serem os criadores do termo "Encontrão". Essa é a questão conflituosa entre os dois. Isso são falas, como se diz, é a tradição oral, não há nada registrado que comprove esses fatos[122].

Também em seus primeiros anos de atuação, segundo P1, o movimento apresenta incoerências quanto a uma unidade dentro da Igreja:

> John Amoht, em Novo Hamburgo, começa o Movimento Encontrão. Primeiro, com suas evangelizações buscava estudantes de teologia, depois fazia seus estudos com esses grupos de estudantes e se fanatizavam, ao ponto de falar em com pronúncia americana, com sotaque americano.
> Eu acho que o Movimento Encontrão não foi tão benéfico para a IECLB, porque ele procurou ser uma Igreja dentro da Igreja. O Encontrão foi o grupo que mais se encapsulou, que mais se fechou. Foi um movimento que conseguiu sua própria faculdade, conseguiu formar seus missionários em Curitiba, mas não sei até que ponto realmente eles somam, até onde congregam à IECLB. Nesse ponto tenho minhas dúvidas. Eles têm uma linguagem própria, um jeito próprio, um riso próprio, piadas próprias, eles se diferenciam, e isso, ao meu ver é um problema[123].

P4, defende o movimento, ao dizer que:

> Talvez eu seja meio ousado falando isso, mas acredito que o problema de criar uma igreja dentro da Igreja já foi resolvido. Mas considerando que a base do movimento tinha como fator a questão da renovação da fé, enfatizando a conversão das pessoas para Jesus, e de um avivamento do Espírito Santo, muitas pessoas se perderam na confessionalidade. Então, o que eu percebo olhando para história do movimento, é que dentro do movimento houveram muitas rupturas. Na comunidade Martim Lutero, houveram muitas pessoas que saíram por que acreditavam que a Igreja não estava avivada o suficiente. Algumas pessoas que fomentaram essas divisões eram pessoas diretamente ligadas com a chefia do movimento[124].

Um grande e rápido crescimento, como o vivido pelo movimento, de fato dá brechas para decisões que, por vezes, são controversas. Por isso, a própria Igreja sempre foi muito crítica ao movimento. A IECLB tende a apoiar com mais facilidade,

[122] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 8 de outubro de 2021.
[123] Entrevista concedida em São Lourenço do Sul/RS, em 4 de setembro de 2021.
[124] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 8 de outubro de 2021.

as comunidades ligadas ao PPL de forma geral. Alguns dos encontristas tomaram para si as dores dessa crítica ao movimento. Percebe-se no diálogo com as fontes que há um grande ressentimento dos “encontristas” para com a IECLB:

> Não há um reconhecimento quanto à ajuda financeira que as comunidades identificadas com o movimento provêm aos sínodos e à Igreja, por exemplo. Isso não justifica certas atitudes, mas isto contaminou o coração de alguns para que eles tomassem tais atitudes, como por exemplo, se desvincular da IECLB. O que podemos afirmar é que, pelo menos uma vez na vida, pessoas identificadas com o movimento foram perseguidas pela estrutura da Igreja, ou melhor dizendo, não foram favorecidos pela estrutura da Igreja. Atualmente, as pessoas que estão na diretoria do movimento tentam resolver problemas semelhantes de uma maneira mais amistosa. Antes não era assim[125].

O Movimento Encontrão chegou a um ponto em que, no seu íntimo, existam também pessoas mais tradicionais e pessoas mais abertas. Os tradicionais são pessoas que se apegam principalmente a aspectos ligados ao começo do movimento. Os luteranos têm uma predisposição a engessar as coisas, é da índole luterana, pois são criados nesse sistema. Um dos marcos dessa ruptura dentro do Movimento Encontrão é o surgimento da Igreja Mover, constituída por pessoas identificadas com o movimento que romperam com a IECLB, em uma proposta mais radical de reformulação. Pelotas/RS viveu essa ruptura, sobretudo na comunidade Martim Lutero, onde no início dos anos 2000, diversos membros saíram da comunidade e a partir desta cisão, abriram suas próprias comunidades de cunho pentecostal.

> O que dizer, por exemplo, das divisões e saídas da IECLB, que aconteceram nas comunidades sob coordenação do ME? Se fizéssemos um levantamento, aqui mesmo, na área de nosso Sínodo, teríamos dezenas de pessoas que, devido à sua “militância” na comunidade, e insistindo em conversão e também um novo batismo, mas não apoiados por ministros e líderes da IECLB, se retiraram ou até mesmo foram excluídos e acabaram fundadores de novas igrejas de um viés pentecostal? Não satisfeitos, estes que saíram para outras Igrejas atraíram outros membros da IECLB[126].

Os responsáveis diretos por aplicar as propostas do Movimento Encontrão nas comunidades são os pastores, e, muitas vezes, esse pastor é quem tem problemas de confessionalidade. O ministério pastoral exige passar pelo crivo da confessionalidade. Há casos em que o pastor é o problema, mas quem recebe as críticas é o movimento. Segundo P3:

---

[125] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 8 de outubro de 2021.
[126] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 1º de dezembro de 2021.

> Conhecendo a história do Movimento Encontrão, uma e outra pessoa irá afirmar que o problema é a confessionalidade. Mas, as funções eclesiásticas que a própria IECLB criou, não dando o devido espaço, engessando as coisas de um modo benéfico para si, não deixando as coisas acontecerem como a comunidade quer, também é um problema de tamanho equivalente. Talvez um dos maiores problemas da IECLB seja não pensar o que temos feito de errado para estarmos enfrentando as crises da nossa instituição, mas sim, o que vamos fazer para manter as coisas do jeito que estão. Nesse aspecto, acredito que o Movimento Encontrão poderia colaborar muito para a IECLB, em contrapartida, as marcas das rixas, polêmicas e rupturas que o movimento traz consigo, desqualificam as propostas que o movimento apresenta. Hoje o Movimento Encontrão está reformulado quanto aos rumos de sua atuação, e essa reformulação demorou a acontecer. Essa reformulação só foi possível com a renovação dos membros da direção do próprio movimento. Eu percebo que o Movimento Encontrão, mesmo com todos os seus problemas e defeitos, consegue trazer algumas propostas mais atuais para a igreja[127].

Conforme visto no item 3.3, os pastores que deram início ao processo de abertura cultural nas comunidades pelotenses têm estreita ligação com o movimento acima explanado. Seria imprudente dizer que os progressos da abertura em Pelotas/RS, teriam alcançado tais proporções sem a influência evangelizadora do movimento. O diálogo do movimento com a necessidade de ampliar as fronteiras étnicas da IECLB se dá, justamente, neste ideal de evangelizar e angariar novos fiéis à Igreja de Jesus Cristo. A proposta do movimento “casou” com as necessidades de reformulação e reavivamento existentes nas comunidades pelotenses.

Por meio de um levantamento recente, observou-se que, dentre os 28 ministros que atuam junto ao Sínodo Sul-Rio-Grandense, 11 identificam-se com o Movimento Encontrão. Cerca de setenta anos depois do seu início, ainda é evidente a força que o movimento possuí. É possível que o maior desafio do movimento atualmente seja superar as antigas polêmicas e tentar promover um diálogo com os demais grupos influentes dentro da IECLB.

Interessante finalizar este item colocando em jogo de escala o próprio Movimento Encontrão, visto que em outros sínodos o referido movimento pode se desenvolver de forma mais plena do que em nosso objeto de pesquisa. Talvez o próprio conservadorismo dessas comunidades em tela tenha servido de freio para esse movimento que buscava reformular a Igreja. Contudo, o Movimento Encontrão possui representatividade em todos os sínodos, visto que os ministros adeptos ao movimento se dividem entre os sínodos existentes. Em conversa informal com Everton Mesquita[128], este afirmou que não há por parte da IECLB ou do próprio Movimento

[127] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 8 de outubro de 2021.
[128] Everton Klug Mesquita atua como pastor na Comunidade Martim Lutero, em Pelotas/RS.

Encontrão uma contagem que permita formular uma porcentagem ou um número preciso de adeptos do movimento, entre os pastores em nível nacional. Porém, nos encontros anuais de obreiros, promovidos pelo próprio movimento, é possível averiguar que o evento conta com a participação média que varia entre 70 e 80 ministros. Como o evento de obreiros não consegue contar com a presença de todos os pastores simpatizantes, logo, o número de pastores identificados com o Movimento Encontrão é maior do que a média supracitada.

3.4 Manutenção e reformulação: descompassos entre os pastores e as comunidades luteranas pelotenses

Neste item busca-se refletir sobre a falta de sintonia entre as propostas desenvolvidas pelos pastores e a aceitação dessas nas comunidades em apreço, visto que esse fator demonstra o que vimos perseguindo na nossa dissertação, dos entraves que o conservadorismo o qual o extremo sul gaúcho apresenta perante propostas de reformulação doutrinária.

Antes da menção honrosa feita no item 3.5, nos resta analisar o parecer dos pastores que atuaram em Pelotas/RS, quanto aos problemas enfrentados no processo de desvinculação entre Evangelho e germanidade. A pergunta que baliza este tópico é a seguinte: “houve algum descompasso entre pastores e membros (pastores que pensavam em uma abertura cultural e comunidades ainda tradicionalmente ‘alemãs’) após a reforma teológica de 1946 e após a feitura do documento de Curitiba em 1970?”

Observemos os testemunhos. Iniciamos o debate com a manifestação de P1:

> Esse processo que começa após a guerra, esse processo de necessidade de uma igreja com identidade brasileira, formando ministros no Brasil e aberta para o povo brasileiro, na teoria já está muito claro ali. Mas nós sabemos que entre a teoria de uma decisão e a aplicação dela na prática, há uma espécie de abismo. Isso nos faz pensar que nós ainda estamos tentando colocar em prática a decisão tomada em 1949 pela Federação Sinodal. São 72 anos passados, e esse modelo de Igreja ainda está em construção[129].

Em termos gerais, essa abertura para os não germânicos ainda não é uma realidade de todas as comunidades, ela ainda é um processo que em algumas

[129] Entrevista concedida em São Lourenço do Sul/RS, em 4 de setembro de 2021.

comunidades acontece e em outras não. Vale destacar que, ainda existe resistência à entrada de não teuto-descendentes na Igreja. Apesar de atualmente esta inclusão ser uma necessidade e uma obviedade para sobrevivência da Igreja, ainda esbarra no peso da história desses indivíduos acostumados, desde longa data, a esta indissociação entre germanidade e religiosidade.

Nota-se cada vez mais esta abertura, até porque as comunidades estão ficando muito reduzidas. Se olharmos para as comunidades da IECLB hoje, ainda veremos nos cadastros de membros uma grande maioria com os nomes e sobrenomes de descendência germânica. Mas mesmo assim, nós temos uma certa abertura. P1 completa seu raciocínio, destacando a importância do diálogo dentro da intimidade da comunidade:

> Em grande parte, isso depende de como o assunto é trabalhado nas comunidades. Existiram e existem ainda pessoas que colocam muito da sua identidade cultural na Igreja, língua, hinos e a própria forma de celebrar. Ao mesmo tempo, nós precisamos respeitar isso, e também não tornar isto um motivo de exclusão. Quando as coisas são colocadas de forma muito drástica, elas facilmente causam rupturas. As rupturas sempre são dolorosas, e Pelotas viveu isso. Nós não podemos desprezar quem valoriza esses temas culturais que estão atrelados à religião, mas não podemos deixar que se tornem motivo de exclusão para quem não tem este mesmo sentimento. É possível fazer isso. Eu noto uma presença muito intensa de pessoas que não tem nenhum tipo de ligação com a cultura germânica. Pessoas de sobrenome Silva, Padilha, Vasconcelos têm aparecido na Igreja, mas não em todas as comunidades da IECLB[130].

Abertura é um processo lento, muito lento, por quê? Dentro de uma perspectiva teológica, a Igreja, no início, tem sua origem muito diversa. Existem os pietistas, que em grande parte deram origem ao Movimento Encontrão, por exemplo. Existem também os prussianos, os extremamente tradicionais. Existem aqueles que estão mais no Espírito Santo, que até hoje cantam a liturgia Bávara. Todos esses hoje são abraçados pela IECLB. Como as pessoas que vieram para o Sul do Brasil eram originárias de diversas regiões da Prússia, cada uma trazia consigo a sua própria forma de ser Igreja, por isso tamanha diversidade na origem da IECLB. Existe uma motivação histórica, e o rompimento demora muito tempo, por isso devemos compreender como um processo. P5 afirma que “obviamente devemos prezar pelo espírito missionário de cativar cada vez mais e mais fiéis, mas é preciso muito cuidado ao fazer isso[131]”.

[130] Entrevista concedida em São Lourenço do Sul/RS, em 4 de setembro de 2021.
[131] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 27 de outubro de 2021.

Um dos principais pontos em que se identificou conflito foi a forma litúrgica da Igreja, quando a Igreja produziu um livro de culto com propostas litúrgicas brasileiras, levando em consideração o contexto brasileiro. O que muitas comunidades fizeram naquele momento foi simplesmente ignorar e manter as liturgias tradicionais, bávaras e prussianas. Isso significa que, apesar de aceitarem, não estavam realmente dispostos a implementar as mudanças propostas pela direção da Igreja. Percebe-se mais uma vez, que há conflito entre a estrutura nacional e as comunidades. Talvez não houve o necessário convencimento destas comunidades em adotar essas mudanças, bem como, interpretar o que estas mudanças significariam para as mesmas. Em alguns casos, segundo as fontes, a adoção dessas mudanças poderia descaracterizar a própria Igreja, em um sentido de perder sua própria estruturação histórica construída desde a chegada dos primeiros imigrantes ao Brasil. Percebe-se, portanto, a necessidade de que a Direção da Igreja esteja sempre um passo à frente, pois senão nada sai do lugar, precisa estar constantemente insistindo nas mudanças.

Qualquer tipo de mudança proposta pela IECLB, ao nível das comunidades, jamais deve ser interpretada como uma imposição. Esta interpretação tem respaldo nas fontes. Conforme afirma P5:

> Eu não percebo que é um forçar, eu percebo que é uma proposição, é um processo que precisa acontecer através de proposições, de certa insistência. O Evangelho é insistente, Jesus Cristo é insistente, o fazer teológico precisa ser insistente. Eu não vejo que o fazer teológico esqueceu suas raízes, até porque o que se lê na faculdade de teologia é em grande parte literatura europeia traduzida, até acho que se lê pouco de teólogos brasileiros. Os nossos fundamentos teológicos, os nossos grandes autores ainda são europeus. Há movimentos que realmente forçam as coisas, mas não percebo isso como regra, mas sim como a exceção. Não creio que a teologia tenha esquecido de suas raízes, pelo menos não da forma como eu a experimentei. Com certeza há um conflito de interesses, comunidades que querem mudar e o pastor segura, comunidades em que o pastor quer mudar e a comunidade não deixa. Nisto tudo, a Igreja nacional sempre tentando mandar o material e introduzir algo cada vez mais brasileiro[132].

Quando pensamos em Pelotas/RS à época do Manifesto de Curitiba (1970), falamos de comunidades já octogenárias. Por meio deste estudo, pudemos ver que já naquele contexto percebiam-se sinais de fraqueza na manutenção da germanidade. Atualmente, 50 anos depois, temos o seguinte panorama:

> Os membros que compõe as famílias tradicionais, em sua maioria de origem europeia, possivelmente, vão diminuir ainda mais. Quem manteve o vínculo por mera tradição, talvez não se veja mais na obrigação de manter o vínculo,

[132] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 27 de outubro de 2021.

> porque os avós e/ou bisavós sempre foram evangélico-luteranos. E quem estava vinculado com aquele saudosismo alemão de *"Wir Deutschen müssen zusammen halten"* (nós, alemães, temos que ficar juntos)*,* terá ainda menos motivos, já que espaços com atividades em língua alemã existem cada vez menos. E os que sustentam orgulhosos sua origem germânica, por questões de superioridade racial vão ver que a Alemanha, felizmente, virou um exemplo, ao combater uma extrema-direita, em muitas questões intolerante e contrários à vacinação, presença de estrangeiros e preservação do meio-ambiente. Lamentavelmente no Brasil falas e ações de extrema-direita são aplaudidas e encontram eco em povos que nos séculos XIX e XX também foram estrangeiros em nosso Brasil[133].

Um dado relevante na pesquisa é que os pastores não mencionaram de forma incisiva os desafios e os dissabores dessa implementação, visto que nas fontes fica evidente esta tenção. Desta forma, interpretamos que os mesmos não quiseram adentrar nessa seara nebulosa, pois assim questionariam sua própria capacidade de trabalho dentro da comunidade. Seria como admitir que não conseguiram cumprir seus objetivos.

Clara é a manifestação de respeito e devoção ao Evangelho, aos valores morais e à própria IECLB como um todo. Percebemos também, nas respostas formuladas, a convicção de que são fundamentais as balizas traçadas pelo Manifesto de Curitiba, dentro do trabalho em comunidade.

> Certamente houve este descompasso e, dependendo dos temas tratados pela Presidência/Conselho/Concílio da Igreja, sempre haverá descompasso. Se, por um lado, é necessário levar em conta a caminhada da Igreja como um todo, respeitando a diversidade, a Igreja não pode, em prejuízo ao testemunho do Evangelho, ficar refém de posicionamentos que ferem o Evangelho e a confessionalidade luterana. Por vezes a Igreja emite posicionamentos bíblico-teológicos que seus membros ainda nem tomaram conhecimento e, muito menos, refletiram.
> Este é o caso da Igreja pós-guerra, e é o caso também em relação ao Manifesto de Curitiba, elaborado por ocasião do Concílio da Igreja em 26 de outubro de 1970. Trata-se de um "Manifesto" à altura dos acontecimentos daquela época. Ditaduras, não somente na história do Brasil, mas no mundo inteiro, vivem e sobrevivem de "fake news". Foi o caso da ditadura militar, implantada em 1964. Percebeu-se que a mesma se mantinha, censurando a imprensa e impedindo que os fatos fossem relatados ouvindo as duas partes, não somente a versão dos vencedores e/ou daqueles no poder pelo uso da força, obrigando os outros, os derrotados, ao silêncio.
> A Igreja foi corajosa, ao se manifestar oficialmente e o fez, conforme se lê, num conteúdo elaborado com profundidade e responsabilidade. Possivelmente membros e também lideranças da Igreja não quisessem que a Igreja levasse um documento com tal conteúdo ao Presidente da República. Ao elaborar suas teses e tarefas advindas para os fiéis de toda a IECLB, cabe citar a 1ª. tese, onde se diz: "A mensagem da Igreja sempre é dirigida ao homem como um todo, não só à sua 'alma'. Por isso, ela terá consequências e implicações em toda a esfera de sua vivência – inclusive física, cultural, social, econômica e política. Não tenderá apenas a regular as relações entre

[133] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 1º de dezembro de 2021.

> cristãos, mas visará igualmente ao diálogo com outros cidadãos ou agrupamentos, sobre todas as questões relacionadas com o bem-comum."
> Repito, sempre houve este descompasso entre pastores e membros. Quero continuar crendo na força renovadora e transformadora do Espírito Santo de Deus. Muitos membros, inclusive ministros e ministras, se refletissem com humildade e honestidade as consequências práticas do Evangelho em que se lê: "Jesus Cristo diz: Eu vim para que as ovelhas tenham vida, a vida completa." (João 10, 10b), certamente seriam mais críticos em relação a governantes que tem a tarefa de zelar pela vida e o bem-estar de todo o seu povo.
> A Igreja necessita prestar contas do Evangelho e, repito, é devedora do testemunho do Evangelho, porém, respeitando as raízes de diferentes etnias. Uma Igreja comprometida com o anúncio do Cristo, histórico e ressurreto, zelará pela diversidade, mas sem comprometer o testemunho, vida, morte e ressurreição de nosso Senhor Jesus Cristo.

Há comunidades que, nos últimos 40 ou 50 anos construíram uma história diferente. São comunidades que deram vez e voz a membros vindos de outras vivências de fé e experiências religiosas. Se estes membros de fato receberam e acolheram os fundamentos de uma fé evangélico-luterana, a estratégia foi eficaz e poderá vingar em uma vivência da fé luterana nova e promissora. E serão de fato novas e promissoras se não ficarem presos a líderes que zelam mais por manter linhas teológicas exclusivas e que não ajudam a unir a Igreja como um todo. Complementa P11:

> Eu, porém, confesso que me alegro com ministros, lideranças e membros que, independente de teologias com acentos no "Encontrão", "MEUC", "Liberal" ou "Sócio-políticos", extrema direita e/ou extrema esquerda, não se deixam cooptar por estes ou aqueles, mas se alegram com a liberdade de ser uma pessoa cristã evangélico-luterana. Estas pessoas sempre encontrarão um espaço para vivenciar sua fé em algum setor da vida comunitária cristã. E se, por algum motivo as portas da comunidade se fecharem, temporariamente, devido a lideranças e ministros/as que não têm olhos abertos para dar vez e voz à diversidade, certamente estas pessoas que forem impedidas, encontrarão e saberão participar de setores organizados na sociedade civil, onde continuarão dando seu testemunho de fé de uma forma eloquente e contextualizada, mas não menos comprometido com a fé cristã.
> Estas pessoas, movidas pelas misericórdias de Deus, certamente apoiarão e entenderão os sinais claros e inequívocos que necessitarão ser dados no tempo certo, para que a Igreja não traia o Evangelho que diz proclamar. Este Evangelho será sempre inclusivo, ou seja, para todos os povos e raças no país. Assim a Igreja o fez após a Segunda Guerra Mundial e repetiu 25 anos depois no Manifesto de Curitiba. Independentemente de quem são as autoridades, conservadores ou progressistas, direita ou esquerda, a Igreja não poderá calar e, para não desagradar os poderosos, e parar de falar do céu que é um lindo lugar. Sem dúvida é nossa esperança, mas comprometidos com novos céus e nova terra, este céu e nova terra começa, aqui e agora, cuidando uns dos outros e de tudo aquilo que o Deus Criador e Salvador confiou aos seres humanos[134].

[134] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 1º de dezembro de 2021.

Um ponto que não foi trabalhado de forma devidamente suficiente em Pelotas/RS é, sem dúvida, a barreira entre zona urbana e zona rural. Ocorre, ainda, na cidade uma constante migração do interior para a zona urbanizada. O crescimento pelotense nas zonas periféricas é algo que chama a atenção, até mesmo aos visitantes. P1 exemplifica este processo:

> No papel é uma coisa e na realidade sempre é outra. Tudo acontece na Igreja de modo muito lento, e também durante todo o regime militar a maioria das comunidades quase todas a favor do regime, muito conservadoras. Também depois de 1985 segue a resistência a uma abertura maior, e a Igreja fala em missão suburbana, nem é urbana porque aí nós estávamos em pleno êxodo rural. Quem vem do campo não vai para o centro da cidade, mas se acomoda na periferia.
> Eles não entram na cidade, eles têm medo da pólis. A cidade é como muito para eles, então eles ficam na periferia tentando conviver de maneira que se possa tirar alguma vantagem, algum proveito, muito tímidos. Isso a Igreja viu logo, que o nosso o povo estava indo para periferia, e não estava se ligando, se filiando à comunidade que estava no centro, a Igreja não estava na periferia, ela sempre esteve no centro. Quem estava no centro era a burguesia, e quem vinha para cidade era o plebeu, o colono. Essa ponte entre centro e periferia nunca aconteceu, até hoje. A igreja tentou ir para periferia, até tinha programas missionários, mas não funcionou, porque nós não sabemos trabalhar com a periferia, a nossa índole não é periferia, a nossa índole sempre foi o autoprotecionismo para sobreviver. Por isso a igreja está decrescendo. Eu vejo a igreja em uma encruzilhada, aumentaram-se as tarefas e diminuíram-se os membros. A IECLB não consegue ser uma igreja missionária porque não está no DNA dela. Ela não sabe trabalhar com aqueles que não são do seu círculo. Essas pessoas são outro sangue, outra cabeça e outra mentalidade. Isso está na nossa história, nós sempre fomos uma igreja de seletos, da elite[135].

Há quem contrarie esta afirmação, no entanto, ela é assertiva em dizer que a Igreja Luterana tem dificuldades no tocante à missão. Como discutido no item 2.1, faz parte da identidade teuto ser avesso a grandes mudanças. Os teuto-descendentes oriundos do interior que agora habitam nas periferias pelotenses não são assimilados pela comunidade luterana urbana, e vice-versa. Existem exceções, como é o caso do ponto de pregação Bom Pastor, da Comunidade Evangélica Martim Lutero, que já trouxe grandes contribuições. Isto não significa, porém, que o ponto de pregação corresse risco de encerrar suas atividades, em inúmeras ocasiões.

Mesmo no Movimento Encontrão, onde há acentuação no viés evangelístico, também vemos problemas nesse sentido. Assim demonstra P11:

> Não podemos esquecer que membros de comunidades luteranas independentes, que migraram da área rural para a área urbana, e não se identificando com o jeito de fazer culto luterano da IECLB na cidade, por ser comunidade identificada com o ME, levaram estes membros a se unirem e

[135] Entrevista concedida em São Lourenço do Sul/RS, em 4 de setembro de 2021.

> fundarem uma comunidade luterana independente, já que a comunidade da IECLB, identificada com o ME, não abriria mão de sua nova forma de celebrar culto.
> Atualmente, embora que todas as tendências existentes sigam as diretrizes da IECLB ao elegerem seus/suas ministros/as, não podemos ignorar que há comunidades e paróquias, em que somente são aprovados candidatos/as, se os mesmos estão identificados/as com o ME ou simpáticos à sua causa.

P11 reflete sobre a importância de uma iniciativa pastoral, em um esforço por acolhimento dentro das comunidades. Observa que:

> Infelizmente, no dia a dia, da vida comunitária ministros/as e lideranças não atuam na preparação de membros para superar entraves que ainda existem em relação a pessoas de diferentes origens, seja racial ou religiosa. Preferimos um "curso" de profissão de fé, onde até acolhemos o novo membro, mas também o cobramos. Não seria mais fraterno e até fruto da liberdade cristã, que novos membros fossem simplesmente acolhidos e após participarem e sentirem como atuam os vários setores, tivessem, eles mesmos a liberdade de decidir: "Aqui quero participar e ser membro", "aqui me sinto em casa"[136].

O acolher dentro da Igreja também é palco de disputas e tensões, a história da IECLB, desde o fim da Segunda Guerra Mundial até agora tem nos demonstrado isso. Algo que é observado com preocupação pela IECLB é o fato de que, lamentavelmente, em prejuízo ao Evangelho de Cristo, para agradar os fiéis, ministros e ministras da Igreja, muitas vezes incentivados ou até constrangidos pelos presbíteros/as, assumem compromissos com tradições e culturas locais. A Igreja não tem, em primeiro lugar, a tarefa de fomentar tradições. Isso não significa, de maneira alguma, negar sua participação em eventos de sociedades e grupos de diferentes tradições culturais, que convivem na localidade onde ela se insere. Isto, para a própria IECLB, seria uma falta de sensibilidade, com expressões de vida de determinados povos (sua raça, língua e expressão cultural).

No quarto capítulo desta dissertação serão abordados dilemas atuais da Igreja, a fim de demonstrar que a Igreja está constantemente em processo de ressignificação. Antes disso, no entanto, necessitamos historiar a cerca de uma figura relevante dentro do cenário religioso pelotense, visto que seu empenho através do prisma educacional colaborou na transformação de alguns setores da Igreja em apreço.

[136] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 1º de dezembro de 2021.

3.5 Alfredo Simon: pastor e educador

Alfredo Simon está em evidência nesta dissertação, visto que sua atuação é constantemente relembrada como sinônimo de engajamento pela transformação da Igreja. Ele é seguidamente referenciado por nossas fontes, pois, serve também de inspiração.

Estamos acostumados a escutar por aí diversas frases inspiradoras como “A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para mudar o mundo[137]” e, também, “A educação abre portas na mente que jamais serão fechadas”[138]. Na década de 1950, pensar nos benefícios da educação para o Brasil já era uma realidade para Alfredo Simon.

Alfredo Simon nasceu em 22 de maio de 1904, na aldeia de Schee, Hattingen na Westfália, na Alemanha. Era filho de Georg Simon e Emma Simon. Alfredo tinha ainda um irmão chamado Helmut e uma irmã chamada Fritche[139]. Cursou ainda na Westfália o Ginásio de Humanística. De 27 de abril de 1922 a 19 de março de 1925, estudou no Seminário de Diáspora em Stettin/Witten, após frequentar a Escola Teológica de Bethel. Realizou sua ordenação ao ministério pastoral em 26 de maio de 1926, já no Rio Grande do Sul, na cidade de São Leopoldo.

O reverendo casou-se em 15 de janeiro de 1930 com Hertha Höhnk. Hertha era natural da Alemanha, e quando conheceu Alfredo, trabalhava como enfermeira no Hospital Moinhos de Vento em Porto Alegre/RS. Desde casamento nasceram quatro filhos: Gustavo Adolfo, Ingeburg, Christa e Martin.

[137] Trecho de um discurso do líder sul-africano Nelson Mandela.
[138] Mayara Benatti.
[139] Há dúvidas quanto à grafia deste nome.

Figura 12 – Reverendo Alfredo Simon
Fonte: Maahs (2014, p. 19), disponível no acervo da Comunidade Martim Lutero.

Simon, como era referido, trabalhou em Pelotas/RS, na Comunidade Evangélica São João, onde residia com sua família, de novembro de 1926 até sua prisão civil (após o quebra-quebra[140]) em setembro de 1942. Um dos filhos de Alfredo Simon conta como foi este momento para a família:

> Eu tinha na época 1 ou 2 anos, e morávamos na igreja São João. Ali na São João, atrás da casa, existia um tapume de madeira que ia até a rua XV de Novembro. Meu pai estava viajando, mas não me recordo para qual local, e a mãe estava sozinha em casa comigo e minha irmã mais nova. Quando deu o quebra-quebra, eles batiam o sino, pois tinham intenção de saqueá-lo. Além disso, atearam fogo nas coisas. A mãe me passou por cima do muro, para uma pessoa das Três Vendas que tinha vindo nos prestar socorro. Alguns meses moramos nas Três Vendas. Muitos anos eu sonhei com o barulho dos sinos tocando e do fogo queimando[141].

Apesar de constituir uma fonte secundária, esse depoimento é importante à medida que lança uma visão panorâmica sobre a vivência desse importante pastor.

[140] O quebra-quebra foi um ato de perseguição contra os teuto-descendentes ocorrido em Pelotas/RS no mês de agosto, do ano de 1942. As violências realizadas por populares tinham por objetivo, depredar casas, igrejas e comércios, cujos donos eram acusados de quintas-colunas.
[141] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 28 de agosto de 2021.

Simon voltou a atuar no pastorado em 15 de junho de 1955 até 1º de julho de 1967, quando se aposentou. Após a aposentadoria, residiu em Estrela/RS, onde faleceu em 18 de novembro de 1973.

Lindolfo Weingärtner, que exercia suas atividades em São Lourenço do Sul/RS, foi designado para substituir Alfredo Simon eventualmente, depois de sua prisão. Em conversas informais com o senhor Humberto Sell, este afirma que Weingärtner contava o quanto foi difícil abrir as portas do diálogo entre ele, então com apenas dezenove anos, e as famílias assustadas e confundidas pelas loucuras vivenciadas em agosto de 1942. Weingärtner comentou também sobre a importância da diretoria da comunidade e do advogado Sr. Saft, nesse processo de aproximação.

Enquanto Weingärtner esteve em Pelotas/RS, hospedava-se no Hotel Tessmann, onde organizava seus serviços, a saber: batismos e demais cerimonias que eram feitas de forma secreta em casas particulares, pois conforme afirma Humberto Sell, "bastava passar perto da Igreja que já se ouviam gritos de 'quinta-coluna'".

Paulo Freire, célebre pedagogo brasileiro, afirma que seria "uma atitude ingênua esperar que as classes dominantes desenvolvessem uma forma de educação que proporcionasse às classes dominadas perceber as injustiças sociais de maneira crítica" (FREIRE, 1984, p. 89). Então o que pensar dos colonos pelotenses, que em grande maioria, não haviam cursado mais do que a terceira série do ensino fundamental. Conforme explica P1:

> O que Simon queria? Simon pensava em primeiro lugar na plebe, ele pensava nos filhos dos colonos. Nós precisamos dar um futuro para essa gente, que são nossa gente. O colono brasileiro manda os filhos para escola para aprender três coisas básicas, ler, escrever e calcular juros, e depois volta para casa para trabalhar. Calcular juros era importante, pois iria emprestar dinheiro e pegar dinheiro emprestado. Normalmente as crianças dos nossos agricultores ficavam cerca de 3 anos na escola apenas. Com 10 ou 12 anos, as crianças deveriam trabalhar parelho como se fossem adultas, o que resultava em jovens de 20 anos virados em trapo. O Simon queria que essa gente tivesse a oportunidade de uma formação, por isso sua preocupação com a educação[142].

O filho mais novo é enfático ao dizer que:

> O foco do trabalho do meu pai foi a educação e a evangelização. Ele era aquilo que a Igreja dizia que deveria ser. Um exemplo claro de que meu pai era aquilo que a igreja gostaria que ele fosse é que, nas sextas-feiras, eu precisava corrigir as pregações que ele faria nos cultos do final de semana,

[142] Entrevista concedida em São Lourenço do Sul/RS, em 4 de setembro de 2021.

> porque ele tinha grande dificuldade com o português. Mesmo sendo alemão, falando o alemão e atuando em comunidades onde quase 100% das pessoas eram teuto-descendentes, ele fazia questão de usar o português, assim como a igreja havia solicitado[143].

Quando perguntado sobre a prisão de seu pai e a situação da família nesse momento, respondeu:

> Meu pai era mais por uma igreja tradicional. Ele foi, por muito tempo, representante da região sul nas reuniões do Sínodo Rio-Grandense.
> Ele nunca foi nazista, embora haja comentários maldosos a respeito desta ligação entre o meu pai e esta ideologia. Eu nunca ouvi meu pai expressar uma opinião política, mas a acusação que justificava a sua prisão, segundo o governo brasileiro, foi a suspeita de quinta-coluna. Depois minha mãe foi para São Leopoldo e meu pai foi preso em Daltro Filho.
> Ele chegou a ser torturado enquanto estava lá, eles tentavam forçá-lo a confessar algo. Tenho plena certeza ao afirmar que não passava pela sua cabeça participar de qualquer tipo de grupo ou facção, ou até mesmo, de se vincular ao partido nazista. Ele sempre foi muito íntegro e correto.
> Enquanto meu pai esteve preso, a própria Igreja deu apoio, ela proveu a ajuda que nós precisávamos. A Igreja fez a sua parte para que ele fosse solto de Daltro Filho.
> Depois de ser solto, foi enviado para Panambi/RS, assumindo uma comunidade lá.

Sobre o Alfredo Simon pai, o filho conclui:

> Tive muito pouco contato com meu pai, minha mãe nos criou, ela fazia de tudo. Meu pai atendia 12, 13 comunidades, e percorria todo o caminho entre elas a cavalo. Meu pai era muito rígido, mas foi preciso ser, reconheço isso.
> Alfredo Simon era uma figura imponente, que transmita muito respeito. Ele não era ditador ou então carrasco, mas por sua própria figura impunha muito respeito. No entanto, em quanto pai, Alfredo era pavio curto. Lembro-me de uma vez que o acompanhei na ida a uma das comunidades que ele atendia. Fiquei brincando na casa de um amigo, enquanto ele resolvia assuntos da Igreja. Combinamos que eu o esperaria às 17h para o retorno para casa. Eu e meu amigo fomos pescar em um riacho e não vimos a hora passar. Naquele dia tive que voltar para casa caminhando, pois ele não esperou por mim.
> Meu pai fumava muito, acendia um cigarro no outro, isso lhe trouxe problemas de saúde. Morreu cedo. Embora tendo suas peculiaridades, admiro muito meu pai. Pela admiração que tenho pelo trabalho feito por ele, sugeri que o colégio recebesse o nome dele, o que de pronto foi aceito. Mais tarde, a rua onde a escola se localiza também recebeu seu nome[144].

Na localidade de Morro Redondo/RS, Alfredo Simon tinha relações com a liderança local. Lá Simon foi fundador do Centro de Treinamento Agro Pecuário (CETAP), localizado na Rua dos Pinos, nº 2. Esse centro, ainda em atividade, promove encontros, oficinas e palestras. Presta assistência aos moradores da localidade em diversos sentidos.

---

[143] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 28 de agosto de 2021.
[144] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 28 de agosto de 2021.

Simon insistiu na presença da Igreja dentro da vida comunitária, seja no meio urbano ou no meio rural. Como registro da atuação de Simon em Pelotas/RS, um texto publicado em 1971 por Martin Simon é importantíssimo. Ele descreve o esforço e o engajado do pai na criação e construção da escola, explanando, também, sobre os progressos que, à época da feitura do texto, já haviam sido conquistados:

> Em 1960, após residir em Pelotas desde 1955, lançou, o Rev. Pastor Alfredo Simon, a ideia da construção de um ginásio.
> Durante três anos trabalhou com afinco nesta e para esta meta, sendo que, em 1963 realizou sua aspiração, isto é, o Ginásio Agrícola Três Vendas. Iniciou com suas atividades no salão transformado para a finalidade escolar, situado ao lado da Igreja Martin Lutero, de Três Vendas, e pertencente à comunidade.
> Logo em seguida, ou seja, no ano seguinte, seu nome passou para Ginásio Vocacional Três Vendas, por sugestão do Conselho Estadual de Educação. Como não lhe fosse possível manter personalidade jurídica própria, funcionou, desde o início, conjuntamente com a Sociedade Educacional de Pelotas, que é a mantenedora do ginásio.
> Em 1966, sentindo que, com as quatro turmas que já então frequentavam o ginásio não poderia aspirar maior número de alunos no local exíguo em que funcionava, dirigiu-se, pela primeira vez, à Federação Mundial Luterana. No mesmo ano, havendo viajado à Alemanha, através de contatos pessoais, igualmente tentou conseguir auxílios para a construção. Antes, porém, de sua ida à Alemanha, havia obtido a doação de três hectares próximos à cidade, e local ideal de fixação de um educandário, pois que dista apenas 7 km do centro da cidade. Ainda naquele ano, devido a sua enfermidade, voltando da Alemanha, aposentou-se o Rev. P. Simon, deixando, contudo, alicerçado o que pretendera, ou melhor, funcionando perfeitamente o Ginásio Vocacional Três Vendas.
> Foi o Rev. P. Simon, desde a fundação até a sua aposentadoria, presidente da Sociedade Educacional de Pelotas. Durante sua gestão, foram diretores do Ginásio, respectivamente: Dr. Detlev Walter Schultze e Dr. Raymundo Arraldi, que permaneceu no cargo até dezembro de 1967, quando então se licenciou do cargo. Assumiu, então, o posto de diretor, onde permanece até hoje, o Dr. Martin Simon.
> Em 1969, foi eleito novo Presidente da Sociedade Educacional de Pelotas, após ampla reformulação estatuária, pela qual as comunidades de Pelotas, Três Vendas e Santa Terezinha ficaram sendo a Assembleia Geral.
> No período de 1967 e 1968, na disposição dos seus estatutos, ocupou o cargo de presidente o Rev. P. Adelário Müller, como pastor da comunidade de Pelotas.
> A partir de 1969, com a reformulação estatuária já referida, foi eleito o Dr. Geraldo Treptow como presidente, estando a atual diretoria assim composta: Prof. Anibaldo Fiegenbaum – Vice-Presidente, Dr. Detlev Walter Schultze – Secretário e Prof. Hilbert Schaunn como 2º Secretário, Walter Pommerening – Tesoureiro e Erwin Tessmann, 2º Tesoureiro.
> Eleita e empossada a nova diretoria, esta, de imediato, ratificou como diretor o Dr. Martin Simon, que tem, como vice-diretor o Prof. Ruy Carlos Miritz.
> A Diretoria, unificada com a direção do ginásio, procurou dar maior incremento à expansão, ou seja, à construção e ampliação. Novos contatos e novo projeto foi elaborado. Em fins de 1969 foi o mesmo aprovado, iniciando-se, contudo, com a construção propriamente dita somente em fevereiro de 1970.
> No entanto, em 20 de setembro do ano passado, presentes todas as altas autoridades do município, além de deputados federais e estaduais, representante do Governador e com a presença marcante do Dr. Ingo

> Sudhaus, Prof. Wilmar Keller, Rev. P. Kunert e Rev. Pastor K. Meirose, orador oficial na ocasião, e o P. Kunert oficiante do culto de inauguração às novas dependências do Ginásio Vocacional Três Vendas.
> Na mesma oportunidade, através de palavra oficial do Diretor, Prof. Martin Simon, por resolução já aprovada anteriormente em Assembleia Geral da Sociedade Educacional de Pelotas e também no Concílio da Região Sul, foi lançado o novo nome que deverá o atual Ginásio tomar brevemente: Colégio Vocacional Rev. P. Simon.
> Os professores, componentes do corpo docente, são todos licenciados pela Faculdade de Filosofia da Universidade Católica de Pelotas, portanto, em perfeitas condições de ministrar ensinamentos a seus alunos.
> O currículo do ginásio, além de matérias comuns a todos ginásios, conte: alemão, artes industriais, educação para o lar, educação econômica, técnicas agrícolas e técnicas comerciais.
> Há quatro pavilhões, sendo sua destinação: um para administração (direção, secretaria, arquivo, tesouraria, sala de professores), um para oficina, dois para salas de aula e biblioteca. O projeto total prevê ainda: um pavilhão para oficina, um para auditório, além de mais dois para internato. Há, ainda, canchas de esporte (vôlei, basquete, futebol de salão) e, ainda, há espaço suficiente para dois campos de futebol.
> Possui, o ginásio, um pouco mais afastado, mais 13 ha de terras que se destinam especificamente às Técnicas Agrícolas, situadas no local denominado Tablada, distante uns 4 km do Bairro Lindóia, onde se localizam as atuais dependências do Ginásio.
> Pretende-se, em futuro próximo, e para isso já foi encaminhado pedido ao Ministério de Educação e Cultura, equipar convenientemente as oficinas, para um perfeito aprendizado das disciplinas técnicas. Contudo, a meta maior, ou seja, o verdadeiro objetivo do atual ginásio é a mão de obra especializada, isto é, dar ao aluno formado condições de conseguir colocação garantida junto a uma das indústrias locais, ou mesmo de outras localidades.
> O primeiro passo para tanto foi uma consulta dirigida à Associação Comercial e ao Centro das Indústrias local, que apresentaram várias sugestões de cursos que se poderiam realizar. Em função destas e em contatos mantidos com a Diretoria Industrial do Ministério da Educação e Cultura é que se pretende dirigir a escola ao futuro e em função do progresso, uma escola dinâmica e capaz de resolver os problemas com que se debate nossa cidade e, principalmente, nossa região e, sobretudo, nosso interior.

Em tempo, um aspecto interessante sobre Simon, é que foi inspiração e grande incentivador de vários estudantes de teologia que de Pelotas/RS são oriundos. Um destes, inclusive, faz parte do apanágio de fontes orais desta dissertação.

Não podemos mencionar a educação pelotense sem pensarmos no Reverendo Alfredo Simon. A obra de Simon é uma marca dentro do luteranismo pelotense, e se estende também, como exemplo para a confessionalidade luterana, democrática e aberta como um todo. Simon pregava a cidadania aos teuto-descendentes por meio da educação, algo que pode ser justificado quando observamos sua formação, que o direcionava a uma atuação em prol dos alemães que viviam fora da Alemanha, o que foi capaz de dialogar com as comunidades estabelecidas no Sul do Brasil.

Finalizando este capítulo, destacamos que a reflexão mais norteadora do mesmo consiste em apontar os dilemas enfrentados tanto por comunidades quanto

por pastores, ao tentar mudanças de rumos dentro do perfil institucional, no que tange aos aspectos sensíveis da doutrina luterana.

4 Resquícios de fé luterana: novos rumos e perspectivas futuras

No presente capítulo, apresenta-se ao leitor um breve panorama dos atuais problemas enfrentados pela IECLB. Objetiva-se demonstrar que os dilemas que a IECLB tem enfrentado chegam ao ponto de causarem mais preocupação do que aqueles enfrentados no século passado.

Como vimos até aqui, pertence à história da comunidade luterana pelotense, gaúcha e brasileira, enfrentar diversas provações durante sua caminhada de fé. Se na segunda metade do século XX, o grande dilema da Igreja era ceder apenas a uma pluralidade étnica, hoje ela encontra-se no desafio de ceder a uma diversidade complexa.

Atualmente, a IECLB é uma Igreja que tende cada vez mais a diminuir. No início dos anos 1970, o censo aponta a presença de 1 milhão e 500 mil luteranos no Brasil. Estima-se que, cinquenta anos depois, este número tenha caído pela metade. Talvez por ser uma igreja muito apegada à sua constituição formadora, vinculada à germanidade e à religiosidade, demonstra-se ainda pouco inclusiva. Aspecto mais acentuado no extremo sul do Brasil.

É também alarmante, quando se vê, ao início de 2020, apenas oito novos estudantes de teologia, divididos entre os três centros de formação em teologia no Brasil, a saber: a Escola Superior de Teologia (EST), a Faculdade Luterana de Teologia (FLT) e a Faculdade de Teologia Evangélica (FATEV). Conforme P2:

> A IECLB, sob minha ótica, é uma Igreja que está em crise. Em crise de identidade, em crise teológica, metodológica, onde os seus dirigentes, pessoas amáveis, mas ainda às vezes se deixando determinar muito por aquela Igreja do passado. Obviamente não dizem isso, mas agem assim, talvez até de forma inconsciente. Cito um exemplo, nos anos 1970, nossos dados estatísticos diziam que nós éramos 1 milhão e meio de luteranos no Brasil, éramos a maior Igreja não católica no Brasil. Oficialmente, hoje os luteranos não passam de 600 mil pessoas. Nós não sabíamos e nem sabemos como ser Igreja. Estou muito apreensivo, estou muito preocupado[145].

Um primeiro aspecto a ser observado são as constantes dificuldades financeiras vivenciadas pelas comunidades da IECLB. Se as comunidades não vão bem, a instituição IECLB não vai bem. As comunidades sustentam a IECLB. As

[145] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 23 de setembro de 2021.

dificuldades financeiras, em grande parte, estão ligadas à baixa no número de membros participantes. Como dito anteriormente, conforme diminuem os luteranos, diminui o número de dizimistas e contribuintes, principal fonte de renda das comunidades.

Neste aspecto, outro fator determinante foi a pandemia, que por pelo menos meio ano, impediu a realização de eventos e festividades que geravam recursos para estas comunidades. Isso observa-se ainda mais nas comunidades do interior, onde, muitas vezes, a festa de aniversário da comunidade é a única fonte de verba para o sustento comunitário.

Durante a pandemia, as comunidades buscaram reinventar-se, a fim de não cessarem completamente suas atividades. Os cultos foram e são transmitidos através de transmissões ao vivo nas redes sociais, as ofertas podem agora ser feitas por PIX, além de transferências e depósitos bancários. De modo geral, houve boa aceitação destes novos métodos, embora estejam sujeitos a diversas críticas.

Cabe citar também a imagem desgastada de Igreja que hoje temos no Brasil. A Igreja Luterana é colocada no mesmo nível das igrejas de cunho pentecostal, aspecto que é complicado, conforme observamos neste estudo, pois a Igreja Luterana demostra em sua própria trajetória mais aspectos de conservação do que de abertura. Estas igrejas pentecostais que pregam a teologia da prosperidade[146] estão cheias de pastores ricos e membros miseráveis. Aproveitando-se da boa vontade dos brasileiros, exploram, envergonham e fazem de seus púlpitos, palanques políticos. A IECLB em nada se assemelha a essas denominações, mas constantemente precisa desvencilhar-se da imagem dessa coletividade onde é seguidamente inserida.

É digno de nota, que as fontes destacam o que eles indicam como “fraqueza confessional”, que a IECLB vivencia atualmente. Uma valorização entre os depoentes, que talvez explique um pouco a ideia atual de “fraqueza confessional”, é o fato de que no tempo em que, na Igreja, se relacionavam de forma estreita Evangelho e germanidade, havia constantes questionamentos do tipo “quem somos? e no que cremos?”.

[146] Teologia da prosperidade é uma doutrina religiosa cristã que defende que a bênção financeira é o desejo de Deus para os cristãos e que a fé, o discurso positivo e as doações para os ministérios cristãos irão sempre aumentar a riqueza material do fiel.

Nos últimos anos, inúmeros são os esforços para que a IECLB tenha, entre outras coisas, uma legislação interna, estatutos, regras, normas etc. Os documentos basilares para a crença luterana são, além da Bíblia, o Credo Apostólico, o Credo Niceno-Constantinopolitano e o Credo Atanasiano. Também compõem este apanágio de doutrina a Confissão de Augsburgo e o Catecismo Menor de Martinho Lutero. No artigo 7 da Confissão de Augsburgo, lemos:

> Ensina-se também que sempre haverá e permanecerá uma única santa Igreja cristã, que é a congregação[24] de todos os crentes, entre os quais o Evangelho é pregado puramente e os santos sacramentos são administrados de acordo com o Evangelho. Porque para a verdadeira unidade da Igreja cristã é suficiente que o Evangelho seja pregado unanimemente de acordo com a reta compreensão dele e os sacramentos sejam administrados em conformidade com a palavra de Deus. E para a verdadeira unidade da Igreja cristã não é necessário que em toda a parte se observem cerimônias uniformes instituídas pelos homens. É como diz Paulo em Efésios 4: "Há somente um corpo e um Espírito, como também fostes chamados numa só esperança da vossa vocação; há um só Senhor, uma só fé, um só batismo"[147].

Há muito pouco disso na Igreja hoje. As fontes permitem dizer que se vivencia um abandono de certas tradições que carregam em si a essência da Igreja. Há comunidades que, por exemplo, não fazem mais o uso do Credo Apostólico em suas cerimonias oficiais. Ao refletir sobre esta situação, P1 afirma: "penso que certas coisas são feitas com leviandade, como por exemplo, a Santa Ceia. Ela não é suficientemente refletida. A fórmula está dada, e sem essa fórmula ela não é sacramento"[148]. P1 acrescenta, evidenciando divergências quanto ao ensino teológico brasileiro, que:

> A Faculdade Luterana de Teologia está muito à frente da EST teologicamente. A FLT é muito mais aprofundada teologicamente, só não confessionalmente. FLT deixa desejar na sua confessionalidade, no seu luteranismo. A EST se modernizou demais, para sobreviver ela precisou abrir muito. E talvez um dos erros ou prejuízos tenha sido tornar a EST reconhecida pelo MEC, precisando seguir a cartilha do MEC. A nossa doutrina se esvaziou. Acho inclusive que, o estágio final de 18 meses deveria ser além de prático, formativo[149].

Importante reflexão, que segue uma linha de explicação do esvaziamento das igrejas motivado por questões doutrinárias, o que de certa forma questiona a necessidade de transformação dos diversos segmentos da Igreja, como por exemplo,

---

[147] Confissão de Augsburgo. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/textos/a-confissao-de-augsburgo. Acesso em: 21 dez. 2021.
[148] Entrevista concedida em São Lourenço do Sul/RS, em 4 de setembro de 2021.
[149] Entrevista concedida em São Lourenço do Sul/RS, em 4 de setembro de 2021.

do Movimento Encontrão. Embora sejam muitos os exemplos que demonstrem esse esvaziamento confessional, também há aqueles que demonstram fidelidade à IECLB e sua doutrina, como evidencia P5, ao afirmar: “minha esposa e eu optamos por não escolher uma linha teológica, nós somos o que a IECLB é. Nós somos IECLB. O que a IECLB determina como forma de ser Igreja, nós entendemos como compromisso de nossa vocação seguir à risca”[150].

Esta declaração abre espaço para o último ponto aqui abordado, a saber: a identidade da IECLB atualmente. A IECLB está inserida em um Brasil que esbanja diversidade. A origem brasileira está na diversidade, e isto as aulas de História demonstram com clareza. O que não fica claro é que, a IECLB também é diversa em sua origem, porém esquece-se disso com muita facilidade.

Há pontos desta diversidade que se chocam com princípios da IECLB e do luteranismo como um todo. Isso provoca sérias tensões entre a Igreja e o Estado brasileiro, quando a Igreja se recusa a celebrar um casamento homoafetivo, por exemplo. Por vezes, a Igreja é taxada de “racista”, “preconceituosa” etc., mas não se observa que, caso a Igreja ceda a certos caprichos que a sociedade em geral possui, ela automaticamente irá contrariar princípios estipulados há pelo menos 500 anos, com a Reforma Luterana. Não é da índole do cristão luterano envolver-se neste tipo de polemização, conforme avalia P11:

> Ainda hoje, a grande maioria de seus membros é indiferente ao posicionamento que a Igreja toma em relação às autoridades constituídas ou temas polêmicos como: aborto, homossexualidade, mudanças climáticas, etc. Desde que o/a ministra celebre os ofícios solicitados e não se envolva em questões que venham em seu prejuízo moral e/ou financeiro, a grande maioria dos membros é indiferente aquilo que acontece em nível nacional, sinodal. Certamente há aqueles membros, mas na maioria das vezes uma minoria, com determinado viés de formação bíblico-teológica e identificado com determinada ideologia, direita ou esquerda, estes sim, manifestando-se a favor ou contra as manifestações da Direção da Igreja.
> Mesmo sendo ministros/as ordenados da Igreja, muitos/muitas não identificados com a posição oficial da Igreja, não divulgam e nem manifestam apoio as manifestações, cartas pastorais da Direção da Igreja. Como a liderança local é quem paga a subsistência ministerial, não cobram este tipo de resultados, ministros/ministras acabam fazendo o que bem entendem e tem tempo para corresponder o que o público que participa mais aprecia[151].

Segundo o pastor supracitado, observa-se, então, que é necessário que a IECLB exercite, cada vez mais, sua capacidade de diálogo, pois só por meio dele

[150] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 27de outubro de 2021.
[151] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 1º de dezembro de 2021.

poderá demonstrar o quão está disposta a lidar com as diferenças, e de que forma o fará. P2 reflete sobre a necessidade de retorno à prática do diálogo:

> Vejamos bem, eu falo de anos em que a Organização das Nações Unidas surge falando na necessidade do diálogo. E o que nós vivemos hoje, passados 50 anos daquele momento? Hoje o diálogo é visto como uma fraqueza, hoje o que importa é o poder, hoje se alguém não pensar como eu penso ele é discriminado por mim. Hoje se o outro não crer como eu creio ele é separado de mim. Hoje se alguém tem uma posição política diferente da minha ele é meu inimigo. Nós estamos voltando para o obscurantismo, de certa maneira, isso traz reflexos para dentro da própria Igreja. Não é só a sociedade brasileira que está em mutação, e uma mutação esquizofrênica, neurótica e louca, de ambos os lados ideológicos, tanto da esquerda quanto da direita, nós vemos um momento muito apequenado da sociedade brasileira, um momento muito mesquinho. Há 50 anos nós tínhamos a liberdade de dizer: penso diferente, mas que bom que eu sou teu irmão, vou aprender algumas coisas contigo[152].

A crise que vivenciamos atualmente demonstra suas várias faces também no contexto da IECLB, visto que pode ser observada dentro dos aspectos políticos, sociais, culturais e morais. Não obstante, vemos na IECLB uma predisposição ao diálogo, conforme o tema do ano de 2022: “Amar a Deus e as pessoas: acolha, sirva, ensine, pacifique e dialogue”.

A IECLB hoje não vive, ela sobrevive. Por quanto tempo? Essa é a questão.

> O que vai restar da IECLB? Eu tenho esperança de que nós não vamos morrer quanto instituição em nível nacional, as comunidades locais que tem vida espiritual continuarão tendo vida espiritual, agora a instituição IECLB precisa tomar algumas decisões mais corajosas do que a de 1970 (Manifesto de Curitiba). Acredito que o desafio hoje é no mínimo semelhante àquele de 1970, com o Concílio de Curitiba[153].

4.1 Conselhos: anseios de quem viveu, para com aqueles que continuarão

Este item é fruto do questionamento que encerrou as entrevistas realizadas: há algo na IECLB que te decepciona/decepcionou?

Com esta pergunta, os ministros entrevistados tiveram oportunidade de avaliar, através de suas próprias vivências, aspectos com os quais a Igreja precisa tomar cuidado daqui por diante. Este item é isento de análises interpretativas, pois, restringe-se apenas a dar vez e voz às pessoas que construíram a Igreja que conhecemos hoje.

---

[152] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 23 de setembro de 2021.
[153] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 23 de setembro de 2021.

P1 afirma que:

> Hoje criam-se polêmicas com muita facilidade, onde o norteador não é o Evangelho. Se esquece do Evangelho, cria-se a polêmica e inicia-se a polarização. Isso é muito fácil de acontecer.
> Durante os seis anos que estive na Alemanha, eu tinha que divulgar, falar sobre minorias evangélicas na América Latina, com foco no Brasil. Eu participei de muitas reuniões de pastores lá, fiz muitas palestras nesse tempo. Eu cheguei a afirmar que a melhor Igreja do mundo era a minha Igreja, a IECLB, porque eu tinha que amar a minha Igreja e falar bem dela. Eles lá falavam mal da Igreja deles, e mesmo assim queriam convencer pessoas a participar da Igreja que dava o sustento para eles. O problema em todas as instituições são pessoas, não existe outra maneira de uma instituição sobreviver a não ser por meio de pessoas, e as pessoas carregam consigo suas particularidades. Então, eu não posso afirmar que a Igreja me decepciona, mas sim que as pessoas me decepcionam[154].

As pessoas são diferentes umas das outras e, portanto, as pessoas são o problema. O desafio está em conviver com o diferente. Conforme já apontado no item anterior, P2 é militante do diálogo. Uma igreja sem diálogo enfrenta dificuldades a todo momento. No entanto, quando se trata de distorcer ou menosprezar o Evangelho, de acordo com P2, não pode haver diálogo:

> Este assunto é muito delicado. Eu tenho uma postura de que o Evangelho deve ser prioritário, o que nós fazemos é anunciar a mensagem do Evangelho de Jesus Cristo. Um país onde os que vão ao púlpito e fazem do púlpito um palanque, é um país que sofre muito, porque se quebra aquela relação mais humana de conviver com quem é diferente[155].

Possivelmente, o Manifesto de Curitiba tenha sido a maior e mais profunda manifestação política realizada pela IECLB durante sua história, no nosso entender, visto que este manifesto causou muita polemização. O envolvimento político e ideológico não é "visto com bons olhos", segundo P8: "acredito que a Igreja precisa ter um cuidado para que não se deixe levar por ideologias. Esse risco existe na teologia e, consequentemente, na igreja como um todo. Certos posicionamentos que às vezes acabam por deixar de lado a confessionalidade"[156]. Esta preocupação está presente em vários depoimentos, como é o caso de P9, que conclui:

> Algo que me decepciona na Igreja são as questões políticas e a falta de compromisso que as pessoas têm com a mesma. Questões políticas, mas não só em um sentido de defender um partido ou algo assim, mas também quanto à atuação de pessoas em busca de um benefício próprio. Quando pessoas ou pastores atuam somente pelo dinheiro que recebem, isto também decepciona. Atuar na Igreja é, antes de tudo, ter vocação.

[154] Entrevista concedida em São Lourenço do Sul/RS, em 4 de setembro de 2021.
[155] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 23 de setembro de 2021.
[156] Entrevista concedida em São Lourenço do Sul/RS, em 4 de setembro de 2021.

> Nos últimos anos, a Igreja se estruturou bastante em termos de normas e regras. Hoje temos estatutos e regimentos muito bem definidos. Por outro lado, mas somos uma igreja que dá liberdade para as pessoas escolherem e tomarem decisões, mas isso faz com que as pessoas pensem que têm total liberdade. As pessoas querem viver sua religiosidade, mas não querem manter um vínculo institucional. Não só a IECLB que passa por isso, mas as Igrejas históricas também enfrentam esses tipos de problemas.

Nesse sentido, P5 avalia que o mau uso das redes sociais é extremamente prejudicial quanto à expressão de opiniões, independentemente do assunto abordado.

O descompromisso existente para com a Igreja, de pastores e membros, também é um problema. Mais problemática ainda é a situação vivida por aqueles que ainda se preocupam e engajam-se no trabalho pela Igreja. Essas pessoas estão sujeitas sempre a inúmeras críticas. Críticas oriundas daqueles que "não colocam a mão na massa" para ver a mudança acontecer. P3 evidencia em seu relato este tipo de acontecimento:

> Algumas pessoas não aceitavam que eu participasse do Kerb, que eu fizesse o culto ecumênico na quarta à noite, também não gostavam que eu participasse do desfile na quinta-feira à tarde, nós vamos participar com um caminhão da Igreja. Teve gente que não aceitou fazer aquele salão dos fundos, disseram que isso era coisa da minha cabeça. Nós precisávamos de mais espaço físico para acomodar as atividades da comunidade. No fim das contas, por ser uma das maiores comunidades da região, as atividades do sínodo quase sempre eram realizadas nas dependências da Martim Lutero. A Martim Lutero centralizava as atividades. As pessoas colocaram na cabeça que aquele salão era feito só para fazer festa e que as festas eram coisa do diabo. Nossas festas sempre eram boas, as pessoas se sentiam acolhidas, chegavam pela manhã e iam embora à tardinha[157].

P3 expressa seu ressentimento com aquelas pessoas que, "nos bastidores", trabalhavam para dificultar o crescimento da comunidade, boicotando suas iniciativas. Esse sentimento é compartilhado também por P1, P5 e P10. P3 completa:

> Nós temos que olhar para a cruz, se olharmos para o pastor ou para o membro da diretoria, eles nos decepcionam. Nós todos decepcionamos. O único que não decepciona é Jesus Cristo, então nós precisamos olhar para Jesus e para a cruz. Esse é o segredo de ficar em comunidade, a Igreja perfeita não existe, mas caminhamos no caminho certo quando temos o Evangelho como elemento norteador. Se Deus me fez nascer dentro dessa Igreja, é porque ele tem um plano para mim dentro dela, mesmo com todas as imperfeições que eu e ela temos. É pela fé, isso Martim Lutero redescobriu durante a reforma[158].

[157] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 31 de agosto de 2021.
[158] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 31 de agosto de 2021.

As pessoas que boicotam iniciativas de reformulação e reavivamento estão habituadas ao seu comodismo. Esse comodismo também é preocupação, de acordo com P11:

> Muitos membros continuam participando de sua comunidade, porque se deram bem na vida e vão continuar participando com alegria, enquanto a mensagem proferida pela Igreja vai sustentar que são merecedores das bênçãos divinas. Se a mensagem, porém, vier com apelos que convidam a repartir com outra gente e que, no seu entendimento, não fizeram por merecer, esta Igreja talvez não seja mais tão aconchegante como sempre foi. E assim, um único "deslize" do/da ministro/a será motivo de comentários que desqualificam seus dons sempre tão bem-vindos[159].

Por fim, observa-se ainda a preocupação quanto às diferentes linhas de pensamento teológico existentes dentro da Igreja atualmente. Entre elas, destacam-se: Movimento Encontrão, Pastoral Popular Luterana e Missão Evangélica União Cristã. Independentemente da vertente, o compromisso deve estar alinhado com a IECLB, e sobretudo, com o Evangelho. P5 expressa:

> Nós somos diversos em nossa origem, as linhas teológicas estão em nossa origem e não vão deixar de existir. O desafio está em entender-se como parte de uma Igreja. Nós somos diferentes, mas temos coisas que nos unem e devem ser zeladas como sinais de unidade. O primeiro sinal de unidade da igreja deve ser Jesus Cristo, a pregação deve apontar para Jesus Cristo. Há sinais de unidade menores, por exemplo, hinos expressam unidade, jeitos de celebrar também expressam unidade. Se a diversidade é bem trabalhada e bem usada, ela não prejudica a unidade. O problema está quando a linha teológica ou o grupo se coloca acima do ser Igreja. Ali há problema, pois fere muito a unidade da Igreja. Há uma divergência muito grande entre os centros de formação dos pastores aqui no Brasil. Talvez a principal crise de identidade da Igreja esteja na formação. Se não há unidade na formação, não haverá unidade na prática. Espero que a Igreja trabalhe isso com mais intensidade nos próximos anos[160].

Os desafios existentes no ensino de teologia atual são suficientes para a elaboração de outra dissertação. No entanto, é preciso que a IECLB seja unânime internamente, para que possa acolher devidamente a quem se sentir convidado a comungar a fé luterana. Ainda é necessário corrigir rumos.

> A Igreja é uma Igreja voltada a pessoas que queiram nela encontrar acolhida para expressão/vivência de sua fé. A Igreja, felizmente, tomou um rumo, que condiz com a sua história, preservando compromisso com a Sagrada Escritura e a Confessionalidade, enraizada nesta mesma Escritura. Infelizmente a Igreja vem se desgastando com movimentos e grupos que desejam usar a estrutura de uma Igreja já constituída para uma missão com

[159] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 1º de dezembro de 2021.
[160] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 27 de outubro de 2021.

> acentos diferentes e até comprometidos com outra Igreja cristã ou até religiosa[161].

A fala destaca o quão semelhantes são os desafios vividos pela Igreja luterana brasileira, com relação aos aspectos discutidos por Lutero ao tempo da reforma. Interessante destacar que a busca por confessionalidade e verdadeira vivencia de fé permanece atual, passados já 500 anos.

Este capítulo buscou apresentar uma análise do tempo presente, demonstrando essa longa duração, de elementos constituídos no início do século XX, que até hoje balizam disputas dentro da Igreja, e que de certa forma pautam questões teológicas e de manutenção enquanto instituição viável.

[161] Entrevista concedida em Pelotas/RS, em 1º de dezembro de 2021.

5 Considerações finais

Ao final desta dissertação, vários elementos foram se redefinindo em minha pesquisa, sobretudo, o aspecto que uma estruturação densa e histórica entre religiosidade e germanidade em nosso objeto de pesquisa deixou marcas tão profundas que, na contemporaneidade, ainda é possível reconhecer singularidades próprias da comunidade do extremo sul brasileiro, a saber: seu aspecto conservador da defesa entre germanidade e religiosidade.

É importante refletir sobre sua estruturação, que por sua vez, permitiu um contato nada vulgar com o universo de pesquisa, bem como, contribuir para releitura de um fragmento da história brasileira que, por vezes, foi solapado na poeira do tempo histórico.

Em um primeiro momento, como forma de contextualização, este estudo buscou construir através dos recortes mais significativos, um histórico acerca da personalidade pomerana, presente de forma muito rica em Pelotas/RS, que se transmutou em uma identidade teuto-brasileira luterana, desde que os primeiros imigrantes estabeleceram-se na região que configurou nosso objeto de pesquisa. Uma marca que reverbera até os dias atuais. Também foi possível observar características particulares das comunidades luteranas existentes em Pelotas/RS, seus contextos de criação e seu compromisso com a germanidade, ao menos até 1945. Esse capítulo empreendeu ainda uma análise de caso, a fim de demonstrar, na prática, a perigosa ligação entre Evangelho e germanidade, que configura na manutenção de uma identidade imaginada entre os grupos a ela pertencentes.

Interessante destacar, como ficou perceptível ao longo da dissertação, que constantemente foi preciso contextualizar e exemplificar, para dar suporte às nossas reflexões sobre germanidade e Igreja Luterana no Brasil. Várias reflexões feitas no decorrer da pesquisa só têm sentido através desta análise minuciosa do contexto.

Neste período que compreende quase 70 anos (1881-1945), observa-se que o perfil assumido pela comunidade teuto-pelotense, e consequentemente, por sua religiosidade, é resultado da resistência luso-brasileira quanto à imigração alemã no Brasil e à tentativa de integração dessas comunidades na sociedade brasileira. Em meio a um contexto de autonomia teuto-pelotense, gerada pelo desamparo por parte do Estado Brasileiro, as tensões começam a aumentar com a unificação alemã,

fortemente embasada na ideia de um tipo de germanidade marcada pela mescla de um sentimento nacionalista, uma religiosidade intensa e uma identificação, praticamente atávica, reinventada a partir de tradições difusas, de uma ancestralidade coletiva da comunidade. Aumenta-se ainda mais as dificuldades entre teuto-pelotenses e brasileiros quando, nas décadas de 1930 e 1940, põem-se em vigor a nacionalização, e em seguida, a perseguição física contra alemães e seus descendentes. Pensa-se na situação paradigmática vivida pela comunidade teuto ao confrontar-se com esta enchente de pensamentos sócio-políticos e religiosos. Afinal, o que fazer em meio ao choque entre as propostas de germanidade e germanismo, visto que a Igreja luterana, em determinado momento, também defendeu o germanismo? Estas situações foram traumatizantes para a comunidade foco de nossa pesquisa, e ainda são perceptíveis, sendo uma das chaves de leitura sobre essa questão que continua presente na Igreja Luterana, como foi possível observar nos capítulos que se seguiram.

Em um segundo momento, por meio do diálogo com as fontes orais e escritas, este trabalho debruçou-se sobre a análise de um momento específico na história do luteranismo pelotense. Neste sentido, contemplamos um período em que se somam iniciativas por parte da direção da IECLB, em um sentido de abertura cultural da Igreja. A aplicação da reorientação teológica foi trabalhada por meio de filtros próprios, o que determinou a Pelotas/RS uma abertura singular e repleta de contradições. Interessante ver que as contradições marcaram esta trajetória, pois ao mesmo tempo em que as comunidades buscavam ampliar o número de devotos, flexibilizaram o acesso referente à questão da germanidade e, com isso, afastavam membros que viam este aspecto como algo basilar para sua manutenção. Outrossim, os que ficavam não conseguiam significativas ampliações, devido à sua própria estrutura cultural amplamente consolidada.

Destaca-se a tentativa de protagonismo de pastores ligados ao Movimento Encontrão. Seu caráter evangelístico foi fundamental para que a comunidade luterana pelotense desse seus primeiros passos na direção de uma tentativa de superação do paradigma de uma igreja alemã no exterior, voltada unicamente para si mesma.

Propondo um panorama geral sobre a atual IECLB, no capítulo quatro deste estudo, objetivou-se demonstrar que, as circunstâncias ensinaram a IECLB a ampliar seus horizontes étnicos. Porém, reformularam-se também os problemas enfrentados pela instituição. Segundo as fontes, em determinada escala e dependendo do ponto

de vista, falta dinheiro, falta confessionalidade, falta compromisso, falta liturgia, falta de tudo, inclusive, a própria fé.

Em termos de consideração final, há alguns aspectos que precisam ser salientados. Estes aspectos dizem respeito á tentativa de abertura cultural da Igreja em Pelotas/RS e aos problemas advindos desse processo, constatados através do diálogo com as fontes.

Primeiramente, o Movimento Encontrão foi importante para conduzir as comunidades para uma maior abertura cultural, no entanto, isso não é uma regra. O Movimento Encontrão nunca foi e possivelmente nunca será uma unanimidade entre as comunidades e seus membros. Tampouco, não ter relações com o movimento é sinônimo de impedimento para crescimento e renovação. Há comunidades, como a Advento, que cresceram muito antes da chegada dos encontristas. Hoje, um exemplo disso é a Paróquia Trindade, de Pelotas/RS, que não se identifica com nenhuma vertente teológica, e mantem-se em crescimento, independentemente disso. Cabe ressaltar que, a escolha do pastor passa pelo crivo da comunidade. Neste processo, os valores aos quais os pastores estão vinculados, sejam eles políticos, familiares e/ou, sobretudo, posicionamentos intramuros da Igreja, são determinantes para sua aceitação ou não.

Outro aspecto interessante é que a abertura cultural é algo muito particular de cada comunidade. Há comunidades naturalmente pré-dispostas a uma maior aceitação daqueles que não são teuto-descendentes, sobretudo, no meio urbano. As comunidades rurais da IECLB são, naturalmente, mais fechadas. Se as comunidades do interior vinculadas à IECLB, que constantemente recebem incentivo para isso, tendem a demorar mais a incluir o que é diferente, o que dizer das *"Freie Gemeinschaften"* (comunidades livres), características da região sul do Rio Grande do Sul? Nestas, qualquer tipo de mudança é extraordinariamente mais complicado de ser posta em prática. É ousado, mas não equivocado, afirmar que, quanto mais ao Sul do país, mais conservadoras as comunidades tendem a ser, fruto talvez do seu processo de colonização. Um exemplo são os Menonitas[162] da cidade de Hulha Negra/RS, na fronteira entre Brasil e Uruguai. Este grupo religioso mantém até hoje o

[162] Os Menonitas são um grupo de denominação cristã que descende diretamente do movimento anabatista que surgiu na Europa no século XVI, na mesma época da Reforma Protestante. Tem o seu nome derivado do teólogo frísio Menno Simons (1496-1561), que através dos seus escritos articulou e formalizou os ensinos dos anabatistas suíços. Segundo estimativas de 2015, há mais de 2,1 milhões de Menonitas espalhados pelo mundo todo.

uso da língua alemã e não faz questão de abrir seus templos às diversas culturas que os cerca. Em menor escala, os luteranos reproduzem também barreiras que dificultam esta integração mais ampla.

É digno de nota, que as fontes analisadas evidenciam que, por mais aberta que a Igreja Luterana em Pelotas/RS possa parecer estar hoje em dia, ela ainda peca nesse sentido. Em Pelotas/RS, vemos ainda uma Igreja que, por muitas vezes, não faz questão de acolher, mesmo tendo progredido muito neste aspecto. A IECLB, enquanto instituição, não mede esforços na tentativa de acolher, mas, em termos gerais, ainda não é uma Igreja que está preparada para acolher o outro. Não está em sua índole o espírito missionário. Em artigo de 1994, Jungblut afirmara que:

> O primeiro ponto a se destacar é a persistência do luteranismo no Brasil como uma religiosidade ainda muito ligada às populações descendentes dos imigrantes alemães. Até onde as informações de alguns autores nos permitem constatar, as duas Igrejas – IECLB e IELB – são, na atualidade, compostas em cerca de 90% de adeptos descendentes de alemães. Ora, esse dado é incontestavelmente revelador de uma religiosidade ainda muito circunscrita à etnia que a introduziu no cenário religioso brasileiro. Dessa forma, por mais que a IECLB e a IELB tentassem, de formas historicamente distintas, incorporarem-se à cultura e sociedade nacional, elas permanecem ainda bastante teuto-brasileiras continuando a merecer, portanto, a categoria de "Igrejas de protestantismo de imigração" a elas atribuídas (JUNGBLUT, 1994, p. 144).

O autor, vinte e sete anos depois, tende a corroborar com a citação de Jungblut, visto que, em nosso diálogo com as fontes, constata-se que essa perspectiva se mantém atual.

Em tempo, é preciso pensar a abertura cultural como um processo, um processo que ainda está acontecendo, há pelo menos 75 anos. Segundo o pastor Ricardo Agreste[163], mudar os rumos de uma Igreja recém criada é como fazer uma curva de jet-ski, rápido e prático, no entanto, redirecionar uma Igreja centenária como a IECLB é como mudar o curso de um transatlântico, um processo lento e cuidadoso. Segundo nosso diálogo com as fontes, a IECLB ainda precisa percorrer um longo caminho de reflexões e atitudes, para conseguir atender devidamente todos e todas que buscarem nela algum tipo de reduto espiritual. No entanto, entende-se também que, qualquer tipo de abertura proposta, que por ventura venha a ferir o Evangelho, não valerá a pena enquanto instituição, visto que, poderá descaracterizar e afastar importantes representantes da doutrina luterana original.

[163] Ricardo Agreste, pastor da Igreja Presbiteriana Chácara Primavera, em Campinas/SP.

É complexo resumir esse fragmento da história luterana pelotense em algumas páginas de escritos acadêmicos, mas, até certo ponto, as dimensões desses conflitos e tensões podem ser compreendidas, principalmente quando as pessoas envolvidas no processo o narram. Permanece na memória dessas pessoas, no seu cotidiano, as lembranças do passado e suas consequências.

Esta pesquisa também traz a intenção de incentivar e estimular novas pesquisas para que, no futuro, outros professores e alunos possam rever a história multifacetada do luteranismo pelotense, gaúcho e brasileiro.

Por fim, destaco que o projeto inicial de pesquisar a influência nacional-socialista no Sínodo Rio-Grandense e seu processo de “desnazificação” (termo totalmente inapropriado) foi sendo transformado, à medida que o diálogo com as fontes tornava latente e permitia uma maior reflexão acerca da abertura cultural luterano-pelotense, responsável em certa escala por um significativo avanço rumo ao propósito evangelístico original.

Enfatizo que, revisitar esse passado com rigor acadêmico, possibilitou uma releitura significativa da história religiosa e social de Pelotas/RS e também da própria história do autor, visto que também é teuto-descendente de origem pelotense.

Referências

ANDERSON, B. R. **Comunidades Imaginadas**: reflexões sobre a origem e a difusão do nacionalismo. Tradução de Denise Bottman. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ARENDT, I. C. **Representações de germanidade, escola e professor no Allgemeine Lehrerzeitung Für Rio Grande do Sul.** [Jornal Geral para o Professor no Rio Grande do Sul]. Tese (Doutorado). Orientação: Prof. Dr. Martin Norberto Dreher. Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Programa de Pós-Graduação em História, 2005. 292f.

ARRUDA, J. A.; PILETTI, N. **Toda a História**: História Geral e História do Brasil. 6. ed. São Paulo: Ática, 1997.

BEHS, E. **O Processo de abrasileiramento da "Igreja dos Alemães".** Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2001.

BIERHALS, B. E. **Afetividades divididas:** teuto-brasileiros durante a Segunda Guerra Mundial, perspectivas de identidade. Orientador: Edgar Avila Gandra. 2019. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2019.

BOURDIEU, P. **O poder simbólico**. Tradução de Fernando Tomas. 12. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2009.

BRAUDEL, F. História e ciências sociais. A longa duração. *In*: **Escritos sobre a história**. Tradução de Jacó Guinsburg e Tereza da Mota. 2. ed. São Paulo: Perspectiva, 2005.

BUCHHOLZ, W. **Pommern**. Germany: Siedler, 1999.

BUSS, H. **"Entjudete" Kirche**: die Lübecker Landeskirche zwischen christlichem Antijudaismus und völkischem Antisemitismus (1918-1950). Paderborn: Ferdinand Schöningh, 2011.

CERUTTI, S. A construção das categorias sociais. *In*: BOUTIER, J.; JULIA, D. **Passados Recompostos**. Rio de Janeiro: UFRJ/FGV Editora, 1998.

CLARK, C. M. **1947**. Cambridge, Massachusetts: Belknap Press of Harvard University Press, 2006.

CUNHA. M. F. **Reforma e contra-reforma**. 1. ed. Lisboa: Quimera, 2002.

DECKER, C. B. **A escola confessional luterana e a história do Colégio Sinodal Alfredo Simon**. Orientador: José Plínio Guimarães Fachel. 2005. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em História) – Instituto de Ciências Humanas, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, 2005.

DIÁRIO POPULAR. Comunidade Evangélica São João completa 130 anos. Foto: Gabriel Huth. Pelotas, 20 out. 2018. Facebook: Diário Popular @diariopopularRS. Disponível em: https://www.facebook.com/diariopopularRS/posts/2267458656615423/. Acesso em: 21 dez. 2021.

DREHER, M. N. (org.) **Hermann Gottlieb Dohms**: textos escolhidos Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. (Pensadores Gaúchos, v. 8).

DREHER, M. N. **História do Povo de Jesus**: uma leitura latino-americana. São Leopoldo: Sinodal, 2013, p. 477-513.

DREHER, M. N. **Igreja e germanidade**: estudo crítico da história da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo: Editora Sinodal, 1984.

DREHER, M. N. Karl Friedrich Stellbrink. Mártir do Nazismo. *In:* DREHER, M. N. **Espelhos**: Histórias de fé e vida. São Leopoldo: Sinodal, 2010. p. 9-11.

ENGLAND, U. **Deutschland Erwache**: the history and development of the nazi party and the "Germany Awake" Standards. R. James Bender Publishing, 1997.

FACHEL, J. P. G. **As violências contra os alemães e seus descendentes, durante a Segunda Guerra Mundial, em Pelotas e São Lourenço do Sul**. Pelotas: UFPEL, 2002.

FARINATTI, L. A. Construção de séries e micro-análise: notas sobre o tratamento de fontes para a história social. **Anos 90**, Porto Alegre, v. 15, n. 28, p. 57-72, 2008.

FISCHER, J. H. Reforma luterana e Missão. **Estudos Teológicos**, v. 41, n. 3, p. 5-21, 2001.

FRANCO JÚNIOR, H. As Motivações Psicológicas. *In*: FRANCO JÚNIOR, H. **As Cruzadas**: Guerra Santa entre Ocidente e Oriente. São Paulo: Moderna, 1999.

FREIRE, P. **Ação cultural para a liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1984. (Coleção O Mundo, Hoje, v. 10)

GEDENKSTÄTTE Lutherkirche. Adele Dieckmeyer, sogra de Karl Friedrich Stellbrink, com Gisela Stellbrink no colo. Disponível em: https://www.gedenkstaette-lutherkirche.de/. Acesso em: 15 jun. 2021.

GEDENKSTÄTTE Lutherkirche. Família Stellbrink no jardim da casa paroquial com Ewald, Gisela, Hildegard, Karl Friedrich, Waltraut, Gerhard e Hugo. Disponível em: https://www.gedenkstaette-lutherkirche.de/. Acesso em: 15 jun. 2021.

GEDENKSTÄTTE Lutherkirche. Karl e Hildegard Stellbrink, em Arroio do Padre II. Disponível em: https://www.gedenkstaette-lutherkirche.de. Acesso em: 16 jun. 2021.

GEDENKSTÄTTE Lutherkirche. Passaporte de Karl Friedrich Stellbrink e sua família, emitido em 1929, quando retornou à Alemanha. Disponível em: https://www.gedenkstaette-lutherkirche.de/. Acesso em: 15 jun. 2021.

GERTZ, R. E. A guerra que ainda não acabou: a população de origem alemã no Rio Grande do Sul após a Segunda Guerra Mundial. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE HISTÓRIA REGIONAL, 2., 2013, Passo Fundo. **Anais Eletrônicos** [...]. Passo Fundo: UPF, 2013.

GERTZ, R. E. A Segunda Guerra Mundial nas regiões de colonização alemã do Rio Grande do Sul. **Revista Acadêmica Licencia&acturas**, Ivoti, v. 3, n. 2, p. 15-25, jul./dez. 2015.

GERTZ, R. E. A sombra da Segunda Guerra Mundial sobre o Rio Grande do Sul. *In*: CARVALHO, B. L. P.; LUCAS, T. C. (org.). **Expressões do nazismo no Brasil**: partido, ideias, práticas e reflexos. Salvador: Sagga Editora, 2018. p. 200-217.

GERTZ, R. E. Descendentes de alemães no Rio Grande do Sul após a Segunda Guerra Mundial. *In*: SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA, 27., 2015, Florianópolis. **Anais** [...]. Florianópolis, 2015.

GERTZ, R. E. Dilemas para escrever uma história da imigração e da colonização alemãs. *In*: MÜGGE, M. H.; MÜGGE, E.; HAUENSTEIN, I. (org.). **Construindo diálogos**: história, educação e ecumenismo. São Leopoldo: Oikos, 2010. p. 247-264.

GERTZ, R. E. Germanismo e germanidade: imaginário e realidade. *In*: LUCHESE, T. A.; MALIKOSKI, A. (org.). **Italianidades, polonidades e germanidades**. Caxias do Sul: EDUCS, 2021. p. 351-386.

GERTZ, R. E. Os “súditos alemães” no Brasil e a “pátria-mãe” Alemanha. **Espaço Plural**, Marechal Cândido Rondon, ano IX, n. 19, p. 67-73, 2008.

GERTZ, R. E. Os Luteranos no Brasil. **Revista de História Regional**, v. 6, n. 2. 2007.

GERTZ, R. E. Política, religião e etnia: vida religiosa nas regiões de colonização alemã do Rio Grande do Sul durante a Segunda Guerra Mundial e no imediato pós-guerra. *In*: ARENDT, I. C.; WITT, M. A.; SANTOS, R. L. (org.). **Migrações**: religiões e religiosidades. São Leopoldo: OIKOS Editora, 2016. p. 953-967.

GINZBURG, C. Representação: a palavra, a ideia e a coisa. *In*: GINZBURG, C. **Olhos de Madeira**: nove reflexões sobre a distância. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. p. 85-103.

GINZBURG, C.; PONI, C. O nome e o como: troca desigual e mercado historiográfico. *In*: GINZBURG, C. **A micro-história e outros ensaios**. Lisboa: Difel; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1989. p. 169-178.

HALL, S. **Identidade na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2006. p. 7-22.

HOBSBAWM, E. **Era dos Extremos**: o breve século XX (1914-1991). São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

LE GOFF, J. **História e Memória**. Tradução de Bernardo Leitão. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

LEVI, G. 30 anos depois: repensando a Micro-história. *In*: MOREIRA, P.; VENDRAME, M.; KARSBURG, A. (org.). **Ensaios de Micro-história**: trajetória e migração. São Leopoldo: Oikos, 2016. p. 18-31.

LEVI, G. **A herança imaterial**: trajetória de um exorcista no Piemonte do século XVII. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2000.

LIMA FILHO, H. E. Micro-história. *In*: CARDOSO, C. F.; VAINFAS, R. **Novos domínios da História**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012. p. 207-223.

LOWENTHAL, D. Revivir el pasado: sueños y pesadillas. *In*: LOWENTHAL, D. **El pasado es un país extraño**. Madrid: Akal, 1998.

LUTERO, M. **95 Teses**. Wittenberg, 1917. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/lutero/95_teses.html. Acesso em 04.01.2020

LUTERO, M. **Obras Selecionadas**: Ética: Fundamentos, Oração, Sexualidade, Educação, Economia. v. 5. São Leopoldo: Comissão Interluterana de Literatura Sinodal, 1995.

MAPIO.NET. Imagem da Comunidade Evangélica Advento. Disponível em: https://mapio.net/pic/p-72627560/. Acesso em: 21 dez. 2021.

MAAHS, N. **Centenário de fundação da comunidade evangélica Martim Lutero**: 28.11.1914 - 28.11.2014. Pelotas, 2014.

MENESES, U. T. B. Fontes visuais, cultura visual, História visual. Balanço provisório, propostas cautelares. **Revista Brasileira de História**, v. 23, n. 45, p. 11-36, 2003.

OBERACKER, K. H. **Na terra ensolarada do Brasil**: imagem e perfis. Experiências no Sul do Brasil. Tradução, apresentação e notas: Walli Dreher e Martin N. Dreher. São Leopoldo: Oikos, 2020.

POLLAK, M. Memória e identidade social. **Revista Estudos Históricos**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1992.

PORTAL Luteranos. Paróquia de Três Vendas em Pelotas. Sínodo Sul-Rio-Grandense. Imagem da Comunidade Evangélica Martim Lutero. Disponível em: https://www.luteranos.com.br/conteudo_organizacao/tres-vendas/presenca-como-paroquia-em-pelotas-tres-vendas. Acesso em: 21 dez. 2021.

PRIEN, H. J. **Formação da Igreja Evangélica no Brasil:** das comunidades teuto-evangélicas de imigrantes até a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil. São Leopoldo/Petrópolis: Sinodal/Vozes, 2001.

REVEL, J. **Jogos de Escala**: a experiência da microanálise. Tradução de Dora Rocha. Rio de Janeiro: Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998.

ROCHE, J. **A colonização alemã e o Rio Grande do Sul**. Porto Alegre: Globo, 1969.

RÖLKE, H. R. **Descobrindo raízes**: aspectos geográficos, históricos e culturais da Pomerânia. Vitória: UFES/ Secretaria de Produção e Difusão Cultural, 1996.

SCHÜNEMANN, R. **Do gueto à participação**: o surgimento da consciência sócio-política na IECLB entre 1960 e 1975. São Leopoldo: Sinodal/IEPG, 1992.

SIMON, M. Em função do progresso. *In*: **Igreja em nossos dias**. São Leopoldo: Metrópole, 1971.

THOMPSON, E. P. **Costumes em comum**: estudos sobre a cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa**: a árvore da liberdade. v. 1. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

THOMPSON, E. P. **A miséria da teoria ou um planetário de erros**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, E. P. A história vista de baixo. *In*: NEGRO, Antonio L.; SILVA, Sérgio (org.). **As peculiaridades dos ingleses e outros artigos***.* São Paulo: Unicamp, 2001.

WIIT, M. A. **Em busca de um lugar ao sol:** anseios políticos no contexto da imigração e da colonização alemã (Rio Grande do Sul - século XIX). Tese

(Doutorado) – Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação em História. PUCRS, 2008. Orientador: Prof. Dr. René Ernaini Gertz – Porto Alegre, 2008. 428 f.

WIRTH, L. E. Protestantismo brasileiro de rito luterano. **Revista USP**, São Paulo, n. 67, p. 68-77, 2005.

TERMO DE RESPONSABILIDADE DE PLÁGIO

Eu, Bruno Einhardt Bierhals, matricula nº 20103274. declaro para todos os fins que o texto em forma de (X) Dissertação de mestrado ou ( ) Tese de Doutorado, intitulado: A fé sub judice: germanidade e fé luterana no extremo sul do Brasil, é resultado da pesquisa realizada e de minha integral autoria. Assumo inteira e total responsabilidade, sujeitando-me às penas do Código Penal ("Art. 184. Violar direitos de autor e os que lhe são conexos").

Pelotas, 22 de junho de 2022.

ASSINATURA